



**CADERNOS DE EDUCAÇÃO
POPULAR 4**

**Só a gente
que vive
é que sabe**

DEPOIMENTO DE
UMA DOMÉSTICA

O que é a seca

NARRATIVA DE
UM CAMPONÊS

SÓ A GENTE QUE VIVE É QUE SABE

Depoimento de uma doméstica

O QUE É A SECA

Narrativa de um camponês



Petrópolis

em co-edição com

NOVA — Pesquisa, Assessoramento
e Avaliação em Educação

1982

© 1982, NOVA — Pesquisa, Assessoramento e Avaliação em Educação
Rua Barão do Flamengo, 22/803
Rio de Janeiro, RJ
Brasil

Direitos de publicação:
Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25600 Petrópolis, RJ
Brasil

Diagramação
Valdecir Mello



SUMÁRIO

- Apresentação, 7
- SÓ A GENTE QUE VIVE É QUE SABE, 9
- I. UM POUCO DA MINHA VIDA, 9
- II. SÓ A GENTE QUE VIVE É QUE SABE, 16
- Essa comida e essa casa..., 16
- A doméstica não decide, 18
- A doméstica é testemunha de muitas coisas..., 20
- Aquele momento na calçada, 21
- Você cria um laço afetivo, 22
- A gente ainda é como escravo, 24
- Não tem horário de trabalho, 25
- Fazer greve como?, 26
- Quando uma menina dá força à outra, 27
- Entra para fazer um serviço e passa a fazer muito, 29
- Uma coisa boa demais foi o rádio a pilha, 30
- Se a doméstica pudesse ser uma profissional como outros..., 31
- Muita gente acha que doméstica é ladra, 33
- A gente mora no mesmo local onde trabalha, 34
- Diarista é mais livre, 37
- A carteira de trabalho e o INPS, 38
- Tem patrão que não sabe nada da lei, 41
- A menina torce para que a gente acerte, 41
- Dizem que a doméstica não produz!, 42
- Há mais de 50 mil domésticas no Recife, 43
- III. A SITUAÇÃO DE TRABALHO INFLUI NA VIDA TODA, 44
- É difícil ter uma personalidade firmada, 44
- “Por que você se entrega assim a qualquer um?”, 45
- O relacionamento com rapazes, 48
- Na vista da patroa a doméstica não reage, 49

A menina não diz que é doméstica, 51
A doméstica está querendo deixar a profissão, 52
Muitas já não estão aceitando ser doméstica, 54
A doméstica é muito religiosa, 55
Para a doméstica, a Igreja tem um peso, 56
A doméstica e o movimento das mulheres, 57

IV. A DOMÉSTICA E OS OUTROS TRABALHADORES: UM MUNDO SÓ, 59

A doméstica vive a luta de classe, 59
Patrão só muda se for por uma pressão da gente, 60
Não sair da classe, 61
Na campanha dos metalúrgicos, 63
As ações têm que ser diferentes, 64
Mas os problemas de todas as domésticas são os mesmos, 66
“Poucas não vão gritar com muita garra”, 67
Existe pessoas que se aproveita do trabalhador, 69

V. MAIS UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA, 71

Eu fui para a JOC, 71
E voltei para ser doméstica, 72
Sentar na mesa junto com os patrões?, 74
Quando as minhas companheiras não reagem..., 75
O puxa-saco, o cagüete, 75
Eu não faço coisas só para satisfazer você, 75
O que me faz crescer é a vida com meus companheiros, 77

O QUE É A SECA, 79

Introdução, 79
O que é a seca: (o título deste livrinho), 80
A fome não é casual. Não é casualmente que existe
a classe pobre, 87
A fome não é causada pela seca, 88
A seca no Nordeste não é por causa da falta de chuva, 89
Porque o Nordeste é diferente do resto do país, 94

CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR 4 contém os depoimentos de uma empregada doméstica e de um camponês.

“Só a gente que vive é que sabe” narra — sempre com muita emoção — a luta da doméstica contra a desvalorização a que é submetida. Partindo desta desvalorização, e extraindo dela suas consequências, a autora pensa a união das domésticas entre si e com os demais trabalhadores.

“O que é seca” mostra os mecanismos de dominação acionados sob o pretexto de combatê-la — principalmente a manipulação em torno da obtenção de votos na área rural.

O depoimento da doméstica foi gravado em fitas no mês de março deste ano. O do camponês foi escrito por ele mesmo, e está datado de novembro de 81, tendo sido publicado originalmente pela “Pastoral da Terra” do Regional Nordeste 1, cuja versão conservamos na íntegra.

SÓ A GENTE QUE VIVE É QUE SABE

I. UM POUCO DA MINHA VIDA

Eu vou começar essa conversa falando assim de eu como doméstica no dia-a-dia da minha vida. Eu acho que teria de falar um pouco da minha vida mesmo como doméstica. Porque em todo o meu trabalho, em toda a minha luta, eu sempre tive que voltar a mim mesma para poder entender as minhas companheiras. Eu, Lenira como fui e Lenira como estou sendo hoje, depois de ter passado por um grande processo de aprender com outras pessoas, com as minhas companheiras.

Então, quando eu comecei a trabalhar, eu tinha 14 anos. Eu vim do interior de Alagoas. Minha mãe perdeu os pais, eu nunca ouvi falar nos pais de minha mãe; então, ela ficou sendo criada pelo dono do engenho. Minha mãe ficou assim como propriedade dos donos de engenho, ela passava de família para família.

Eu sou filha de mãe solteira porque minha mãe foi prostituída pelo filho do dono do engenho, o filho da senhora que criou ela. Então esta senhora assumiu de criar o meu irmão mais velho, por ele ser filho do dono do engenho; mas minha mãe trabalhando também. Aí, eu sou filha de doméstica, de mãe solteira, com camponês. Mas meu pai nunca assumiu, quer dizer, eu nunca tive assim pai, nunca tive casa.

Não tinha casa porque minha mãe nunca teve casa, sempre foi na casa dos outros. Meus irmãos, outros assumiram. E eu e minha irmã ficamos com minha mãe. Foi a única irmã que eu convivi com ela até os 13 anos, porque com 14 anos eu vim aqui para o Recife. Então eu não sei como eu vivi pequena mesmo. Tinha uma senhora que tomava conta da gente, mas assim o que dá para lembrar é que a gente vivia na casa grande com a minha mãe.

Eu não gostava de viver naquela casa, na casa grande. E teve uma coisa que me marcou muito: eu tinha assim talvez uns 7 anos e um dia eu ouvi minha mãe dizer que só agüentava aquelas coisas por minha causa e por causa da minha irmã, porque tinha a gente para criar. Então aquilo... eu fiquei calada, eu era muito pequena para entender. Meu irmão já tinha sido casado e tinha separado da mulher; mas assim que ele arrumou outra companheira, eu passei para casa de meu irmão, porque eu não gostava daquela casa grande em que eu vivia. Então, eu passei a viver com meu irmão e voltava lá para dormir com minha mãe na casa grande.

Minha mãe só tinha ela e um irmão. E meu tio se mudou desse engenho e levou minha mãe. E daí ela não passou mais trabalhar em casa de família, porque ela já era velha e cansada, e já tinha um filho que assumia. E aí eu não fui com ela; eu fiquei na casa desse meu irmão mais velho até os 14 anos. Esse irmão, eu tinha um respeito por ele como pai. Com 14 anos eu vim para o Recife trabalhar como doméstica na casa do meu padrinho; ele era filho do homem que prostituiu minha mãe.

Uma coisa que não dava para perceber no começo mas que depois, agora, eu vejo, é que talvez tenha uma diferença da doméstica que vem da zona da cana para a doméstica que vem, talvez, do sertão, eu não sei.

O fato é que depois eu pude perceber que a doméstica que vem da zona da cana, ela vem já com medo, já sendo assim mais escrava, porque ela já viu todos aqueles camponeses sendo escravos. Como meu tio, meus irmãos. Eu vim em 1944 aqui para o Recife. Quer dizer que há uma diferença para agora. Mas naquele tempo, o camponês ainda apanhava nos escondidos. O senhor de engenho era tudo, era padre, era militar, ele era tudo. Então você já vem submissa, já vem naquela marca.

Eu acho que a doméstica que vem do interior agora já tem noção de alguma coisa; é pela televisão, pelo rádio... Eu não quero dizer que no interior ela tenha rádio ou televisão na casa dela, mas uma vez ela vai assim a uma festa na cidade, vai na feira, então ela tem noção de alguma coisa. Naquele tempo eu não tinha noção de nada. Eu sabia o que era eletricidade porque o engenho tinha, mas era

motor separado. Eu não sabia o que era interruptor, eu não sabia o que era água encanada, eu não sabia o que era torneira. Então, você se mete numa casa dessas aqui no Recife, você fica perdida.

Então, eu não sabia o que era mamadeira. Eu vim ser babá. E no interior, a gente chama frasco o que se chama vidro aqui. Frasco era aquele vidro comprido que botava bico de borracha fino e que dava leite a menino. E como babá, aqui eu encontrei um frasco; eu achava que era frasco porque era uma coisa de vidro, só que era maior, com uns números e com um bico mais largo. Então, para mim, era frasco. E quando a patroa pedia, eu dizia: "É o frasco". E ela dizia: "Frasco não, mamadeira". E um dia eu ouvi uma conversa da minha patroa, ela dizendo para outra amiga que eu chamava frasco.

E também eu acho que a gente vinha do interior quase como bicho do mato. Mas a gente vai aprendendo... porque tinha que aprender mesmo. A gente amadurece como banana de carbureto, porque ninguém não ensina, mas a gente aprende tudo.

Eu era uma menina nova, mas tinha muita responsabilidade porque eu já tinha assumido muito na casa do meu irmão. Eu tinha coragem de trabalhar. Eu trabalhava tanto, tanto, que aí eles me encheram de serviço. Eu assumia demais, demais, demais nessa casa, porque souberam me aproveitar e eu tinha uma vontade de aprender e aprendia mesmo as coisas. Então eu acho que na medida também que a gente vai evoluindo, aprendendo as coisas, quase que é assim uma vantagem para aquela dona. Porque parece que a gente veio como bicho do mato e, na medida que a gente aprende, ela nunca acha, nunca vê que a gente fez esforço, acha que o valor foi dela. Então, isso também é uma coisa que marca a gente e que já é um entravo no relacionamento da doméstica.

E assim passou a minha vida dentro da casa. Uma coisa que era muito ruim é que eles não me botavam eu junto com as outras domésticas. Eu não sabia por que. Eu fui dormir num quarto separado. E também, para eu sair, eu tinha que sair com as domésticas do pai desse homem que era meu padrinho. Então eu não entendia por que era que eu não saía com aquelas domésticas da própria casa.

E fui criada assim. As domésticas achavam que eu estava sendo mais protegida, só que depois eu vi qual era a proteção. Era para eu não aprender alguma coisa com as outras domésticas, e era também muito aquela proteção de medo de eu me perder, como a gente diz, que é perder a virgindade. E por isso, eu fui muito marcada,

muito presa, presa mesmo, nessa casa. Ninguém deixava eu sair. Sempre com medo das coisas.

E eu fui ficando assim aquela menina marcada, aquela menina que se pegou assim a coisa de Igreja. Eu fui ser de tudo quanto era de Igreja; de tudo quanto era que tinha de fita de religião, eu participava. Era demais, eu tinha que comungar todos os dias. Eu procurava uma coisa, porque era sofrer muito. A religião me respondia, mas de certo modo não respondia. Nas dúvidas que eu tinha, eu me perguntava: mas o que é esse Cristo que não responde?

Então, parece uma coisa que pode até achar que é uma besteira, mas nessa casa tinha muitas domésticas, e a gente se reunia à noite para rezar o terço para que saísse da casa dos outros. Era a luta daquele tempo. Naquele tempo não tinha nada para a doméstica, não tinha Associação, nada. Então era umas cinco, seis domésticas, e a gente se juntava a rezar o terço para São Judas Tadeu, para que a gente saísse da casa dos outros. Tão era a mágoa, tão era a vontade de sair da casa dos outros.

Eu não quero dizer que a Igreja ensinou eu rezar para eu sair da casa dos outros. Mas foi o que eu aprendi como luta. E sair da casa dos outros era mais com um casamento. E de fato, todas saíam pelo casamento. Quem não casou fui eu, mas saí. Quer dizer, continuo como doméstica, mas como diarista.

Fui muito duro para mim eu deixar a minha família no interior. Foi duro. E eu deixei... Tem coisa que não é geral para toda doméstica, mas uma coisa que eu posso dizer que é geral a todas as domésticas é que nenhuma vai ser doméstica porque quis e porque escolheu. Isso eu digo e pode pesquisar, ninguém veio porque quis. A gente não teve condição de escolher; a gente vem por uma necessidade.

E uma das necessidades que me fez eu vim para cidade grande para trabalhar, foi meus dentes. Eu sempre achei feio gente banguela, mesmo eu sendo do interior. E no interior, quando se tinha um dentista, era só arrancar dente. Então as pessoas ficavam banguela. E aquilo eu achava feio. E por infelicidade — ou por felicidade — meus dentes ficaram logo todos estragados, e logo na frente. E nem dentista tinha para eu arrancar. Então aquilo me marcou. E quando meu padrinho me chamou para vim trabalhar na casa dele, eu não sei, mas ele até parece que percebeu, porque ele disse: “Você vai e trata dos dentes”. Então aí não teve mais nada para eu não vir. Chorando muito, sentindo muito deixar minha irmã, minha mãe, eu vim. Eu vim.

E quando você vem, você começa a trabalhar; e vendo aquela necessidade das pessoas no interior difícil, a gente não volta. Mesmo

a gente achando ruim aqui, a gente não volta mais, porque a gente precisa de ganhar o dinheiro. Eu precisava de sustentar a minha mãe; eu tinha de ajudar a ela. Então eu não voltei, até hoje. Muito embora eu sentia muita saudade. Quando eu ia lá e voltava para casa do patrão eu chorava muito.

Aí uma vez eu fui em casa. Passei o Natal lá no interior e já passei Ano aqui na cidade. E no Ano, a minha irmã morreu, a única irmã que eu fui criada com ela. Quer dizer, eu estava aqui na festa e minha irmã lá morta. E uma coisa que me marcou muito, que me doeu, é que veio um telegrama e meus patrões não me entregaram. Só me entregaram um mês depois, porque eles tinham certeza que se eles tivessem dito, eu tinha ido e não teria voltado.

E de fato, eu acho que eu não voltava mais para a cidade. E eles souberam marcar bem, ver, medir muito as coisas, e não me deram o telegrama. E só um mês depois disseram que ela estava muito mal, e que não adiantava eu ir, e logo depois eles disseram que ela tinha morrido. Então, já um mês depois não adiantava mais eu voltar, já que ela já tinha morrido. Eu só fui um ano depois. Minha mãe estava lá com meu irmão. E eu fiquei aqui trabalhando até hoje.

Agora, para você ver como são as coisas, eu vivia somente naquela beatice de Igreja. Eu sentia um grande vazio dentro de mim e vivia procurando alguma coisa que eu não sabia bem o que era. E por isso eu quis ser freira. Freira me respondia; naquele tempo eu achava que respondia. E foi então que aconteceu uma coisa que marcou para o resto da vida a minha vida, e que eu acho que marca todas as domésticas. Aquela família que eu vivi, que me valorizava tanto, que dizia que eu era da família, quando eu noivei... tal foi a decepção que eles tiveram. Porque todo mundo achava que eu ia ser freira.

Eu arrumava namorado aqui no Recife, mas a família me prendia tanto com medo de eu me perder, que eu acabei tendo medo de namorar. E por isso também é que eu me apeguei tanto a coisa de Igreja.

E também eu vivia aqui, mas parece que a minha raiz estava no interior. E de fato, eu fui noivar com rapaz do interior. E quando eu noivei, eu senti como tudo mudou comigo naquela casa que eu trabalhava, como todo mundo me via quase com raiva. Como aquilo me marcou, meu Deus!

Logo depois que eu vim trabalhar, eu voltei uma vez em casa. E eu falei para minha mãe como aquele povo gostava de mim. A minha mãe disse assim: “Eles gosta do seu trabalho”. A minha mãe, que era analfabeta, que não conhecia nem dinheiro, me disse isso. E depois eu fui ver como a minha mãe, por uma vivência, tinha uma

sabedoria! Ela não me disse nada, ela só fez me dizer: "Eles gosta do seu trabalho". E naquela hora, aquela palavra não teve sentido nenhum para mim, porque eu ainda estava na influência de ver o que os patrões me davam. E só depois que eu fui ver quanto aquela palavra da minha mãe tinha sentido. E a primeira coisa que fez eu compreender isso foi quando eu noivei, quando eu senti que eles queriam que eu não casasse.

E foi em outra coisa também. Quando eu vim trabalhar no Recife, era tanta a vontade que eu tinha de estudar... porque eu vim do interior e no interior nesse tempo não tinha escola. Eu andava com o livro debaixo do braço pedindo a uma pessoa que me ensinasse. Lia aqueles folhetos que tinha no interior; eu lia escondido, que muitos folhetos meu irmão escondia porque era feio. Eu sabia ler, mas não sabia escrever. E essa família que ele era meu padrinho não botou eu para estudar. E meu padrinho era professor!

E depois, do Carmo, que trabalhava comigo nessa casa, é que foi procurar uma escola para mim, porque eu não sabia sair de casa. E aí é que eu fui estudar, justamente num colégio de freira. Para mim, naquela hora, aquelas freiras foram a salvação. Mas a família teve uma reação porque eu fui estudar, eles não gostaram.

E depois eu fui comparando as coisas, então foi que eu cheguei à conclusão que eles só queriam o meu trabalho. Por que não queriam que eu casasse quando diziam que eu era da família? Depois que viram que o noivado ia para a frente e tudo, aí aceitaram e começaram o enxoval. Mas tal foi a alegria quando o casamento acabou! Como eu sentia uma alegria neles!

Muito embora foi eu quem acabei o casamento, que eu vi que não dava certo. Mas eu acabei porque teve um motivo forte, senão eu não tinha acabado. E quando eu vi a satisfação daquele povo, ah! meu Deus, eu dizia: "Como é que Deus fez que meu casamento acabasse? Quer dizer que Deus fica sempre do lado dos ricos?" Deus não tinha que ver; mas como aquelas freiras me ensinaram tanto que tudo que acontecia era Deus que queria...

E até as freiras se alegraram porque meu casamento acabou. Porque elas sempre queriam que eu fosse freira. Não que eu fosse freira daquela Ordem, mas eu era uma pessoa que cumpria bem os mandamentos, que era Filha de Maria de lá e que obedecia tudo no pé da letra, então também ficaram alegres.

E depois eu descobri por que ninguém naquela casa quis que eu estudasse: é porque eu era de muito valor para o trabalho. E se eu estudasse, o medo tudo era porque eu ia sair da casa deles. E isso foi a marca que não saiu até hoje; não saiu.

E isso sempre muda as domésticas. Tem muito caso de doméstica dia de hoje que não casou por causa dos patrões. Eu não vou dizer

que não casei por causa de meus patrões. Não vou dizer isso; eu não chego esse ponto. Mas que eu não tenha estudado naquele tempo, tenha aprendido muito pouco, foi culpa de meus patrões. Isso eu tenho uma marca tremenda. E ele por ser meu padrinho, tem muita culpa.

E também eu reneguei tudo quanto era de padrinho que era rico, porque eu nunca aceitei rico ser meu padrinho. E por decisão minha eu decidi não tomar bênção dele. Eu não aceitava ele como padrinho. Porque eu gosto das coisas muito assim concreta. Não adianta tu dizer que gosta de mim quando no concreto tu não gosta. Como me ensinaram que padrinho era uma coisa muito santa, muito assim que tinha um valor, então aquele homem não podia ser meu padrinho. Eu não aceitava.

E para ver como a religião tinha um preconceito com mãe solteira, quase que eu desprezo minha mãe por causa do que a religião pregava. Porque eu queria ser freira daquela Ordem do colégio onde eu estudei; era dali que eu tinha vontade de ser freira. Mas como uma amiga minha quis ser freira lá e não pôde porque os pais eram casados só no civil, quanto mais eu que a minha mãe não era casada.

Então, naquela hora eu tive uma revolta tão grande somente por causa da situação da minha mãe. Porque mesmo eu não tendo conhecimento de muita coisa, o que eu sentia eu dizia. E na hora eu me revoltei mesmo e então disse: "Quer dizer que a gente que não vai ser freira não pode se salvar?" Ela disse: "É muito difícil se salvar fora da Igreja", porque diz que ser Igreja era ser freira.

E depois também eu assisti umas palestras dessas missões onde o frade desvalorizava tanto a mãe solteira! Quer dizer que a gente não podia ser freira nem ser padre porque a gente tinha no sangue a marca de pecado. Então eu pensava: "Porque é que eu tenho culpa do que minha mãe fez?" Eu não vou dizer que eu cheguei a renegar minha mãe, mas eu perguntava por que eu tinha culpa de pagar pelo que minha mãe fez.

E depois a JOC foi quem me salvou, a JOC fez eu descobrir muita coisa. JOC é Juventude Operária Católica, um movimento de jovens trabalhadores que tinha a finalidade de valorizar o trabalhador a partir do seu trabalho. E aí que fui ver que minha mãe era uma santa e que eu não tenho nenhuma vergonha de dizer que eu sou filha de mãe solteira, porque ela me deu uma educação de valores muito mais do que muitas mães casadas. Minha mãe, para mim, nesse sentido, foi uma santa. Então eu não tenho nenhum problema. Mas naquele tempo eu tive.

Outra coisa que me ensinaram errado foi quando as freiras do colégio onde eu estudei falaram o que é comunismo. Diziam assim: "Os comunistas entram nas Igrejas, matam as freiras, matam os padres, derrubam os santos e tudo".

E estava para ser a eleição do Miguel Arraes e do prefeito aqui, que era o Pelópidas e que morava perto do colégio. Aí elas diziam assim: "A gente vai falar baixo, porque aqui mora um que vai ser prefeito e é comunista". Eu não votei no Miguel Arraes; eu votava no que as freiras dissessem.

E depois, quando chega 1964, eu estava na JOC. A JOC tinha uma casa e aqueles caras entraram e prenderam a gente e derrubaram tudo quanto era de livro, levou tudo, fizeram bagunça. Então eu pensava: "Isso é comunismo".

E aí ficava uma confusão em mim, porque aqueles caras diziam que a gente é que era comunista. E o que é comunismo na minha vida? Se comunista é entrar nas casas e derrubar tudo, aqueles homens é que estavam tendo a posição do que as freiras disseram. Quer dizer, é ensinar a coisa e não dizer o que é verdade.

II. SÓ A GENTE QUE VIVE É QUE SABE

Tem coisas que só a gente que vive é que sabe. Porque às vezes, hoje se diz assim: "A doméstica tem muita coisa; ela tem comida, ela tem casa". Mas as pessoas não sabem, essa comida, essa casa, como marcam a gente! É a gente vivendo que pode saber.

Eu quase que digo que a doméstica é marginalizada mesmo dentro de casa. Talvez minhas companheiras até não aceitem essa palavra. Eu digo assim porque a pessoa que está debaixo de um viaduto é uma pessoa marginalizada, que não tem casa. Agora, a doméstica é um tipo de marginalização diferente. É você viver numa casa que tem tudo, que você arruma a casa, mas que você não tem acesso àquela casa. Então, para mim, eu sou marginal naquela casa.

Essa comida e essa casa...

A única coisa que a gente tem mais um acesso é no quarto da gente. No quarto é que a gente pode ficar assim um pouco à vontade, trocar de roupa, ficar mais à vontade. Mas você não pode levar pessoas no seu quarto. Tem casa que não deixa levar nem amiga. Nessa casa mesmo que eu vim do interior, eu passei 16 anos nela e eu não podia levar ninguém lá, nem uma colega, quanto mais um namorado.

Quer dizer, de fato você está marginalizada dentro daquela casa. Você só faz arrumar, fazer tudo, mas sem ter direito a ela. Tem pessoas que não deixa nem você ir na sala assistir televisão. Isso acontece agora. E tem outras que deixam. Mas você sabe como é, às vezes a gente está vendo televisão, se chegam outras pessoas de fora, a gente já se levanta. Se todo mundo quer água, se a criança quer água, a gente é que tem que sair. Então você se sente tão assim, que às vezes você não vai ver televisão, prefere ficar no quarto.

Aí é que eu acho, as pessoas dizem: "Essa comida e essa casa... Vocês têm casa, têm comida". Mas isso tem uma marca muito grande, muito grande. Todo mundo fala: "comida, a comida, a comida". Meu Deus, mas que comida? Não quero dizer nem que tem casa que a comida é mais ruim, mas tem casa que a comida é boa, tem casa que a comida é igual. Mas por tudo se passa aquela comida na cara da gente... As pessoas querem dizer que a doméstica tem que ganhar pouco porque tem comida, porque come. E não vê que a gente trabalha tanto. E o pior é que dizem tanto isso, que a doméstica passa a ver que, de fato, aquela comida é tudo na vida dela. Eu não quero dizer que não deixa de ser tudo. Mas ela aceita quase que a ganhar pouco porque tem a comida.

Certo que a comida faz parte. Mas eu acho que eu tenho que ver também quantas horas eu trabalho dentro de uma casa para ter essa comida. Então, pelo que eu trabalho, aquela comida está paga! E é isso que muitas domésticas, infelizmente a maioria, não percebe. De certo modo, eu acho que ela percebe. Ela não percebe assim de discutir; mas na medida que ela tem uma reação, eu acho que ela percebe, ela está sentindo. Porque todas as domésticas não gostam que fale dessa comida. Uma coisa hoje que marca a gente é essa comida. Essa comida e essa casa.

É por isso que ninguém quer ser doméstica, ninguém dá valor à profissão de doméstica. Nem a sociedade dá, ninguém dá. E nem as próprias domésticas. Porque ela é tão marcada...

Agora, eu gosto de mostrar os fatos; como se diz, matar a cobra e mostrar o pau. Lá na nossa Associação Profissional tem um doméstica que tem uma filha com 15 anos que se chama Creusa. E na casa que ela trabalha, os patrões aceitam a menina. É uma grande coisa porque a patroa não tem obrigação de aceitar doméstica com filho. Ela ganha 5 mil cruzeiros; está ganhando agora e a patroa diz que não vai aumentar mais. Tudo certo; a patroa já dá comida à menina. Mas outro dia a Creusa esteve na Associação e disse assim para um padre que estava lá: "Padre, arruma um emprego para mim. Desde que não seja como empregada doméstica e nem como varredora de rua, tudo mais o senhor pode arrumar". Aí, essa semana, a mãe dela chegou lá na Associação muito abatida; ela disse: "Olha, Creusa me disse uma coisa que me marcou tanto, me doeu tanto! Porque eu disse assim para ela:

— Creusa, você arruma um trabalho de doméstica, pelo menos para você ganhar assim uns 6 mil cruzeiros. Já ajuda.

Ela disse:

— Ah, se for para eu ser empregada doméstica, então eu deixo de estudar.

Eu disse:

— Não, você não deixa de estudar. Porque eu estou dizendo isso agora mas não quero que você seja empregada doméstica. Seria por um tempo. Você continuava a estudar, depois você deixava de ser doméstica.

A menina calou. Mas depois fui com a mesma conversa para ela, então ela disse assim:

— Ser empregada doméstica e roubar não é a mesma coisa? Ou talvez roubar seja melhor?

Então aquilo doeu tanto em mim! Eu disse:

— Mas minha filha, o emprego de doméstica é tão desvalorizado que você compara com roubo?

Ela disse:

— Não, mãe, não foi isso que eu quis dizer. Eu não quis ofender a senhora.

Mas foi isso que ela disse”.

Então, na conversa que a gente teve lá na Associação, quando essa mãe contou isso, quase todo mundo reagiu contra a menina: “Ah, por que uma profissão tem muito mais valor do que roubar”. Eu disse: “Gente, que uma profissão tem muito mais valor que roubar, não tem nem comparação. Mas a gente não sabe por que essa menina disse isso. Essa menina tem uma marca muito grande. A gente vai ser doméstica sem ter passado nem visto nada antes, e a gente tem uma marca. Quanto mais uma menina que está acompanhando o dia-a-dia da mãe dela dentro de uma casa. Então essa menina não quer ser doméstica nunca, gente! Ela não quer e desvaloriza”.

Então é isso que acontece na vida da doméstica.

Muitos cachorros das casas são mais valorizados do que a gente. Até porque para a dona, aquele cachorro é uma coisa de estimação e a gente não é uma coisa de estimação; a gente é trabalho.

O que eu gostaria era que a gente pudesse não estar dentro de uma casa para se comparar inferior a um cachorro. Eu gostaria que a gente fosse uma profissional dentro de uma casa, que trabalhasse e voltasse para sua casa. Enquanto a doméstica for dentro de casa, ela será sempre escrava. Não tem outra saída.

A doméstica não decide

Hoje em dia a gente vê que a dona de casa, a patroa, não quer mais ser dona de casa. Porque ela diz: “Ser dona de casa é uma pessoa

para trás, não tem visão das coisas, não tem nada”. E a doméstica? Então, você ser doméstica, o trabalho da doméstica, estreita a visão da gente. Estreita porque a gente só lida com panela, com coisa.

Ainda mais isso: quando a dona de casa, a patroa (não a pobre, mas a de classe média, a rica) diz que se ela não trabalhar fora hoje, ela não participa e ela não tem visão das coisas, quanto mais a doméstica. Porque a doméstica não decide. E isso dificulta a gente desenvolver a mentalidade da gente, porque a gente só faz fazer, fazer, mas a gente não decide que esse móvel tem que passar daqui para ali; a gente muda na medida que a patroa manda. A gente não cria. Cria sim alguma coisa: eu acho que quem mais cria, quem tem mais condições de criar, seja a cozinheira, porque tem patroa que deixa liberdade. Mas é sempre limitado dentro daquilo que a patroa tem; ela não pode fazer tudo à vontade dela.

Eu não quero dizer que a doméstica não tenha visão da carestia. Ela tem. Mas a doméstica que está dentro da casa faz não sei quantos anos, ela não tem muita visão de quanto custa o feijão... Porque tem doméstica que está aqui no Recife que ela não tem relacionamento nenhum com a sua família. Então ela só vê chegar tudo dentro da casa e ela não sabe quanto é que custa isso. Fica difícil dela ter uma visão dentro de todo esse mundo.

Não é que a doméstica não tem inteligência. Mas é preciso que a gente procure desenvolver essa inteligência fora da casa da patroa.

Eu digo isso por experiência própria, porque eu vivi todo aquele tempo dentro da casa da patroa e hoje eu continuo sendo doméstica, mas eu vivo na minha casa. Então eu vi como a coisa é diferente.

Ainda mais outra coisa é que quando a doméstica não tem essa visão, ela quase não percebe ou não fica assim dando valor à luta dos outros trabalhadores. Porque a doméstica, ela é filha de camponês, na maioria, ou filha de operário. E ela vai casar com um camponês ou um operário. Mas infelizmente, por ela estar num mundo tão estreito dentro daquela casa, fica difícil ela ver isso.

Eu digo isso porque a gente sente, na Associação, como é difícil a doméstica ter relacionamento com os outros trabalhadores. A gente tenta isso, mas não é fácil; nem todas as domésticas aceitam.

Não é dizer que ela não aceita. Ela não entende e não dá muito valor porque ela não tem conhecimento de toda essa coisa que o trabalhador está vivendo.

Então, precisa muito a gente estar comparando. Eu acho que o trabalho da gente é de mostrar que a promoção da doméstica tem que ser conjunta com os outros trabalhadores. Na medida que o campo piora, a situação da doméstica piora, porque a maioria do povo vem do campo; os homens vão para a construção civil e as mulheres vão ser doméstica.

A doméstica tem muita vontade de deixar de ser doméstica. Tem umas que, infelizmente, não têm mais condições, pela idade. E quando a gente vê essa falta de emprego, esse desemprego, muito pior é a situação da doméstica para ela deixar de ser doméstica. Porque a única coisa que ela pode fazer mais é ver emprego numa fábrica; e isso, pelo menos aqui no nordeste, é dificilimo.

Então o trabalho da gente é sempre mostrar à doméstica que, na medida que piora a situação do camponês, do trabalhador, dos operários, a nossa também piora. A luta tem que ser uma só.

A doméstica é testemunha de muitas coisas...

A gente que trabalha numa casa de família, a gente sabe muita coisa. Às vezes os patrões só dizem assim: "A doméstica é isso, a doméstica é aquilo". Mas eles nunca sabem o que a doméstica guarda das famílias. Porque a gente sabe muita coisa. E nisso a gente vê a diferença da gente simples. Porque a gente vai num bairro de pessoas como a gente, as mulheres logo diz tudo abertamente: que o marido é isso, que o marido é aquilo, que está botando chifre... E na família rica tudo é escondido.

Mas a doméstica é testemunha de muitas coisas... E até, infelizmente, às vezes a gente tem que esconder e participar. Porque a doméstica participa de tudo que acontece na família. Ela só não participa dos bens, dos direitos que a família tem. Mas se morre um, ela está lá, porque ela tem que trabalhar mais, ela tem que sofrer com aquele povo. Se casa um, é a mesma coisa.

A gente participa de tudo que existe numa família, principalmente as domésticas que faz tempo que está na casa. Essa doméstica passa a saber e muitas coisas ela passa a esconder. Ela passa a saber coisas do filho da patroa, da filha. Porque tem filhos de patroa que confia na gente. Não quero dizer confiar; mas por certas coisas... não sei... as mães que saem, não sei, que às vezes eles se apegam muito à doméstica; às vezes eles contam mais as coisas à gente. E às vezes até há um conflito entre aquela doméstica que está lá há tempos e a patroa. Porque não quero dizer que a doméstica não quer agradar àquela mocinha que ela gosta, né?

E a gente sabe muitas vezes coisas também das madames em relação a seus maridos, elas desabafam com a gente.

E uma coisa que a gente tem muito é que a gente tem patrão de todas as qualidades. A gente tem patrão de prefeito, ou de deputado, de padre, de bispo. Então a gente pode selecionar mesmo, dizer: "A mesma hora que o locutor de rádio está falando lá e mentando o pau na carestia, nisso e naquilo, mas ele como patrão?" E a gente tem experiência de todo esse povo. Então ninguém não escapa da mão da gente não.

Aquele momento na calçada

Mas é que nunca se vê esse ponto da doméstica. Só vê o ponto que a doméstica senta na calçada para falar, para falar... As patroas falam da gente em todo canto, nos supermercados, em todo canto. Agora, é claro que a gente, quando se senta na calçada, a gente fala. Mas não é nem falar; é aquele desabafo:

— Fulana, quanto é que tu está ganhando?

— Estou ganhando pouco. Na casa de minha patroa, minha patroa me trata assim.

É uma coisa natural, porque infelizmente a gente só tem quase aquele momento na calçada para conversar. E as patroas chegam no supermercado falando da manteiga que a gente come, da banana que a gente come. Não vou dizer todas, mas muitas falam.

E hoje em dia, com essa carestia, com esse custo de vida, a situação está ficando muito ruim para a doméstica. Não quero dizer na rica, mas na classe média a coisa está apertando. E aí, não quero dizer que é por ruindade, é uma situação que está em todo o mundo, mas é que a comida é muito pouca e a doméstica vem comer sempre ovo. Tem muita menina que chega na Associação, não é porque ela queira falar da patroa; é a situação.

Até tem menina que diz mesmo assim: "Eu entendo o meu patrão. Porque ele tem que pagar aluguel de casa (porque tem uns que pagam aluguel de casa), e ele tem um carro e tudo, então o que ele compra é pouco e a gente..." Até tem muitas domésticas que aceitam. Outras não aceitam, falam.

Tem meninas que dizem assim: "Na casa do patrão, às vezes mata uma galinha e todo mundo come e quando sobra para a gente, ou não sobra nada, ou quando sobra é aquela coisa. E na casa da gente, a gente é pobre mas quando tem um pouco, todo mundo come junto. É diferente". Então quando a menina fala, ela está falando de uma situação que existe e como ela se encontra dentro daquela situação, ela faz a diferença da sua família.

E também, principalmente quando a gente vem do interior, tem muitas patroas que dizem assim: "Ah, quando estava no interior comia só aquilo..." E não vê que quando a gente vem para trabalhar, se eu vim para trabalhar é porque eu quero ter alguma coisa. Às vezes, quando as patroas falam dessa comida e dessa casa que elas dão, nunca percebe que a doméstica também é uma pessoa, que ela tem necessidade de estudar, de ir a um cinema, de ir numa festa.

Então, na medida que eu venho trabalhar, é porque eu quero ter minhas coisas. Se eu não tenho isso, se eu não tivesse vontade de ser isso, eu ia ser malandro, eu ia... não digo nem roubar, mas viveria assim sem responsabilidade.

Agora, infelizmente, o que me dói é que isso marcou tanto a doméstica que ela acha que é assim mesmo. Então, não pode ir estudar, não vai estudar; o jantar não sai, então passa a não estudar, não passa a participar de nada, fica dentro daquela casa. As vezes se encontra com as outras companheiras, o que já é alguma coisa. E as companheiras estão vivendo aquele mesmo problema.

Você cria um laço afetivo

Uma coisa que marca também muito a gente é o problema afetivo. A gente cria uma afetividade com a família. Agora mesmo saiu uma doméstica de uma casa, que fazia 20 anos que trabalhava lá. Tem uma que faz 30 anos. Tem menina que faz 40 anos numa casa, sem mudar. Então, sem você querer você cria um laço afetivo; ainda mais com as crianças, porque as crianças são pessoas que não têm culpa, né? Que são boas. Então, você cria amizade.

Olhe, nessa casa que eu passei 16 anos, eu trabalhava como bicho. Eu não vou dizer que nessa casa eu fui maltratada. Não era. As crianças me respeitavam muito. Mas ninguém não sabia onde tinha nada. Tudo era eu; tudo era Lenira, tudo era Lenira. E eu que sabia de tudo. E nisso eu era muito escrava. Mas eu sentia prazer de ver a casa brilhar. Então, eu quase que via aquela casa brilhar como eu vejo a minha casa hoje, de tanto limpar. Quer dizer, quando as patroas dizem que você é um membro da família, você de fato é um membro da família... para trabalhar!

Agora, na mesma hora que você aceita ter essa afetividade, na mesma hora você se revolta. Então, é o conflito que vive dentro da gente.

E essa afetividade com as crianças é uma coisa muito séria. Muitas meninas, meu Deus do Céu... agora mesmo tem um caso de uma menina que foi para São Paulo e adoeceu. Vai ter que voltar por causa da criança. Tem criança também que adoece por causa da doméstica.

Eu mesmo, quando saí dessa casa que eu passei 16 anos, eu chorava como louca. Eu ficava assim parada e as lágrimas caindo quando eu via aquelas crianças agarradas comigo. E todo mundo chorou também, na casa.

E depois foi que eu vim descobrir, com muito tempo depois, que mesmo esse laço afetivo, ele fica muito mais na gente. As crianças, enquanto crianças eles têm; mas depois que eles crescem, que eles estudam, que eles são médicos, tudo isso acaba. São poucos os que ainda têm aquele tratamento.

A gente tem um caso de uma menina aqui na Associação, ela tem 25 anos na casa. O ano passado foi que teve carteira assinada.

E isso porque o irmão dela ouviu o programa de rádio da Associação e falou com ela e um dia ela bateu lá na Associação. Sabe quanto ela ganhava? 500 cruzeiros. E essa menina não sai da casa... Também, a gente não tem coisa de mandar ninguém sair da casa, porque a gente já teve caso de menina que teve que ir a psiquiatra quando saiu de uma casa.

Porque olha, a situação da doméstica é muito séria. Porque o trabalhador quando ele muda de fábrica, ele não muda de casa, ele tem sempre a mesma casa. A gente, na medida que a gente muda de casa, tudo muda. E cada casa é uma casa. Uma doméstica disse para mim que a gente era como prostituta, cada casa que a gente entrava era cada homem diferente que a gente recebia. Ela deu uma comparação muito boa. Porque eu acredito que a prostituta, cada homem que vem, tem a sua maneira; e cada casa que a gente vai, tem a sua maneira. E na medida que você passa tempo na casa, é difícil de você sair para outra casa. É por isso que as meninas agüentam muita coisa. Então, a gente nunca diz para ninguém sair da casa. Ela tem que descobrir onde é melhor, ou exigir dentro da própria casa.

Então, essa menina que está há 25 anos na casa, por a gente muito pelear para mostrar a ela os direitos já conseguidos para a doméstica, ela passou a ter carteira assinada. E aumentaram ela para 600 cruzeiros. Isso até o ano passado. Ela agora está ganhando 2 mil cruzeiros por mês depois de 25 anos trabalhando lá... E sabe qual é o problema que prende ela dentro dessa casa? Um rapaz que ela tomou conta, que hoje já é casado e que ela ainda lava a roupa dele. Quer dizer, uma menina que não casou, então aquele rapaz passou a ser filho dela. E a gente vê, ela tem tanta amizade a ele que só de lavar a roupa dele, aquilo é um prazer para ela.

E essa menina agora está doente, com reumatismo nas pernas que quase não está podendo andar. E a salvação dela é que ela tem a carteira assinada. Ela disse mesmo: "A patroa mandou eu procurar o benefício, porque ela está comprando o remédio". Você vê, essa menina ganha 2 mil cruzeiros. Ela precisou de óculos o ano passado. E a gente tem uma ótica que entrou lá em convênio com a Associação para que a menina que fosse da Associação comprasse óculos mais barato. Aí ela foi comprar o óculos nessa ótica. E só o óculos, ela paga dois mil cruzeiros por mês. E ela ganha 2 mil cruzeiros! Então ela não tem dinheiro para comprar remédio, não tem. A patroa tem que comprar. E os remédios são caros.

Agora, ganhar 2 mil cruzeiros hoje não é ganhar dinheiro. E aí você vê o quanto essa amizade que ela tem por esse cara, esse cara não corresponde. Porque se ele tivesse alguma consideração por ela, ela não ganharia esse dinheiro.

Então o laço afetivo da gente fica, mas o deles passa.

E isso é que faz a gente descobrir... A gente tenta hoje ver isso, que a gente tem que tratar as crianças muito bem, querer bem. Mas nunca vamos sofrer ou se apegar naquela casa por aquelas crianças. Porque aquelas crianças têm os pais. A gente é que vai para trás. Eles vão estudar, vão ser grandes. E a gente? Vai ficar naquela casa e não ter nada por causa do problema daquela criança que a gente quer bem?

Mas não é fácil de você tirar isso. Esse problema afetivo é muito prejudicial para a categoria de domésticas.

E porque também patrão é patrão. Uma coisa que eu acho é que as domésticas às vezes quer uma coisa que é impossível. As domésticas às vezes quer um patrão bom.

Eu não quero dizer que não exista patrão mais compreensivo que outro, com um relacionamento melhor. Isso existe; é natural de cada pessoa. Mas eu tenho que ver mais de que exista o respeito, um compromisso, uma obrigação de eu como doméstica com meu patrão e vice-versa, do patrão comigo.

E esse negócio de bondade vem de que às vezes a pessoa é muito boa, há patroa que é tão boa... como essa família que eu trabalhei 16 anos, e não queria que eu casasse nem que eu estudasse! Então é difícil você comparar essa bondade, né?

A gente ainda é como escravo

Fizeram uma pesquisa com as patroas e elas disseram que hoje não tem mais doméstica como antigamente. E de fato não tem. Porque a menina de hoje, a menina nova, não vai mais entrar nessa. Hoje você não vai nunca pegar mais uma doméstica como aquela doméstica de 20 anos, 30 anos atrás. Eu acho que eu dizer que hoje a doméstica está como eu quando eu vim trabalhar, eu estaria mentindo.

A gente naquele tempo não tinha, e hoje a gente tem um pouquinho de lei. Quando eles dá, a gente tem a carteira assinada. Que uma carteira assinada tem direito a férias e tem direito aos direitos da Previdência Social. A gente não tinha. Hoje em dia aqui no Recife já se tem domingo livre de 15 em 15 dias, embora não tenha o repouso semanal, embora não tenha muitas coisas. Mas tem certas coisas que é diferente.

Agora, tem ainda uma mentalidade de muitos anos atrás. Não digo em todas as patroas, talvez tenha umas patroas jovens que já vê de outra maneira. Mas tem patroas que ainda tem a gente como escrava e elas como senhora. Isso hoje infelizmente ainda existe.

Tem umas coisas que mudaram, mas tem umas coisas que ainda existe, e existe tanto do lado da doméstica quanto do lado da patroa. A gente ainda é como escravo, como propriedade da patroa. E aí você passa a pedir. Quando eu passo a pedir, então é porque eu não tenho direito. E aí passa as meninas a não ter férias, mesmo tendo carteira assinada, porque a menina tem que pedir. E pedir é muito duro. Por mais que a gente diga que ela tem direito, ela diz: "A patroa não deu e eu não peço". Como a doméstica está com essa mentalidade de pedir, ela não pede, porque pedir é humilhante. Quer dizer, como a menina não descobriu que tem direito de exigir uma folga semanal ou quinzenal, acha que é pedir; e isso ela não faz.

Por isso que eu digo que tem muitas coisas que ainda se comparam com outro tempo. Não digo dos escravos, mas a mentalidade ainda existe.

Eu conheço meninas na Associação que ainda não conseguiram ter todos os domingos de folga. Em casa que tem duas domésticas, as vezes uma tem folga no sábado a outra tem no domingo. Mas é muito difícil, muito difícil mesmo. A maioria é folga de 15 em 15 dia ou folga mensal; e mesmo assim muitas voltam para dar janta. A situação é muito isso.

E também muitas domésticas não têm lugar onde ir no dia da folga. Mas outras têm família aqui, tem casa onde mora a mãe ou os irmãos. E a Associação também tem uma casa onde a doméstica pode ir, mas ainda são poucas as que vão lá.

E tem também o problema de ganhar pouco, porque na medida que a pessoa sai tem que pagar o ônibus. E a passagem está cara.

Hoje é muito pouco, mas existe ainda caso da menina jovem que vem do interior e fica perdida nesse mundo. Só que agora tem uma visão de certas coisas, do que é torneira, do que é certas coisas, porque a televisão leva isso.

Não tem horário de trabalho

A gente fez uma pesquisa e viu que as coisas que a doméstica mais quer é horário e salário. As outras coisas vêm depois; mas horário e salário você não tem nem que discutir, é o que elas mais querem.

Agora, a doméstica quer horário de trabalho mas a gente não reivindica, a Associação não tem uma luta disso. Não tem porque não pode, não tem saída. Não tem ninguém que trabalhe por horário aqui dentro do Recife.

O que às vezes a gente vê é assim: tem menina que começa a trabalhar de manhã muito cedo, porque os patrões vão sair cedo.

Aí ela faz as coisas que tem que fazer, acaba, e depois ajunta um bocado de menina e vão conversar. Porque ela não vai ter hora de parar mesmo, só vai parar de noite; então ela ajunta para conversar.

Então o que a menina quer, não é uma hora assim para descansar depois do almoço, por exemplo. Não é isso que ela quer. O que ela quer é uma hora para pegar o serviço e uma hora para parar. Porque o que a gente sente é que a gente não é dona da nossa vida. As meninas dizem isso abertamente: "A gente não é dona da vida da gente, porque a gente não pode dizer: eu chego a tal hora... nem para falar com o namorado, nem para aula, nem para uma reunião, nem para nada, porque tudo está dependendo dos donos da casa". Um dia almoça num horário, outro dia almoça no outro.

Você vê, quando os patrões vão trabalhar é mais fácil, é melhor para a gente, porque como eles têm hora para pegar no trabalho, o serviço da gente também fica num horário mais certo. Mas o dia feriado, dia santo... tem menina que diz que foi o diabo que inventou! Dia santo e feriado é o melhor para todo mundo; e é o pior para a doméstica. É o dia que ela trabalha mais, porque todo mundo não tem hora de acordar, não tem hora de comer, então é um inferno para a gente. Praia é um inferno, você trabalha como bicho.

Então o que é bom para os outros é ruim para a gente, a gente trabalha mais. Para você ver a contradição, o que até o operário quer, é ruim para a gente. Porque a gente não tem feriado.

Então fica tão difícil de fazer uma luta para se ver horário de trabalho. A gente tem que ver o valor desse descanso, para ver se ele se torna uma vontade tão forte que essa vontade passa para a prática.

Mas nem folga semanal a gente não conseguiu ainda. Tem uma menina que faz parte da diretoria da Associação que ainda não conseguiu. Eu digo para ela: "Menina, como é que você está lutando, está pedindo para que a outra lute, quando você não foi capaz de conseguir sua folga na semana?" Mas ela não tem condições.

Então é a contradição: a doméstica quer horário mas quase que ela não vê saída. Porque para isso teria que estar organizada, porque quando é só uma que vai exigir esse horário, coitada, é besteira! Nem eu que trabalho como diarista não posso exigir. Nem quem trabalha como diarista não pode.

E quando eu digo que a gente devia se organizar, não era preciso ser o sindicato não. É que a gente estivesse organizada para partir para as coisas que a gente quer...

Fazer greve como?

Uma coisa que às vezes até sai é a palavra greve. Mas fazer greve como? Uma, que a gente não está organizada; e outra que fazer

greve como doméstica, onde a gente iria ficar? Vai ficar na casa da patroa? Então para fazer greve, teria que ter apoio de muita gente que fosse aceitar a gente nas suas casas. Então são coisas que é difícil, não sabe?

Eu acho que a gente ainda vai chegar a isso... Por exemplo, em Belo Horizonte houve uma greve das domésticas de um edifício. O edifício tinha 12 andares. E tinha aquele negócio que a doméstica não sobe pelo elevador social; só pelo de serviço. E o elevador de serviço encrencou e as meninas não podiam subir pelo outro, tinham que subir pelas escadas.

Aí combinaram todinhas e disseram: "Pelos escadas a gente não sobe; ninguém trabalha. Ou a gente sobe pelo outro elevador ou não trabalha". Então as donas viram que não ia ter empregada naquele dia e aí cederam e as meninas subiram pelo elevador social.

Foi um negócio coletivo, as domésticas de todo o edifício! Todas entraram na greve. E aí elas ganharam.

Então é uma luta assim de todas as domésticas de um edifício. Mas isso é difícil de acontecer. Todo mundo sofre, mas sofre individualmente. Não é como na fábrica, por exemplo, onde todo mundo trabalha no mesmo local.

Quando uma menina dá força à outra

Tem uma menina, Graça, que fazia 20 anos que estava numa casa e que saiu agora. O patrão dela tinha uma fábrica de leite e não sei bem o que aconteceu, só sei que foi à falência. E ele tinha registrado a menina como operária da fábrica. Só que ela continuava como doméstica na casa dele, sem ter horário, sem ter nenhum direito que os operários da fábrica tinham. E quando a fábrica fechou, ela não denunciou na justiça. Já teve um outro caso parecido com esse, que a menina botou na justiça e ganhou. Mas Graça não fez nada. E continuou na casa, trabalhando como doméstica.

Agora ela saiu dessa casa, e os patrões deram 10 mil cruzeiros a ela...

E ela saiu pelo seguinte: a lavadeira que trabalhava lá pediu aumento e a patroa não deu; disse que a lavadeira podia sair mas aumento ela não dava. E essa menina que trabalhava lá há 20 anos ganhava muito pouco; eu não sei quanto é que ela estava ganhando agora, mas o aumento dela era sempre muito pouquinho. Aí, como a lavadeira pediu aumento e a patroa não deu, essa menina também tomou posição. Ela disse para a patroa: "Então também eu vou sair". E os patrões nunca pensaram que ela também ia tomar essa posição. E ela tomou: "Também vou sair; não fico mais". E saiu.

Ah! os patrões aí começaram a massacrar ela, a dizer que ela tinha sido traidora!... Agora, eles não traíram ela quando botaram

ela como sendo da fábrica e quando a fábrica foi à falência não deram nenhum direito a ela! E depois de 20 anos de trabalho deram 10 mil cruzeiros à menina, uma menina que deu toda a vida nessa casa...

A gente nunca acreditou que ela fosse sair. Ela faz parte da Associação mas quase que não ia lá. A gente já dizia assim: "Graça agora vai sair". E a irmã dela que também é doméstica dizia: "Ela vai sair nada, ela não tem vergonha..." Nem a irmã acreditava. Mas diz que nada é impossível, né? Então a gente passa a acreditar. E ela tomou posição foi a partir de outra, a partir da lavadeira.

Não acontece muito isso, de uma menina às vezes tomar uma posição de sair porque a outra foi despedida, tomar essa posição de defender. Não é muito comum, mas acontece.

Tem uma menina que está numa casa há 17 anos. O salário dela, não sei se era 5 ou 4 mil cruzeiros; mas isso não vem ao caso. O negócio é que toda vez que ela tinha aumento, era aumento de 100 cruzeiros, 50 cruzeiros. E ela estava cheia. Não agüentava mais, queria sair da casa. Mas enquanto não entrasse outra ela não saía.

Ela é da Associação. E então foi lá e falou que queria sair do emprego e que se alguém quisesse, podia ficar no lugar dela. Na Associação, a gente não tem serviço de emprego. Se aparece gente lá perguntando se tem emprego e se a gente sabe que uma patroa está procurando, a gente diz: "Tem". Mas a gente não se responsabiliza.

Então essa menina falou que queria sair. Aí foi uma doméstica lá na Associação procurando emprego. E Alice, que é uma moça lá da Associação, telefonou para a patroa dessa casa e a patroa falou: "Quero". A menina pediu 8 mil cruzeiros para cozinhar, e a patroa disse que pagava. Você vê, enquanto que para a outra, eu não sei bem ao certo se ela pagava 5 ou 4 mil cruzeiros.

Mas a menina que pediu 8 mil cruzeiros nem lá foi, não apareceu. Aí a patroa fez o seguinte: no outro mês aumentou 3 mil cruzeiros o salário da menina que até então ela só aumentava 100 cruzeiros.

E essa menina foi lá na Associação e disse: "Foi tanto dinheiro que ela me aumentou que eu não vou mais sair de lá não".

Aí a gente foi ver: "Por que foi que ela aumentou esse dinheiro? Foi porque ela tinha tu todo o tempo dentro da casa servindo daquele jeito, mas ela nunca viu o teu valor. E pagava quanto quisera e tu nunca reagiste. No dia que ela viu outra, que ela nem sabia se essa outra ia fazer o que tu faz, e que pediu 8 mil cruzeiros, ela disse: não, eu vou pagar a essa que eu já conheço, porque se eu perder essa vai ser muito ruim: porque a outra diz que vinha e nem veio, me enganou; e eu sei lá se ela vai ser boa como essa que já está dentro de casa? É por isso que ela te aumentou. Porque aí ela passou a ver teu valor".

Mas a patroa, pra ver o valor dessa menina, foi preciso outra, mesmo a outra usando de sacanagem de não ter ido. Mas foi preciso outra.

E tem acontecido muitos casos de meninas que começaram a ter dia livre a partir de outra que entrou como novata e disse: "Eu trabalho, mas eu tenho que ter folga de 15 em 15 dias". Aí a outra diz: "Para a outra ter, eu também tenho que ter". E aí é que passa a ter. Quer dizer que até se ela tivesse falado antes com a patroa, talvez já tivesse tido.

Tem muitos casos de menina que não tem coragem de falar com a patroa. E quando chega uma novata que exige, então elas passam a exigir. E a patroa dá, porque ela também não é besta de querer perder uma boa profissional.

Agora, não é fácil ter duas domésticas numa casa. E nem sempre acontece de chegar sempre uma assim que tem essa coragem de exigir.

Entra para fazer um serviço e passa a fazer muito

A gente na Associação já fez até enquête de ensinar como é que a gente vai se empregar. Porque a gente viu: a doméstica chega para se empregar, ela não pergunta nada, e a patroa pergunta tudo. Está bem, eu acho que uma patroa que vai botar uma pessoa dentro de casa tem que saber tudo dessa pessoa. Mas por que que a doméstica não procura saber como é nem o quarto que ela vai dormir? A gente começa a descobrir que muita menina entra na casa sem saber nem quanto vai ganhar! Depois é que a patroa vai dizer quanto é que ela vai ganhar. Aí às vezes a menina não está muito de aceite, mas já está se acostumando na casa, aí aceita...

Outra coisa que é comum também é isso: a gente entra para fazer um serviço e passa a fazer muito serviço. Por exemplo: entra para ser cozinheira e a patroa bota para também lavar roupa. Elas vão botando, vão botando... e a gente se acostuma e aí de vez em quando a gente reage.

Ou então chega não sei quantas pessoas na casa, o serviço da gente aumenta muito e não aumenta um tostão no dinheiro que a gente ganha. Mas não aumenta mesmo! Tempo de férias, chega não sei quantas pessoas. Domingo mesmo eu encontrei com uma menina e ela disse que tem vezes que é 20 pessoas para almoçar na casa. Ela disse: "Tempo de férias é uma agonia para mim". E não aumenta um tostão a mais; o povo daqui não é nem de dar gorjeta. Não é não, nem de dar gorjeta eles são. Um ou outro dá, mas é

muito difícil. E como as meninas ouvem dizer que quando se trabalha mais de 8 horas se ganha mais, então elas fazem a comparação. Trabalham tanto e não ganham nada. Ou ganham aquilo mesmo.

São muitas as coisas que faz a gente não gostar da profissão, não se dar valor, não sabe? Porque o concreto de todo dia é isso.

Uma coisa boa demais foi o rádio a pilha

Eu não quero entrar nesse campo de dizer que a televisão vai prejudicar ou não. Agora, uma invenção que foi uma coisa muito boa foi o rádio a pilha. Meu Deus, o homem que inventou isso... Foi a coisa, minha Nossa Senhora! Porque a gente não tinha acesso a nada. Mesmo que a menina tivesse dinheiro para comprar um rádio, onde ia botar? Na eletricidade da patroa? Não dava. Mas o rádio a pilha é um negócio! A maioria das domésticas, quase todas têm um rádio. Têm mesmo. Têm à prestação e tudo. Às vezes a patroa implica quando ela bota assim na cozinha, alto; mas ela pode baixar, ou ouvir no quarto. Ela tem uma coisa dela. E ela pode ouvir as coisas que ela quer.

Só que ainda as coisas que passam pelo rádio, às vezes muitas domésticas não entendem, por causa da maneira de se dizer as coisas; o rádio ainda fala com umas palavras difíceis. Por exemplo, para dar um fato concreto de agora, esse "pacote" da Previdência Social: as meninas estão ouvindo mas não está entendendo. Ninguém não entende esse negócio de "pacote".

E também, a turma gosta mais de música. Gosta muito mais de música do que de programa assim de noticiário. E às vezes ouve o noticiário, mas não entende, porque os caras, de fato, falam uma linguagem muito difícil. Mas o que é bom é que ela tem o rádio. Para ouvir música, novela... É uma coisa que foi boa demais.

E também a gente tem um programa de rádio aqui da Associação e que ele vai ao ar uma vez por semana, às 10 para as 9 da noite. A gente vê que aquela hora não é muito ouvida pela turma, porque tem o problema da novela, tem o problema da menina que está na aula. Agora, a gente sabe que ele atinge um grande número, porque às vezes a menina que está na calçada ouve com as companheiras. E o nosso programa de rádio tem ajudado muito, por exemplo, no problema do "pacote". A gente vai ver com pessoas que possa nos explicar e depois a gente passa para as meninas já miúdo, pelo rádio. Por exemplo, a gente não vai dizer percentagem; em vez de percentagem, a gente diz: quanto vai tirar do seu dinheiro. A gente faz isso, aí acho que o rádio é uma coisa que é muito boa mesmo.

Tem patroa que bota televisão no quarto da doméstica. Eu não posso nem dizer assim quantas patroas, porque são poucas e eu

não tenho condições de dizer. Em São Paulo eu vi que muitas domésticas tinham televisão no quarto. Também não sei dizer se era elas que comprava, ou era as patroas que dava. Aqui eu sei que não tem doméstica que tenha televisão que ela tenha comprado. Isso eu tenho certeza. O quarto que existe televisão, às vezes, é a patroa que tem uma televisão e não usa, e aí deixa no quarto da doméstica. Não é muitos casos, mas existe.

Se a doméstica pudesse ser uma profissional como outros...

O trabalho doméstico, ele é muito diferente dos outros. Porque nesse trabalho caseiro, de casa, o relacionamento com a patroa tanto é mais de choque como também pode ser assim mais na base de amiga. Na fábrica, você nunca vai se relacionar com o patrão; você vai com chefe; nunca é com patrão. E a gente é direta com patrão e com patroa. Então se dá mais essa afetividade, e se dá também o choque.

Eu sei que também muitas patroas têm dificuldade de achar doméstica que dê certo porque tanto o problema decorre do lado da gente como do lado delas. Só que cada uma não vai entender o porquê disso. Porque eu já tive encontro com patroa, da patroa vir me dizer: "Por que que doméstica, quando a gente fala, chama ela, ela às vezes fica calada, às vezes bate numa panela, às vezes tem esses comportamentos?"

Eu sei que isso não é certo, mas eu sei o porquê desse comportamento. É uma maneira de desabafar.

Eu acho que, de fato, a patroa tem razão dela ver isso, mas ela não vê os direitos que a doméstica tem. Então se apega a certas coisas: a comida, essas coisas. E de outro lado, a doméstica se apega no sabonete que a patroa dá, nos presentes que a patroa dá. E aí você vê como é difícil de você sair disso, de você crescer como doméstica. Porque todas as coisas está para você se acomodar.

Eu não sei, esse tipo de trabalho de doméstica é muito difícil mesmo. E na medida em que você mora na casa da patroa, ainda mais fica pior, porque você não tem convivência com outro mundo. A gente já tem muitas domésticas que têm um compromisso com a sua família de dar dinheiro. Dá dinheiro mas não vive aquela vida da família dela, não faz aquela feira, não sabe? Mas na medida que a doméstica pudesse ser uma profissional como outra qualquer...

Então é muito sério, muito sério mesmo o problema da doméstica. É essa marginalização que eu falei antes. E eu levo essa marginalização também noutro sentido. É o problema, por exemplo, que a gente vê contar, o problema de Lampião. Que Lampião, uns dizem

que foi ruim, outros dizem que foi bom. Eu não vou analisar essa coisa. Mas diz que Lampião tomou essa posição porque mataram o pai dele. Eu não sei se é verdade. Mas dizem que mataram o pai dele, ele se revoltou e tomou essa posição.

Eu quero levar isso para mim, por um fato que se passou comigo. Que eu podia não ser Lampião, mas podia ter feito coisa muito ruim. Quando a gente não tinha carteira assinada, várias Associações de domésticas de outros estados fizeram um abaixo-assinado. Nós aqui no Recife não tinha associação, mas tinha um grupo. Então, a gente foi fazer um abaixo-assinado para pedir para o ministro, que nesse tempo era o Barata. Não sei como é o nome dele, que eu não gravei o nome desses homens, eu sei que era um tal de Barata.

Então a gente fazia o abaixo-assinado assim: pegava o nome da menina, quanto ela ganhava e todo o compromisso que ela tinha com filho ou com os pais. Nesse tempo a gente era tão besta que a gente nem pedia para ter carteira assinada, pedia só que a gente pudesse pagar o INPS. Porque o fim da vida da gente doméstica era tudo ir pedir esmola. Era isso.

A gente aí partia para todos os cantos para pegar abaixo-assinado. E ia nas escolas onde tinha doméstica estudando. No bairro que eu trabalhava, eu fui falar com o padre, que a escola era da paróquia. O padre disse: "Bem, por mim não tem problema. Agora, você tem que falar é com a diretora". E de noite eu fui. Eu trabalhava nesse bairro, mas eu não morava lá. Eu morava em um bairro perto e eu vinha de pés.

Aí, de noite, eu fui falar com a diretora. Estava a diretora e uma professora. E eu expus o problema. Mas a diretora disse tanta coisa, arrasou tanto, mas onde é que é que você pode deixar uma pessoa mais arrasada? Chamou a doméstica de ladrona, de imunda, de prostituta, mas tudo; não tinha nada na face da terra que fosse mais baixo que ela não botasse a gente como doméstica. Ela disse tanta coisa, que a professora disse:

— Mas essa moça que está aí não é isso; a gente está vendo que não é isso.

Eu disse:

— Não, mas não tem problema.

E de fato eu era aquilo que ela estava dizendo, porque eu era doméstica, né? Então a mulher arrasou, a gente apanhou uma discussão grande. Porque ela dizia que foi para o exterior e lá as domésticas eram civilizadas, estudavam. E eu fui mostrar para ela por que é que a gente não estudava. Com a exposição que eu fiz, ela disse até que eu mostrasse para ela qual a patroa que não deixasse a doméstica estudar, que ela mandava o 4º Exército. E entrou por aí. Ela disse muita coisa; foi muito humilhante.

E a minha humilhação pior que eu sentia mais, era eu estar naquela sala sendo humilhada por aquela mulher, quando a outra sala estava cheia de doméstica e eu não podia chegar lá. Isso que foi a dor.

E eu saí de lá, eu vinha pelo caminho, mas eu chorava como louca no ponto do ônibus. Ninguém não sabia por que eu estava chorando; também ninguém me perguntou, eu não chorava tão alto não. Mas eu tinha as lágrimas caindo, caindo, chorando. E eu te digo que naquela hora, se tem chegado Lampião, eu entrava no bando dele e arrasava com aquela mulher. Mas arrasava com tudo que fosse dela, eu arrasava.

Por isso que eu entendo por que certas pessoas passam para fazer certas coisas errada. Porque eu senti na pele, eu tirei por mim. Porque a revolta, a dor era demais.

E depois a gente foi ver e analisar com as outras domésticas, porque as outras domésticas sofreram também pressão; pressão até de ameaçar com a polícia. Você vê? Um abaixo-assinado para pedir para pagar o INPS, meu Deus do Céu! Não atingia nada o patrão, a gente nem pedia para ter carteira assinada.

E depois, o bom foi que eu continuei trabalhando no mesmo bairro, mas mudei de rua: fui trabalhar na mesma rua que a diretora da escola morava. E a filha dela tinha um comportamento tão baixo, que todo mundo via. De modo que eu entendi por que essa mulher me tratou daquele jeito. E depois ela é que tinha vergonha. Quando eu ia comprar o pão, encontrava sempre com ela, e ela baixava a cabeça. Eu estava de cabeça erguida e ela estava de cabeça baixa. Aí, de certo modo foi uma resposta; eu não esperava, mas a resposta foi dada.

Muita gente acha que doméstica é ladra

Para você ver, o delegado disse na rádio que 99 por cento das domésticas daqui era ladrona. Quer dizer que isso é muito sério; entre 100 domésticas, só tem uma que não é ladrona!

Aí a gente fez um protesto. Fomos na própria rádio que ele disse isso, mas lá não aceitou da gente falar. Então a gente foi na Comissão de Justiça e Paz, e o advogado botou em todos os jornais; mas não saiu! Só teve um jornal aqui da cidade que, por muito a gente falar e tudo, eles publicaram. Mas não botaram tudo que a gente escreveu, só alguns pedaços. E a gente mandou também para a Secretaria, para tudo. Foi um protesto contra o delegado.

Eu sei que existem falsas domésticas que penetram nas casas para roubar. Agora, não quero dizer com isso que a doméstica é ladra. Foi isso que eu disse na rádio quando a gente foi lá levar o protesto. O homem lá disse:

— É, é... mas tem muita doméstica que rouba.

Eu disse:

— Olha, eu não quero dizer que não tem doméstica que roube, quando em toda a categoria tem. Que tem radialista que rouba, que tem locutor que rouba, tem. Agora, se disserem para você que 99 por cento dos homens que trabalham na rádio são ladrões, você não vai aceitar.

Ele ficou calado e um outro homem que estava lá, disse a ele:

— Isso é verdade.

Só que a rádio não estava no ar...

Então eu aceito que tem doméstica que rouba, como em toda categoria tem. E tem muitos ladrões aí de gravata. Agora, dizer que todas as domésticas são ladronas... isso é uma mentira.

Agora, essa onda de roubo muito grande que está aí, certas pessoas que penetram nas casas como doméstica para roubar, isso cada vez mais vai acontecer. As patroas que se sustentem, porque vai acontecer muito. Porque é um meio que a falsa doméstica tem de roubar, porque ela não vai ter problema de arrombar carro, de arrombar casa, ela entra. Porque ela já tem toda uma rede por detrás dela, uma gang; isso aí existe.

Agora, dizer que nós domésticas somos ladra, não somos. É uma situação que existe, que nem a gente disse no abaixo-assinado que a gente fez para o delegado, para o superior dele ver: a gente disse que em vez de eles criarem coisas que acabe com a onda do crime, eles mais cria mesmo para que exista.

Você vê, é difícil a gente encontrar trabalho aqui no Recife para que a gente não durma no emprego. Então, se fosse ladra a patroa não queria a gente dormindo no emprego...

A gente mora no mesmo local onde trabalha

Para mim, onde está também toda a marginalidade da doméstica é que o local de trabalho é o mesmo local onde ela mora. Então tem certas atitudes que às vezes a patroa diz: "Está vendo? a gente dá os pés, ela quer logo as mãos, ela quer sempre isso, sempre aquilo". E não é isso. A doméstica tem certas posições, certas atitudes, porque ali é o mesmo local que ela está morando, é o mesmo local que está vivendo.

Por exemplo, tem problema das meninas jovens que quer botar um short. É muito difícil as patroas aceitarem, tem todo um problema do patrão. E uma pessoa pode dizer para mim assim. "Ora, Lenira, você está querendo demais; local de trabalho é local de trabalho. Nenhuma comerciária, nenhuma operária vai botar um short no trabalho". Certo. É só que ali, meu Deus, é o lugar que a doméstica

mora também! Então onde é o local que ela vai botar esse short? Na praia que quase nunca ela vai? Então a menina tem essa vontade. E todas as pessoas podem dizer que ela está errada; mas uma pessoa que vai ver o natural da menina, a sua aspiração de jovem, se for dizer que ela está errada eu não aceito. Não aceito.

Tem uma menina que disse assim. "Eu não tenho lugar para pentear meu cabelo. Não tenho lugar para pendurar um espelho. Então quando visto uma calça comprida, para botar o espelho em cima da cama, tenho que ajoelhar no chão e sujo minha calça comprida. Então eu vou no espelho da patroa!" Eu não sei se a patroa aceita ou não aceita. Mas se não aceita e vê que a menina está se olhando no espelho dela, então vai chamar aquela doméstica atrevida. Mas não sabe que se ela tivesse um espelho bom no quarto ela não tinha necessidade de ver no espelho da patroa.

Então por isso é que é preciso saber muito as coisas. A gente tem que ver o muito que está dentro da pessoa, o que está por trás, para poder condenar ou aceitar. Eu posso dizer que eu defendo as domésticas, mas se uma doméstica está errada, eu não defendo. O problema não é esse. O problema é ver o porquê da doméstica fazer aquilo. Porque é muito difícil de eu julgar ou condenar quando eu não conheço a situação do que leva.

Agora, é muito difícil a patroa aceitar isso e analisar, como também é difícil a gente doméstica aceitar as patroas. Muito embora o trabalho da gente na Associação não é contra uma patroa em si como patroa: o problema é a sociedade, a situação que existe, e não uma patroa. Porque se fosse uma patroa, quando tivesse uma dessas patroas boas resolveria o problema. E não é isso, é toda uma situação que existe.

Tem gente que diz mesmo que a gente é grã-fina, a gente é não sei o que, às vezes por causa da maneira da gente se vestir, porque às vezes a doméstica se veste muito alinhada...

Mas é aquela vontade de ter as coisas, a vontade de uma jovem que está tendo aquela tentação dentro da própria casa onde ela trabalha e mora. Mesmo que ela não vai comprar um vestido da mesma fazenda da patroa, mas é um vestido novo. Não tem uma jóia de brilhante, mas tem uma fantasia falsificada que na hora é jóia.

Então é muito mais tentação para a doméstica do que para uma menina que está lá fora. Como a comerciária também tem muito mais tentação de se mostrar mais bem vestida do que a menina da fábrica, não é? Então, são os meios que a gente está vivendo que leva a gente a tomar certos comportamentos.

Porque olhe, a gente andar no ônibus, a gente tomar o ônibus, isso já é um crescimento para a gente; já abre a visão. E a menina que mora na casa da patroa quase não tem condições de fazer isso. Tem menina que hoje não sabe ir na cidade! Menina que fica dependendo dos outros.

E eu digo isso porque naquela casa que eu trabalhei 16 anos, sempre a minha patroa é que comprava toda a minha roupa. Quando eu ia ver, já estavam os vestidos feitos. E era um vestido que eu gostava! Tinha uma costureira dentro de casa. Mas isso me dificultou eu escolher modelo de vestido, porque ela fazia o vestido, o vestido me agradava, então... Quando eu digo que isso é ruindade, ninguém acredita. É ruindade minha gente; vai prejudicar a gente para o resto da vida.

Hoje, como diarista, eu tenho que enfrentar um ônibus cheio. Mas isso me dá uma visão que eu não tinha. Eu me encontro com muita gente da construção civil, eu vejo outras conversas. E a menina que mora na casa dos patrões não tem essa oportunidade. Ela só sai uma vez por mês ou de 15 em 15 dias, quando vai em casa. Então isso estreita a visão que a doméstica tem da vida da classe trabalhadora.

Meu Deus do céu, outro dia foi uma menina na Associação pedir para outra menina levar ela no hospital! O bairro do hospital é tão perto da casa onde ela trabalha, e a menina não sabia ir no hospital. Porque ela não sai de casa. É viver numa cidade quantos anos e não conhecer a cidade.

Eu não quero que outras pessoas pensem que por isso a gente não tem capacidade para ver outras coisas... Por exemplo, uma doméstica sempre é uma boa dona de casa. Ela sabe muito bem cuidar de criança. Às vezes dizem que ela quer sempre coisa boa para fazer comida. Mas eu acredito que a doméstica sabe muito criar pratos com o que ela tem dentro da sua casa; porque na casa da patroa ela não teve condições muito de decidir, mas ela fez, ela aprendeu. E chegando na casa dela, ela sabe fazer com o que tem. Ela sabe fazer coisas que as patroas não sabem fazer, de aproveitar o pão velho e tudo.

Lá no bairro onde eu moro, tem uma senhora que é vizinha; e que dona de casa ela é! Ela sabe arrumar uma casa, a mulher é uma divina dona de casa; uma boa esposa. Ela costura a roupa dela. Ela é capaz de pegar qualquer retalho, qualquer pano velho, e fazer uma roupa para criança que é uma beleza! Mas para ir no comércio, ela não sabe. Ele pede à outra menina que mora comigo para ir e comprar as coisas para ela. Por quê? Porque veio também do interior de Alagoas e socou-se dentro de uma casa dando duro.

Então ela é uma dona de casa que é uma maravilha. Mas não sabe ir no comércio. Para ir no médico da organização que o marido dela trabalha, ou no dentista, aí o marido tem que ir junto.

Diarista é mais livre

No sul dá muito diarista. Diarista, eu acho que ela é mais livre. Ela não mora na casa dos patrões, ela vai lá para trabalhar.

Agora, aqui no nordeste não existe muito; é muito difícil. A patroa daqui, ela ainda quer muito a doméstica como escrava mesmo dentro de casa. Não é fácil você encontrar casa que aceita diarista.

Eu quando comecei a ser diarista, eu trabalhava numa casa de umas moças. Trabalhava dia de sábado, mas eu não dava jantar, nem trabalhava dia de domingo. Mas era difícil eu encontrar uma casa que eu não desse jantar e que eu não trabalhasse domingo. Eu tinha minha mãe doente, tinha casa, e queria trabalhar. Mas eu não queria mais voltar e eu não volto mais para morar na casa de patroa. Não volto mesmo, porque seria voltar atrás demais. Por isso eu parti para ser diarista.

Mas aqui no Recife é difícil encontrar patrão que aceita diarista. E também querem pagar muito pouco. Aqui a diarista não é como no sul. A diarista lá trabalha por hora, 8 horas. Aqui a gente trabalha como diarista, mas é quase como a outra que trabalha sem hora. Eu mesma, tem dia que é tanto serviço para trabalhar que eu já cheguei a trabalhar 10 horas. Só que eu não dou jantar, eu sou mais livre. Diarista é mais livre.

Agora, aqui o problema de diarista não é tanto o problema do horário. É o problema do dinheiro. A menina, para ser diarista, tem que ter um lugar para morar. Tem doméstica que tem lugar para morar, mas tem medo de não ter trabalho para todos os dias. E se for ganhar pouco, do jeito que está a passagem agora, não dá. E umas também não tem lugar onde morar. Então as meninas ainda preferem trabalhar na casa da patroa.

Agora, as patroas não querem diarista mesmo! Um diz que a gente indo dormir em casa, não chega à hora certa. Podem ter suas razões. Mas eu por exemplo, eu trabalho numa casa de família que eu chego como se eu estivesse numa fábrica. Agora, tem uma coisa muito séria; é que de fato, às vezes, a doméstica não toma essa responsabilidade de chegar cedo, de ter horário para chegar. Mas sabe por quê? Porque ela não tem horário para sair! Agora, a patroa nunca vê isso.

Porque já que não existe lei, o compromisso de patroa com doméstica é muito relaxado. É relaxado mesmo, nenhuma leva a coisa a sério. A doméstica não leva a sério de exigir, porque também não pode. E a patroa aceita que a doméstica, se ela tem que chegar 6 horas, chegue às 7 horas porque também não tem hora de voltar para casa, não tem hora de terminar o serviço. Então nenhuma tem moral para falar da outra.

A patroa pode dizer: "Você tem que chegar a essa hora". Para a doméstica, isso entra por um ouvido e sai pelo outro. E na prática

chega tarde porque não tem hora de sair. Agora, a patroa não vê isso.

Outra dificuldade também é que o patrão não tem obrigação de assinar a carteira da diarista. Porque ela trabalha para vários patrões. Uns assina, mas sem responsabilidade, sem compromisso. Então a diarista tem que ganhar muito mais porque toda a responsabilidade do INPS é dela.

As vezes acontece casos que dois, três patrões se juntam e pagam a sua parte do INPS. No meu caso, o meu patrão assinou minha carteira porque senão eu tinha que tirar todas as papeladas lá. Aí eu tenho a minha carteira assinada, mas eu que pago o INPS sozinha.

Aí, pode dizer que eu ganho muito. O caso não é que eu ganho muito, é que eu não moro só. Eu moro mais com outras duas pessoas: outra é doméstica e uma é enfermeira. Então a gente se junta e vê o problema da casa. E também eu tinha uma casa que não pagava aluguel, era uma casa que me deram, uma casa de tábuas. E agora é que a gente comprou outra e se mudou. Então são três pessoas para assumirem a casa.

A carteira de trabalho e o INPS

Eu falei que a doméstica hoje conseguiu alguma coisa da lei: a carteira assinada e o INPS.

Mas falaram que a doméstica ia ter todos os direitos. Então hoje ainda está uma confusão muito grande mesmo, porque a doméstica pensa que tem todos os direitos que os outros trabalhadores têm. E ela não tem. A carteira assinada da doméstica só dá direito a férias.

Mas a menina que pensa que por ter a carteira assinada é por obrigação ela ter salário mínimo. Pensa que é obrigação ter indenização; que é obrigação ter o 13º salário. Então isso dá uma confusão.

E muitas meninas não querem ter a carteira assinada. Tem patroa até que diz: "Eu não entendo por que ela não quer carteira assinada".

Ter carteira assinada tem três problemas. Um problema acontece com a doméstica jovem, não acontece na doméstica adulta. É que a doméstica jovem tem uma esperança de deixar de ser doméstica. Por mais que a gente diga que ela tendo carteira assinada, mesmo deixando de ser doméstica depois, isso já ajuda na sua aposentadoria, não adianta. Ter a carteira assinada com o nome de doméstica é vergonhoso. Então, ela não quer de jeito nenhum: "Se eu vou procurar outro emprego tendo na minha carteira o nome doméstica, então eu não quero". Por vergonha, ela não quer.

Outro problema é que as patroas não querem assinar a carteira. E isso é a maioria das patroas.

E outro problema é o dinheiro que não dá, porque a gente paga o INPS pelo salário que a gente não ganha. A gente paga pelo salário mínimo. Quer dizer, o salário mínimo agora é 10 mil e 200 cruzeiros. E qual é o salário da doméstica? Às vezes as pessoas dizem assim: "Quanto é a média que as domésticas ganha?" É difícil da gente dizer.

Foi feita agora uma pesquisa que termiou esse mês, aqui no bairro de Casa Forte, bairro rico. A Associação deu cobertura, mas foi as domésticas do bairro que fizeram a pesquisa. Quer dizer, não foi elas que resolveram fazer a pesquisa. Tem uma menina da Associação que acompanha um grupo de domésticas de Casa Forte, e um padre lá deu uma sugestão delas fazerem a pesquisa.

Elas atingiram mais ou menos 100 domésticas do bairro. Sabe qual é o salário assim que dá mais? 4 mil cruzeiros. A gente encontrou uma menina que ganha 15 mil cruzeiros, encontrou uma que ganha 500 cruzeiros. Então eu não posso me basear de pegar no de 500 cruzeiros e também não posso me pegar no de 15 mil cruzeiros. Porque a comparação é a mesma: um caso em cem. Mas a maioria mesmo, que predominou mesmo foi 5 mil cruzeiros e 4 mil cruzeiros; é o que tem mais.

E 70 por cento não tem carteira assinada. Tinha 24 meninas que trabalha 14 horas por dia. Isso agora, esse mês! Então, você dizer isso, quase que a gente diz que é mentira. Porque é uma coisa tão absurda! Mas é verdade mesmo. Isso é hoje, e está ocorrendo num bairro rico.

A gente fez uma pesquisa há dois anos e se você vai comparar, é quase a mesma coisa. É mais alarmante ainda, porque na pesquisa de há dois anos atrás a gente pegou vários bairros, e agora foi só um bairro rico. E o problema de não ter carteira assinada foi muito maior agora do que há dois anos.

Então, quem é que com 4 mil cruzeiros pode pagar o INPS? Aí a patroa, o que faz? Ela diz: "Eu pago o INPS sozinha". Na medida que a patroa diz isso é muito ruim; às vezes a doméstica não entende, a patroa também não quer aceitar e talvez as pessoas não queira aceitar, mas é muito ruim.

Às vezes a patroa faz isso pensando que é até bondade. A gente tem uma patroa que ela até vai lá na Associação, até ajuda a gente. Mas a gente foi obrigada a dizer para ela: "Não, não é bondade não; é ruindade. Porque na medida que você paga os seus 8 por cento e paga os 8 por cento dela, a menina se acostuma. Quando ela chega em outra patroa que a patroa não quer pagar, ela vai dizer: Aquela patroa é que era boazinha". Quando não era boazinha; é um problema de lei. Aquela outra que não paga é que está certa.

E a menina acostuma também a ganhar pouco. Por isso a gente disse àquela patroa, na Associação: "Não, você tem que pagar a ela um salário que dê para ela tirar os 8 por cento dela. E você paga o seu. Não é você pagar os dois não".

Mas tem muita patroa que faz isso, mas muita; e dá uma de boazinha. E muita doméstica não percebe; às vezes a doméstica até diz: "A minha patroa é boa; ela paga tudo".

E o pior é quando o salário mínimo aumenta e o da gente não aumenta; e a patroa diz assim: "Eu não aumento porque eu já aumento a porcentagem do INPS". E como ela paga os dois lados, ela aumenta o pagamento do INPS e a menina fica no mesmo. Quando todas as outras coisas aumenta, o salário dela fica no mesmo!

Então, às vezes, muitas meninas não vê a gravidade do problema. Se você for falar com a doméstica, muita doméstica vai aceitar que você pague os dois lados. Porque nem todas as domésticas vê esse problema que vai dar para elas. Então, são coisas que às vezes dá trabalho da gente fazer a doméstica entender.

E tem também as patroas que dizem que não vale a pena assinar carteira e pagar o INPS porque tem que tirar dinheiro do salário. E como a menina ganha pouco mesmo, às vezes entra nessa conversa da patroa. Às vezes a patroa até arruma um médico da família... que é para a menina ficar boa mais depressa, né? Aí tem todas essas coisas que consegue enrolar a menina.

E já que ela não tem os direitos todos como os outros trabalhadores então ela acha que não deve ter carteira assinada.

Agora, as mais adultas são as que mais se pega para ter carteira porque de fato não têm mais saída na vida. E as jovens vê esse problema de botar na carteira o nome de doméstica.

Tem menina que diz que o marido dela é o INPS. Porque antes, tudo quanto era doméstica sem família, ou às vezes até com família, ia ou para o abrigo, ou para as calçadas pedir esmola, porque não tinha aposentadoria.

Agora, a aposentadoria é muito pouca. São raras as domésticas aqui que tem uma casinha, um quatinho para morar. E a aposentadoria não dá para ela viver.

Então, por exemplo, tem uma doméstica que se aposentou; ela quando deu entrada estava com 60 anos, quando se aposentou estava com 61. E mesmo aposentada, ela continuou trabalhando, porque não dava. Mas agora não está mais agüentando, porque ela sente muitas dores nas pernas.

Quer dizer, o dinheiro da aposentadoria é muito pouco para viver. Mas ainda é melhor do que nada. Porque às vezes até os parentes aceita de você morar com eles, porque você tem aquela contribuição. Quando você não tinha nada, ficava mais difícil os parentes aceitar.

Mas tem meninas que não sabe nem onde é que anda sua família, vieram para aqui com 10 anos e não sabe mais de sua família. Não tiveram mais relacionamento nenhum. Então onde vai ficar? Às vezes se junta com outra pessoa também aposentada, porque juntando os dinheiros já dá um pouco mais. Por isso que às vezes a menina diz que o INPS é o marido.

Tem patrão que não sabe nada da lei

A maior coisa que muitas domésticas vão na Associação, é saber se tem indenização. Foi uma lá na Associação, com 13 anos na casa. Então ela diz: "Eu quero saber se eu tenho direito a uma indenização quando eu sair de lá". Infelizmente a gente não pode dizer que tem, a gente diz que não tem.

No fim do ano agora que passou, o que foi de patrão na Associação para saber se a doméstica tinha 13º não foi pouco. E dói a gente dizer que não tem. Parece que a gente está sendo contra a doméstica. Mas infelizmente a gente tinha que dizer que não tem. Muito embora tem muitos patrões que dão o 13º. A gente vai ver, tem muitos. E a menina que ficava lá na Associação responsável para receber as pessoas, ela se apegava logo a isso: "Não, não é lei, mas tem muitos patrões que estão dando".

E tinha patrão que dava porque não sabia, pensava que era lei. Tem patrão que de fato não sabe nada da lei, do pouco que tem da lei para a doméstica. As patroas, meu Deus do Céu, as patroas são cegas, cegas. Quando eu vejo que a doméstica escuta as coisas e não entende... as patroas do mesmo jeito! Porque o que está para a gente mostrar para essas patroas esse negócio do "pacote", que aumentou mais para elas e que aumentou menos para gente...

Quer dizer, o INPS aumentou para 8 e meio por cento para quem ganha até 3 salários mínimos, que é o caso da gente. E para os patrões, aumentou para 10 por cento. Mas as patroas não entendem. Às vezes eu não sei o que é, mas às vezes é ignorância mesmo.

A menina torce para que a gente acerte

Eu acho que a doméstica tem que se valorizar também para que as outras pessoas tenham respeito pela gente. Mas é que a situação não contribui muito.

Por exemplo, às vezes as pessoas não sabem como uma palavra dita por um locutor numa rádio ofende a gente. Às vezes o locutor diz assim certas graças com a gente doméstica, e não sabem como isso marca muito. Marca, marca, marca muito.

E às vezes quando a gente vai para a rádio assim falar, até é difícil. Por exemplo, teve um programa de rádio aqui que a gente foi falar. E quando a gente chegou lá, o locutor foi dizendo: "É, na Associação de vocês pode ser que as pessoas sejam diferentes; mas muitas domésticas que passaram na minha casa foi assim, foi assim, foi assim". É verdade que não estava no ar, mas foi logo com o que ele veio. Quase que isso trouxe assim uma dificuldade da gente conseguir falar no programa naquele dia. Só que a vontade de acertar era tão grande que a gente superou aquele sentimento; porque enquanto a gente falava, a gente sabia que tinha muitas domésticas que estavam ouvindo.

E a gente teve condições depois de ver como esse programa teve uma repercussão tão grande, tão grande! As domésticas abriam o volume do rádio para as patroas ouvirem...

E como as domésticas torciam para que as domésticas que estavam falando lá na rádio acertassem, para que elas não errassem, para que elas não se enganassem! Porque a doméstica quer ter assim muita segurança. Ela às vezes não acredita na outra doméstica porque ela também não tem segurança nela mesma. E quando uma doméstica está num apuro desse, falando numa rádio, com muita gente ouvindo, elas estão torcendo porque, na medida que a menina se perde, elas se perdem também; e então aquilo é um fracasso para elas.

É por isso que às vezes eu digo que eu tenho muito mais medo de falar para as minhas companheiras do que falar para outras pessoas. Hoje eu não tenho nenhum problema de falar para autoridade, para Papa, para governador. Isso não me atinge; não me tenho vergonha. Porque eu sei o que eu estou fazendo. Eu falo meu português errado, eu não me preocupo. E o que estou falando para mim, não vai ter valor para eles. Porque o que eu estou falando para eles eu sei que é águas passadas.

Agora, quando eu falo para meu mundo de doméstica, aí eu sempre digo: "O que eu estou falando vai ajudar ou não vai?" Aí de fato eu tenho muito mais respeito de falar para as minhas companheiras do que para o resto dos intelectuais e tudo. Porque é isso: a menina torce, torce para que a gente acerte. Então eu não quero errar que é para não levar uma decepção às minhas colegas. Porque eu sei que as meninas estão torcendo para que a gente acerte.

Eu estou dizendo isso porque acho que na medida que você vai fazer uma coisa a partir só de você, você não teria mais sentido de ser.

Dizem que a doméstica não produz!

Uma coisa também que dizem, e que é uma coisa que marca a doméstica, é que a gente não pode ter direito às coisas porque a gente não produz.

Está certo que a gente, numa casa de família, não produz assim tecido como nas fábricas. A gente não produz coisas que vá dar dinheiro. Mas a gente produz dentro dessa sociedade. E foi isso que na medida que eu descobri, eu não me vejo mais uma doméstica isolada no meio do mundo, só com as minhas companheiras domésticas. Eu me vejo dentro de tudo! Até que me prove o contrário, eu participo com as minhas companheiras dentro dessa sociedade.

Quando eu cozinho para esses caras que estão lá discutindo, para esses médicos, para esses engenheiros, para tudo, eu estou dando uma contribuição. E eu estou dando uma contribuição também, eu e as minhas companheiras, quando eu estou trabalhando dentro desse país. Eu estou fazendo alguma coisa porque, com tudo que eles querem nos marginalizar, a gente ainda luta para trabalhar, para sobreviver. Na medida que eu luto para sobreviver dentro do país, eu sou responsável e eles têm que ser responsável pela gente também. E isso é que não existe; isso é que é marca.

Então eu acho que a doméstica faz parte do mundo operário. Quando eu digo mundo operário entra tudo: comerciário, tudo... E a gente doméstica também. Mesmo que a doméstica não esteja considerada assim na faixa da produção, como dizem, a gente faz parte de um mundo de trabalho. Só que a gente trabalha em lugares diferentes. E atua diferente.

Há mais de 50 mil domésticas no Recife

Tem gente que diz: "Seria bom que acabasse doméstica". Eu também gostaria. Mas não sei como isso poderia ser agora, no Brasil. Principalmente no Nordeste, meu Deus, quando há esse desemprego, como é que vai deixar de existir doméstica? Aqui no Recife uma pesquisa feita pela SUDENE mostrou que estava em 50 mil, quase 60 mil domésticas na cidade. Como é que esse povo, meu Deus, vai poder encontrar outro emprego?

E tem gente que não tem condições mais de deixar de ser doméstica, que já está com uma idade avançada, sem ter nenhuma profissão outra, só tem de doméstica.

Então eu acho que a luta da gente ainda é para a gente ser valorizada e ter direito como os outros trabalhadores. A CLT não está servindo mais para os outros trabalhadores, a gente está lutando para entrar nela. Mas eu acho que na medida que a gente entra, a gente luta junto para melhorar. Como a gente está lutando pelo INPS, pelo "pacote". Antigamente a gente não podia entrar nessa luta, ou até podia entrar, mas como corpo estranho.

Mas nessas leis também, a gente doméstica não é reconhecida ainda como profissional. Então, como é que eles dá um pouco de uma

lei para umas pessoas que não são reconhecida? Porque não reconhece e não dá tudo da lei? Então são coisas que a gente não entende e que traz uma consequência negativa.

O que me preocupa é se não há valorização nessa profissão de doméstica, o mundo de marginalizados vai ser pior.

As pessoas dizem: "Não, mas o valor tem que partir de vocês". A gente sabe que o valor tem que partir da gente, mas não é fácil. Só a gente que é doméstica sabe. É como quando todo mundo está dizendo que você é ladrão, e quando você não é mais ladrão continuam dizendo que você é ladrão. Fica difícil para você tirar essa marca. Então a doméstica, muitas descobrem que têm valor e tudo, mas fica difícil quando ela vê tudo contra, tudo, tudo, tudo contra. E aí é todo um trabalho que é difícil a gente fazer dentro da Associação, um trabalho de valorização e de conscientização mesmo.

III. A SITUAÇÃO DE TRABALHO INFLUI NA VIDA TODA

É difícil ter uma personalidade firmada

Outro dia eu discuti com uma doméstica uma coisa que eu não sei nem como empregar a palavra e talvez seja uma coisa que as minhas companheiras não entenda e não aceita. Mas não tem problema, muitas não entendem hoje mas talvez um dia vá entender, porque antigamente eu também não aceitava. O que eu discutia é que é difícil da gente que é doméstica ter uma personalidade firmada. Eu não quero dizer que isso é culpa da patroa, eu não quero culpar a patroa em si, uma patroa, mas a sociedade. E a doméstica, se ela não vê é porque a gente se coloca dentro de uma casa, então a gente adquire muita coisa das patroas ricas. Sem a gente querer, mas entra aquilo. E por isso está a dificuldade da gente se relacionar com os outros trabalhadores.

Eu digo que é difícil ela ter uma personalidade decidida é porque, na mesma hora que ela rejeita aquela patroa, aquele estado de ser doméstica, ela está adquirindo e aceitando coisa dela. É a maneira às vezes de se vestir, é o comportamento...

Olha, uma coisa que me chocou foi que no ano passado eu participei de um encontro de camponês e a gente estava conversando e um camponês me disse assim:

— Eu nunca me casaria com uma doméstica.

Quando ele disse isso, um negócio me doeu lá dentro. Logo veio o problema da virgindade, porque o povo no interior tem que a doméstica vem para a cidade e se perde logo. E em muitos casos isso

acontece (depois eu vou dizer por que que acontece), e logo me veio aquilo. Eu disse:

— Mas por quê?

Ele disse:

— Porque as domésticas querem ser que nem as patroas. Eu tenho caso lá de rapaz que casou com doméstica e elas querem ter as mesmas coisas que as patroas. Por exemplo, ela só quer ter menino na maternidade.

É que no interior não se tem menino na maternidade, só tem menino em casa.

Então eu tentei dizer para ele que não é culpa da doméstica. Mas ele não quis entender, não entendeu porque fica difícil para ele entender. Mas de fato a gente não tem culpa de ser assim, enquanto não descobre. É uma coisa que você está tendo todo dia. Você vem do interior, como eu, com 14 anos, e se mete dentro de uma casa, você adquire aquelas coisas sem querer. Por isso que eu sempre pego eu como referência do que eu falo. Quando eu deixei de viver na casa da patroa e fui para um bairro pobre morar, aí foi que eu fui ver, que eu fui abrir os olhos.

Porque eu te digo, quando eu vim para a cidade eu procurei uma prima minha que tinha vindo do interior e que tinha trabalhado na família dessa casa onde eu estava (que a gente era como propriedade, vinha para essa família). Ela era cozinheira nessa casa. E eu fui com ela aqui em Santo Amaro, que é o bairro onde eu moro agora. E quando eu vi aquelas casa, com água por baixo, sem ter assim aparelho para você defecar nem nada, tudo assim dentro das águas... aquilo me deu uma repugnância tão grande que eu disse: "Nunca que eu morava num lugar desse". Porque eu vim do campo, mas no campo a casa era grande, era de barro. A gente não tinha aparelho para defecar, a gente defecava dentro do mato, mas era um mato seco que fazia aqui e acolá. Era diferente daquela lama, daquela casa dentro da lama. Então aquilo, eu disse: "Nunca que eu moro". Quase que eu rejeitei, naquela hora, a minha prima. Não minha prima como pessoa, mas a casa onde minha prima morava.

E depois eu fui morar nesse mesmo bairro, e a água entrou dentro da minha casa, com todas as fezes.

Então eu fui ver, eu fui entender que, de fato, para a doméstica que acostumou a morar na casa da patroa, é difícil ela aceitar a enfrentar essas coisas. E se eu não tenho vivido naquele bairro, eu nunca ia poder entender. E hoje eu entendo.

"Por que você se entrega assim a qualquer um?"

Uma coisa também que ninguém não entende é toda essa carência de carinho que faz às vezes a gente se perder, como se diz. Por-

que não é mole; você deixa sua família, mesmo sendo pobre no interior, mas a gente tem o carinho. E quando você vem trabalhar você se coloca numa casa que você se vê a marginalizada dentro daquela casa. A gente é humana e sente necessidade de carinho.

E também, uma coisa que a doméstica às vezes se arrisca e se entrega é muita vontade de sair da casa dos outros. Eu já tive oportunidade de perguntar, de fazer pesquisa assim:

— Por que você se entrega assim a qualquer um?

A maioria respondeu:

— É que eu tenho de sair da casa dos outros.

E os homens são tão espertos que eles usam isso: “Eu lhe tiro da casa dos outros”. E com isso a menina se entrega.

Por isso que eu acho e que eu digo que a gente é desvalorizada também pelos próprios trabalhadores. Porque não é só com os ricos que a gente se perde. Quando a menina, por exemplo, se perde, na maneira de dizer, com o rico, pelo menos ela sabia que aquele rico não ia casar com ela. É mais um carinho e também — quem é que não entende? — é uma valorização. É negativo, mas quando a menina se enamora com um rapaz rico, ela acha que está sendo valorizada diante das outras colegas, de tudo. Mas quando um trabalhador, um operário diz que vai tirar ela da casa dos outros, que vai casar com ela, ela acredita. É o cara deixa ela com filho. Porque é muitas e muitas domésticas grávidas. O cara promete que vai ajudar e tirar ela da casa dos patrões, mas basta ela ficar grávida e ver, ele desaparece. E isso são operários. Não é gente rica não. A maioria é gente como a gente.

Eu também não digo que eles têm culpa. Mas uma das coisas que a gente vê, porque isso se passou comigo, é que ele leva a doméstica a mentir. Na medida que o namorado sabe que a gente é doméstica, o fato de ser doméstica quer dizer que não tem um pai, não tem um irmão. E então o tratamento já passa a ser outro. Nunca eles acreditam que eu, por não ter pai, não ter irmão, eu tenha uma personalidade e posso muito bem me livrar de qualquer homem, ceder ou não ceder na medida que eu queira. Mas não; o fato de você não ter um pai, um irmão para lhe dar ordem, para lhe ver, você já não é ninguém. E eles aí já começam a avançar o sinal.

É tudo isso que são coisas que, às vezes, as pessoas não entendem e acham que as domésticas são prostitutas. Eu não sei se agora está assim, mas já há pesquisa que a maioria das prostitutas são domésticas. Mas não é porque a gente é safada não. É as coisas que levam a gente a agir dessa maneira. Aquela marginalização que a gente vive dentro do quarto, naquela casa, presa, aquela falta de carinho, aquela falta de tudo...

E a doença que dá mais na doméstica é sistema nervoso. Não é tuberculose. Porque por mais ruim que a comida seja, sempre tem

uma comida melhor do que certos pobres que estão lá nos alagados. Isso eu não vou negar. O quarto da doméstica, que ainda é um quarto ruim, abafado, com troço, mas ela não está dentro da água. Não é isso. É o sistema nervoso que ataca. A doença da gente é sistema nervoso, de tanto você estar aceitando uma coisa que você não quer.

A gente fez uma pesquisa, as meninas disseram claramente: “Quando o meu namorado está no portão me esperando, quando eu vejo no relógio que está chegando a hora de eu ir para a aula, e que esse jantar não sai...” Então isso vai reprimindo, reprimindo e a gente fica doente, quase doida.

Eu me preocupo para que a doméstica não caia nesse nervosismo; que ela descubra, que ela lute para que isso melhore. Já que a doméstica não tem família, porque ela vem do interior, então que a gente se junte como categoria, para ser uma família, pelo menos para trocar, para desabafar mais essa carga.

Porque essa carga, às vezes, vai ser desabafada também com o namorado. O namorado deixa um filho, é mais problema ainda.

Para você ver uma coisa: não é tanto pelo problema financeiro que a doméstica procura o homem. Não é o problema financeiro. É o problema afetivo mesmo.

Depois que eu fui morar nesse bairro de gente pobre, vários rapazes chegaram a me dizer uma coisa que de fato doía para eu aceitar. Um deles me disse assim: “Olha, Lenira, a gente procura doméstica, uma porque a gente não paga, elas não fazem questão de dinheiro; e outra porque são pessoas limpas e que a gente sabe que não tem doença. É muito diferente do que a gente ir na zona”. Isso era duro para eu aceitar. E quando ele me dizia, ele me dizia com tanta franqueza que eu agradeço a ele ter dito porque eu tive uma comparação; e ele é um cara que eu confio nele.

E é uma realidade! A gente vê menina que não ganha nada, ela vai pelo problema afetivo, por toda uma carga afetiva dela não ter outros carinhos. Não vou dizer que a doméstica tem homem por causa do dinheiro. Não é. Ela passa mais a ter o homem para dinheiro quando ela tem um quarto. Então, quando o dinheiro não dá para pagar o quarto, às vezes ela tem um companheiro que ajuda esse quarto. Mas a doméstica que está vivendo na casa da patroa — que é a maioria, não tem nem comparação — é mais isso, é o problema afetivo. Não é o problema de dinheiro não.

E por isso que eu gostaria, meu Deus, que chegasse um dia que a doméstica procurasse um homem... está certo, é natural eu ser, você ser mãe solteira, mas que pudesse ser isso mais consciente. Que eu pudesse ser mãe solteira porque eu decidi ser mãe solteira e que eu tenho condições de sustentar o filho. E não ser mãe solteira por

quase uma tábua de salvação, porque eu penso que vou sair daquela casa. E cai noutra abismo com o filho.

É duro a doméstica que tem filho na casa das patroas. É duro, é duro, é duro, meu Deus. Lá no bairro onde eu moro, em Santo Amaro, tem muitas mulheres que ganham dinheiro para tomar conta dos filhos das domésticas. Então, as meninas rodam, coitadas, para pagar, para levar alimentação. O problema da doméstica que tem filho é muito sério. Sem creche. Problema de creche é muito sério para todas as pessoas que trabalham, todas as mulheres, principalmente as domésticas. Porque a creche que recebe, fica até certa hora com a criança. E a menina vai aquela hora, pega, mas para botar onde? Porque não pode levar para a casa da patroa.

O relacionamento com rapazes

E uma outra coisa que eu acho, é a dificuldade do relacionamento da doméstica com o homem. Não digo o namorado, mas o amigo. Aí é muito difícil. Eu tive isso... A gente já constatou isso há muito tempo. A primeira vez que se encontrou aqui na Associação, o grupo de domésticas com rapazes, aí o procedimento, o comportamento foi uma coisa... Não era um comportamento de malandragem, não. Era um comportamento assim... umas ficavam assim não sabendo como falar, outras tímidas.

Porque o relacionamento de namorado é diferente. Logo a doméstica namora. Mas esse relacionamento natural de um rapaz, de você conversar com um rapaz, ou com um homem casado, isso é difícil na doméstica. É difícil porque a gente não teve um comportamento natural, um relacionamento natural com homem. Quer dizer, eu digo homem o meu irmão, o meu pai. Porque a gente sai logo cedo de casa, então não tem um relacionamento natural com o ser masculino, com o pai, com o irmão.

Na casa da patroa, muito pior; com o patrão é relacionamento de patrão. E a gente muda de patrão em patrão.

Então, quando você se encontra com o homem, se é um relacionamento de namoro, tudo bem, porque logo se dá certo. Mas quando é de conversar, aí vem a timidez. Que até isso acontece na doméstica. Hoje, na Associação, se a gente juntar muitos rapazes e muitas moças, se for para dançar, tudo bem. Mas se partir para uma conversa, as domésticas ficam caladas, caladas, caladas. Se inibem de uma maneira que não funciona.

E ninguém nunca viu o porquê disso. Quer dizer, agora a gente já vê, já sabe mais analisar isso. Mas um dos referentes fui eu. Porque eu vivia assim acanhada na vista dos rapazes, e eu fui descobrir isso quando eu fui para a JOC. Tinha a JOC masculina e feminina. E eu

encontrei aqueles rapazes que quase que fazia às vezes de meu irmão, porque eu não tive irmão para conviver com ele. Mas era difícil de eu aceitar aquilo, aquela naturalidade. E foi com aquele tempo que eu aceitei. E daí, quando aqueles rapazes me diziam que aquele vestido ficava bom em mim ou não ficava... quando é que a gente tem isso? Quando é que a gente vai para um cinema com um rapaz sem ser namorado, sem ser irmão, e depois discute aquele filme? Na JOC é que eu tive isso. Mas na vida da doméstica isso não acontece. Aconteceu na minha, acontece com algumas. E depois eu vim a entender o procedimento das minhas companheiras, porque eu também fui assim.

Então, na medida que a gente pode se juntar com outros trabalhadores, é importante. E nisso, aqui no Recife, a gente hoje já tem uma ajuda dos outros setores dos trabalhadores, dos movimentos de trabalhadores que começou a se juntar. Isso aqui no Recife já se dá.

Mas a gente sente que para muitas domésticas, ainda é difícil. São coisas que precisa saber para poder entender.

Na vista da patroa a doméstica não reage

A gente fez agora uma carta para mandar para os deputados, para os senadores daqui de Pernambuco, para que eles não deixem passar o "pacote". A gente fez assim: a carta não é como Associação, é só como membro da Associação. E que cada menina assine e mande a sua carta, ela como doméstica. A própria menina paga a sua carta, paga o selo.

A gente fez 100 cartas, já foi todas assinadas. Foi uma maneira da gente atingir a base. Quer dizer, teve condições da gente conversar com as meninas o que era o "pacote", porque ela dizia que não ouviu, ou quando ouviu não entendeu. E também dela assumir de pagar a sua carta.

Essa semana eu passei na Associação, já tinha Cr\$ 800,00 só de carta que as meninas pagaram. E isso menina que não está nem sendo as sócias. Ainda foram poucas as meninas que assinaram porque a gente não teve condições de atingir muitas, e porque a gente tem que mandar logo, tem que botar no correio sexta-feira agora.

Então, foi uma coisa muito boa. Mas ainda teve uma patroa que reagiu. Uma menina que estava levando as cartas para outras assinarem chegou numa casa e disse para as crianças:

— Aí tem doméstica?

Elas disseram:

— Tem.

Aí a doméstica da casa veio. Quando ela estava lendo a carta, a patroa viu e disse assim:

— Ela não vai assinar não, porque ela mora aqui mas ela não é empregada.

A menina disse:

— Ah, é que seu filho disse que ela era empregada.

E naquela hora, de fato, a doméstica não teve reação de assinar a carta. Porque a gente tem tido muitos fatos de naquela hora a menina não ter força de dizer “não” na vista da patroa e dizer “sim” para a gente. Isso tem acontecido muitos casos.

Por exemplo, eu fui numa escola profissional de arte culinária e teve um debate lá. E a professora fazia aquela escala de quem estava mais alto e quem estava mais baixo na sociedade. E no mais alto ela botava o patrão, as professoras, tudo. E a gente doméstica ficava no último lugar da escala. Ela começou falando isso. E depois disse que a patroa podia dizer tudo para a gente. Se a gente não gostasse, a gente podia sair da casa mas não podia responder, não podia dizer nada, não podia dizer o que estou sentindo, se eu estou aceitando ou não aceitando. O de baixo não podia responder ao de cima.

Aí eu não agüentei, aquilo me ferveu! E falei para ela:

— Eu acho que é por isso que a gente doméstica não gosta de ser doméstica. Porque é uma desvalorização.

Aí ela se virou para mim e disse:

— É que você não dá mais para ser doméstica.

É outra coisa: basta a gente ser esclarecida que não é mais doméstica. Então, a doméstica tem que ser aquela pessoa burra, ignorante. E na medida que nos dão a oportunidade, e que eu descubro, que a menina outra companheira minha descobre, que começa a se sair, a falar, então você não é mais doméstica, ou você não dá mais para ser doméstica. Então aquilo me ferveu. E de fato, com ela não tinha palavra para dizer, não adiantava.

Quando eu falei aquelas coisas para a professora, não teve uma doméstica que reagisse a meu lado. Mas quando eu me sentei, as mãos por debaixo das cadeiras vinha para apertar a minha mão. E depois falaram: “Mas Lenira, como foi bom, Lenira. Como foi bom tu falar, Lenira. Como tu tem coragem!”

E sempre é assim. Elas não têm coragem de reagir assim quando elas está dentro da casa da patroa, quando acontece um fato desses. Mas ela tem vontade. Ela fica totalmente do lado da gente, e depois vem dizer: “Foi bom você falar, foi bom. Eu não tive coragem de dizer”. E até valoriza porque a gente tem coragem. Na hora, quase que você diz: “Eu estou só”. E quando você não descobre que não está só, você é capaz de renegar as suas companheiras, de ser contra elas.

Por isso que é preciso entender muito para a gente aceitar e entender as posições que a gente toma como empregada doméstica. Quando a gente não sabe disso, então a gente logo renega. E muita gente faz isso.

A menina não diz que é doméstica

A vida da doméstica leva ela a negar de ser doméstica. Isso não é só a doméstica que nega não. A comerciária também nega, a operária também nega, na medida que ela se vê com gente que é mais superior. Superior que eu digo é porque infelizmente, na sociedade de hoje, as pessoas têm valor pelo tipo de trabalho que ela faz e não pelo valor pessoal que ela tem.

E como o trabalho da doméstica está na última escala, então a doméstica não tem valor. Ela pode ter um valor de pessoa; eu conheço pessoas que têm um valor, meu Deus, de santa. E essa pessoa, na sociedade, não é valorizada por causa do que ela faz, pelo tipo de trabalho. Então isso é uma coisa que me revolta mesmo.

Você vai numa escola onde tem doméstica, tem comerciária e tem rapaz, a doméstica não diz que é doméstica. De jeito nenhum ela não diz. Uma vez fizemos uma pesquisa para um congresso que ia ter. Eu fui numa escola. E só uma teve coragem de dizer que era doméstica! A freira mesma me disse que a maioria que estudava lá era doméstica. Depois, nos corredor elas vinha conversar comigo; mas na hora não disse que era doméstica.

Para o namorado também a menina nega. Quando a gente se veste direitinho e sai na rua, quem vai saber quem é doméstica ou quem não é doméstica?

Isso eu acho que é você não assumir aquilo que você é. E para mim, isso é uma dificuldade no trabalho que a gente faz, porque na medida que eu não assumo aquilo que eu sou, para eu sair disso é difícil.

Mas infelizmente não é só os patrões que desvalorizam a gente. É também o mundo dos trabalhadores. Hoje em dia já mudou, já mudou um pouco.

Então a coisa é muito dura, e por isso que às vezes eu entendo todas as minhas colegas que querem sair mesmo de ser doméstica. Porque não vê saída, acha que não existe uma mudança na categoria. Porque a doméstica não acredita mesmo que possa mudar como doméstica.

Tem muitas patroas que dizem assim para a gente, lá na Associação: “Vocês têm vergonha de ser doméstica. E a gente também é doméstica...” Aí a gente responde: “Minha senhora... a doméstica no caso da gente é empregada. Empregada doméstica. É muito diferente ser doméstica da própria casa e ser empregada doméstica”.

E o pior é que o trabalho da empregada doméstica não é nem reconhecido como profissão. A gente é conhecida como “faz tudo”.

De fato a gente tem muito problema com o nome doméstica. Por exemplo, se a gente bota no convite “Festa das Domésticas... isso é um problema para a menina. Porque às vezes ela não quer ir por-

que botou “doméstica” no convite. E a gente se pergunta: botar mentira? botar o quê, meu Deus?

Tem gente que não é doméstica que acha que tem que mudar esse nome, talvez mudar para “auxiliar do lar”. Mudar o nome, botar outro nome... eu não sei, porque na prática ela continua sendo a mesma coisa. E o comportamento com ela continua sendo o mesmo. Era preciso que tivesse outras mudanças; por exemplo, ser reconhecida como profissão. Mas só mudar assim o nome, eu não sei se vai melhorar.

Um rapaz me deu um livro para eu ler, um livro chamado “Força do Povo”. Esse rapaz disse assim: “Lenira, tem uma experiência de doméstica muito boa nesse livro”. E eu fiquei lendo o livro. Eu não gosto muito de ir ler primeiro o fim do livro; eu gosto de ir acompanhando. E comecei a ler para ver onde é que ia aparecer o problema da doméstica. E não chegava. E apareceu só no fim do livro, uma coisinha bem miudinha, umas letrinhas miúda.

Nesse livro, a experiência com as domésticas é feita por uma freira; faz parte da Secretaria da Educação, parece. É um trabalho de preparar pessoas para ser boas profissionais. Daí ela fez um curso para doméstica. Não foi ninguém, só foram três pessoas. Ela então usou outro nome que eu não tenho bem agora aqui na mente. Não era auxiliar do lar não, era alguma coisa do lar. Eu sei que ela deu outro nome. Aí a sala se encheu. E o curso era preparar você para saber tudo. Saber todos os órgãos do corpo humano: boca, estômago e tudo. Saber todos os valores de toda verdura; tudo, tudo. O curso era preparar uma especialista mesmo. Porque lá tem uma falta de emprego muito grande, e essas pessoas se preparando bem podia até mudar para outros estados. E o curso seria quase uma agência de emprego também.

E eu li e não entendi. E eu ainda me pergunto se esse povo que encheu a sala foi empregada doméstica, ou se foi gente que estava desempregada lá e que queriam fazer um curso!

A doméstica está querendo deixar a profissão

E eu sei também que se a gente dá um curso para doméstica, a doméstica não quer ir. Mas se a gente usar outro nome e for dar esse mesmo curso, a doméstica também não quer. Porque a doméstica está querendo coisa para deixar a profissão. Até aqui não está conseguindo, mas é isso que ela quer.

Talvez eu teria que discutir muito esse livro com outras pessoas para ver melhor. O trabalho com as domésticas lá é uma mudança assim... não é uma mudança radical mesmo, de valores. Então é você ser bem especializada para servir. Eu sou bem especializada

para servir, e o que é que eu tenho de troca? Posso ter até um salário melhor, porque eu estou de acordo que eu tenho que ser uma boa profissional, tenho que saber trabalhar para eu exigir mais. Mas eu tenho que lutar por outras coisas também. Porque toda vida teve boa profissional. Essa menina que vai lá na Associação e que passou 20 anos na casa, essa menina não é boa profissional? Ela sabe cozinhar divinamente; mas ganha 5 mil cruzeiros, 6 mil cruzeiros...

Então eu não condeno que a doméstica queira mudar, porque a pessoa humana sempre aspira uma coisa melhor. E quando a doméstica quer mudar, ela não quer para ser nem doutor nem nada. Ela quer mudar para ser operária.

Agora, o problema maior que eu acho é que a doméstica não pôde descobrir ainda que eu mudando para ser operária ou comerciária, eu vou ser injustiçada também. Só uma ou outra descobriu isso.

E o que acontece na doméstica é que, no que ela muda para outro trabalho, ela acha que já teve uma promoção tão grande!... Por exemplo, a menina que vai trabalhar num hospital como servente, ela faz o mesmo trabalho de casa de família. Às vezes até mais sujo, de lavar aquelas coisas de doente, que até é pior do que numa casa de família. Mas como ela tem a cobertura das leis, e como no hospital ninguém está sabendo o que ela faz, ela pode parecer até uma enfermeira, então para ela isso já foi uma promoção muito grande.

E isso às vezes leva a menina a não lutar mais por nada, porque ela já alcançou o alto que ela queria. Ela passando para comerciária ou operária ou muitas coisas, a gente vê que ela se acomoda mesmo. E para mim, o negativo está nisso.

Tem uma menina que faz parte da diretoria da Associação e que quer trabalhar num Supermercado. Eu dizia para ela:

— Está certo que você queira mudar de profissão. Mas o Supermercado tem muitas injustiças. Tem menina que não tem carteira assinada. Tem menina que assina que saiu àquela hora mas que vai continuar trabalhando mais horas sem ganhar dinheiro!

— Ah! Mas tudo isso é muito melhor do que ser doméstica!

— Concordo, minha filha, concordo, que eu já vi que tudo isso é melhor que ser doméstica. Mas só que você tem que lutar, porque isso também não é certo!

E isso é que é o difícil, sabe? A gente estava fazendo uma pesquisa, e precisou ir na SUDENE para saber assim uns dados sobre domésticas. Então um padre que ajuda a gente foi na SUDENE. Ele ajuda em coisa que a gente não pode ir porque trabalha o dia inteiro, ou então ele bate à máquina. Quer dizer, ele ajuda com coisa que a gente nem sabe nem pode. Então ele foi na SUDENE. E uma senhora lá chamou e disse: “Olha, padre, supermercado aceita muito empregada doméstica. Porque a empregada doméstica foi acostumada a conviver com as coisas e não roubar”. Quer dizer, ela vai ver muita coisa

alí que para ela não é novidade e que ela já está acostumada a ver e a não roubar.

Agora, só tem uma coisa: que quando é na hora de tirar a roupa para ver se está levando as coisas, as outras reagem e a empregada doméstica não reage. Tira a roupa facilmente porque ela está ali já como uma promoção tão grande, que ela quer segurar tudo que pode. Muitos acham que é safadeza ela não reagir. É não; é para segurar o emprego, porque para ela já foi bom demais! Foi mudar da água para o vinho e nunca voltar mais para ser doméstica.

Então o negativo que eu acho da aspiração da menina de deixar de ser doméstica é só isso, é ela não reagir. Mas até que se diminuiu as domésticas eu achava bom! Porque se tivesse pouca doméstica, as patroas chegaria a muito.

Você vê, no sul as domésticas conseguiram coisas que as domésticas do nordeste não conseguiram. E elas conseguiram sem existir lei, que a lei é a mesma para todas; tanto faz do sul como do nordeste. E as do sul ganham muito mais; muitas têm um dia por semana livre. E aqui é muito difícil. Por quê? Porque lá é menos domésticas, né? A doméstica daqui que as patroas levam para lá é que vai aceitar tudo.

Quer dizer... agora o trabalho lá já piorou. Mas tinha uma situação que elas conseguiram coisa sem ter lei. Nós é que fazemos as patroas mudarem. Porque por elas mesmas, a justiça nunca virá.

Muitas já não estão aceitando ser doméstica

As pessoas que nascem aqui no Recife ou que vive aqui no Recife, nos bairros, muitas já não estão aceitando ser doméstica. Por exemplo, no bairro que eu moro tem muitas moças assim sem fazer nada, nada, nada, e que não quer ser doméstica de jeito nenhum. Prefere ficar assim sem fazer nada. Eu acho que se a situação da doméstica e o trabalho dela fosse mais valorizado, pagasse melhor, essas moças seriam domésticas, não estavam assim marginalizadas. Porque elas ficam sem fazerem nada e a gente sabe o que é que dá.

E também tem meninas lá no bairro que elas se empregam assim: chega carnaval, chega natal, se empregam de doméstica para ter uma roupa. E às vezes elas dizem que já tem um irmão ou uma mãe que trabalha e que dá para ter o que comer, então ela não vai se sujeitar a essas coisas de ser doméstica.

E também tem meninas que não tem do que viver de jeito nenhum. Lá no meu bairro tem umas meninas assim. E às vezes ela prefere trabalhar na casa de uma cobradora de ônibus ou de uma operária de fábrica, porque aí é do próprio bairro e ela já conhece. Então ela trabalha assim mas quase não é vista como uma doméstica. Por-

que ela está ali no mesmo bairro, de um certo modo às vezes não deixa sua família.

Agora, tem doméstica aqui no Recife que diz que não se emprega em casa de porta e janela. Porta e janela são aquelas casas que é pregada uma na outra, que significa que quem mora ali não é muito rico. Então, a doméstica que trabalha na casa de rico não vai trabalhar numa casa dessa.

Agora, para mim, tanto faz eu trabalhar numa casa de porta e janela como em casa de rico. Desde que me dê as condições que eu quero, desde que ela tenha dinheiro para pagar, não me interessa. E tem umas meninas que dizem assim: "Em casa de porta e janela, a gente vai ter um patrão que quando a gente vai tomar um dinheiro emprestado, ele não tem". Porque de fato, uma pessoa que está trabalhando numa fábrica, o que ela ganha é pouco, então uma menina que vai trabalhar numa casa dessas só vai ganhar pouco.

A doméstica é muito religiosa

Eu acho que a doméstica é muito religiosa. Aqui no Recife ela está muito mais ligada à religião mesmo do que a outra coisa.

Por exemplo, a gente tem o dia de Santa Zita. Santa Zita é uma santa que foi doméstica. Então diz que ela foi santa porque ela sofreu muito... calada. Apanhou e tudo. Naquele tempo para ser santa era daquele jeito, né? As meninas disseram lá na Associação, ano passado, que ser santa como a Santa Zita não queriam ser. E outras disseram que já existe muitas Santas Zitas.

Então Santa Zita hoje é uma Associação religiosa de domésticas. E no sul tem muitas associações de Santa Zita onde elas comemoram o dia da santa. Aqui no Recife tinha uma e acabou.

E como a gente é Associação profissional, a gente nunca festejou o dia de Santa Zita. Mas o ano passado, umas meninas disseram: "Vamos comemorar o dia de Santa Zita". É o dia 27 de abril. Aí a gente comemorou. E como era santa, se partiu para uma missa; e depois teve a festa.

E depois saiu no jornal, saiu em rádio, a televisão foi entrevistar uma menina lá da Associação. A gente nem pensava que ia ter essa cobertura. Teve uma repercussão enorme.

A televisão foi entrevistar a menina depois da festa. Quando viram a notícia no jornal, foram lá na casa onde ela trabalha; e um deles até falou porque que a gente não chamou ele para o dia da festa. A televisão entrevistou a menina dentro da casa da patroa. A menina disse umas coisas... ela não se embaraçou, disse mesmo. E a patroa disse: "A gente não sabia que existia esse dia da doméstica não". Até deu dinheiro à menina pelo dia da doméstica. Olha, foi um negó-

cio! A menina também se viu muito valorizada, começaram a chamar ela de artista.

Eu mesmo nem sabia que a menina tinha sido entrevistada. Porque o cara da televisão ligou para Associação e falou com a menina que atende lá e que não faz parte da diretoria. E acertaram o negócio da entrevista. E de noite, quando eu estava em casa, que eu liguei o Jornal da televisão e a menina apareceu, eu disse: "Onde é que está sendo isso?" Depois que eu vim saber todo o negócio. E foi muito bom que as meninas da Associação tomaram uma posição, uma decisão assim sem consultar presidente nem nada.

A comemoração foi assim. E a gente agora já vai fazer o dia da doméstica muito mais organizado.

Então você vê, o dia da doméstica não pode ser só de religião, mas tem que partir da missa; tem que partir da missa porque a maioria quer missa. E o dia da doméstica não veio pelas leis, veio por uma doméstica que dizem que é santa. Então cortar a religião é tirar a naturalidade da coisa.

Quer dizer, tem que ter a religiosidade, a missa, e também as outras coisas. Por exemplo, a Associação de São Paulo vai, nesse dia de Santa Zita, reivindicar a regularização da profissão. E pede para as outras Associações também fazer isso. E aqui a gente vai ver como fazer isso; mas vai juntar as duas coisas. Vai na rádio, nos bairros, em tudo. Mas não pode desligar uma coisa da outra.

Então, pode a gente ser atacada por outras pessoas que dizem: "Ah! mas a Associação é profissional!" A gente tem que ver que a Associação é profissional, mas também as pessoas que fazem parte dessa Associação são religiosas. E é vivendo que a gente pode ver que tem muita coisa de religião na doméstica.

Para a doméstica, a Igreja tem um peso

Como estrutura, a Igreja tem um peso para a doméstica. Você vê, a gente aqui no Recife tem uma Associação Profissional. Não é religiosa, não tem nada que ver com religião. Mas a gente está numa casa que é da Diocese. Quer dizer, a Diocese não passa boletim nem recado para a gente discutir; o bispo não está sabendo nem o que a gente está fazendo. De fato existe uma liberdade. Mas a casa é da Diocese.

Quer dizer, a gente não tinha condições de ter uma casa. E a gente tem uma ajuda dessa Igreja estrutura.

Nos bairros também a gente não tem casa para se reunir. A gente depende de um local. E esse local é a Igreja.

E tem uma coisa também: é que na igreja, na igreja prédio, todo mundo entra. Entra o pobre e entra o rico. Pode ter algumas coisas

lá que são diferentes, mas no normal entra a patroa, entra eu que sou doméstica, entra tudo; e você não sabe muito quem é quem.

E por isso, na igreja, a doméstica vai mais descontraída. Porque os clubes... tem clube que não aceita doméstica; tem outros lugares que não aceita. E a Igreja pode não aceitar outras coisas; mas pelo menos isso a igreja prédio não tem. Então isso também é uma coisa que leva a doméstica a procurar a Igreja.

E talvez isso seja uma coisa que é um pouco diferente às vezes dos outros movimentos de trabalhadores, das outras categorias. Tem muitas coisas que é diferente. É por isso que eu sempre digo que é bom que as pessoas dos outros movimentos saibam, para poder entender a gente doméstica, e poder aceitar e poder ajudar.

Agora, a paróquia onde tem mais doméstica é paróquia rica. E como a gente é considerada nas paróquias?

Se a paróquia é de gente rica, a doméstica não conta. Não conta porque quem é que vai pagar quando tiver aquelas festas na paróquia? Quem vai atuar lá? São os patrões.

Às vezes o vigário já quer se abrir mais para o problema das domésticas. Por exemplo, faz uma noite de maio para as domésticas. Aí as domésticas não vão. E ele diz: "Mas como é que eu fiz o mês de maio, falei, e as domésticas não foram? Foram poucas". É porque as domésticas também, para ir uma noite no mês de maio, elas não vão. Não vão porque, uma é que naquele dia ela vai ser vista como doméstica, que é a noite das domésticas. E outra é que foi uma coisa tão artificial só aquele dia, quando ela não é contada nas outras coisas...

Eu não vou dizer que é culpa do vigário. É toda uma estrutura da sociedade: quando eu estou dentro de uma casa, quem conta é minha patroa e eu não conto. Então, na paróquia também a gente é contada, não vou dizer como cachorro, mas quase como cachorro. Então, o mês de maio não vai pesar para a doméstica.

A doméstica e o movimento das mulheres

Tem pessoas que diz que o mundo da gente doméstica, por ser de mulher, a gente devia de entrar no movimento feminista. Talvez o movimento das mulheres não entenda porque a gente não está nesse movimento.

No começo, houve umas pessoas que foram lá na Associação, chamou a gente e tudo.

Inclusive teve mulheres que criaram não sei quantos setores no movimento delas: um grupo é disso, outro grupo é daquilo. Tem um grupo que a gente até que tem umas patroas que nos ajuda. Nos ajudaram com palestra, porque a gente não tem condições de explicar umas coisas; elas explicaram. Ajudam nessa medida.

Mas quando elas foram falar do movimento das mulheres, eu mesma disse: "Eu, minha filha, não vou entrar. Agora, fica aberto para que as meninas entrem se quiser". Elas mostraram que o problema da mulher não é só a mulher, mas a mulher é um todo: a mulher com os esposos, o desrespeito... Tudo isso eu aceito e dou um valor grande ao trabalho das mulheres. Agora, a gente não entrou porque a gente já é mulher, já vive como mulher, e eu acho que a luta da gente é mais uma luta assim com todo mundo, com os trabalhadores sem especificar.

E entre as domésticas, quando a gente foi falar desse movimento de mulheres a gente teve claramente as domésticas condenando mais as patroas do que os patrões. E não é pelo fato de ser homem, de dizer que ela quer proteger o patrão porque é homem. Não é isso não. É porque ela está convivendo mais com a patroa. E não quer dizer que a patroa seja melhor nem pior do que o patrão, porque são os dois iguais. Mas é porque ela está tendo muito mais vivência com a patroa e a patroa é que repreende. Então quase a maioria das domésticas diz: "O patrão é que é melhor". Então, você dizer que ela entre num movimento desses não dá.

E também uma outra coisa: eu não tenho condições para dizer que nos outros estados quem manda no movimento talvez seja as mulheres da classe média. Mas pelo menos aqui, pelo que eu vi, a classe média é quem domina. As mulheres de classe média é quem fala. Ela fala coisa da gente, mas não dá essa oportunidade da gente falar. Então a gente como doméstica já é tão escravizada e ainda vai entrar num movimento de mulher para ser escravizada por mulheres? Não dá.

E quando uma mulher me chamou para eu ir falar o problema da mulher doméstica — chegou no caso que eu nem fui — eu disse para ela: "Olha, eu vou falar como as mulheres domésticas, mas também vou dizer que a gente é explorada por essas mulheres que estão falando aí, que são nossas patroas. Eu não posso esconder isso". Não quero dizer que ela é consciente, que ela tem culpa ou que não tem culpa. É uma realidade.

Agora, acho que o movimento tem todo um valor de ver a mulher num todo e tudo. Mas é um movimento de classe média; é outro mundo. Elas dizem que a Associação vê mais o problema assim da classe, mais de reivindicar; e o movimento delas vê o problema do relacionamento com o homem, com tudo. Mas a gente não tem específico isso, a gente vê o problema da gente junto com todos os trabalhadores.

Agora, eu acho que o movimento das mulheres nos ajuda na medida que ela faz que esse trabalho caseiro seja valorizado. Tem mulher que está dizendo até que é para ganhar dinheiro dos maridos, porque os maridos não valoriza o trabalho que elas fazem. O marido

não vê que ela está ajudando porque na medida que ela está trabalhando em casa, o marido está trabalhando na fábrica. Se não existisse a mulher para fazer isso, como seria a vida desse homem? Mas as mulheres não querem mais isso; elas querem o engajamento total.

Na medida que as mulheres passam a fazer que esse trabalho doméstico seja valorizado, eu acho que o trabalho da gente também passa a ser valorizado.

Mas na mesma hora fica difícil, porque aquela mesma mulher que quer que aquele trabalho que ela faça seja valorizado, ela desvaloriza o trabalho da doméstica. E ela desvaloriza quando ela diz para a doméstica: "Não você não precisa ganhar muito não, porque trabalho de casa não tem o que fazer..." Oh! Quando ela mesma diz que 24 horas está no lar... Por isso que é contradição. Numa hora que isso é dito por mulheres que lutam pela valorização do trabalho de casa, isso é uma contradição.

Eu não quero dizer que uma doméstica se dê no lar como uma mãe. Eu não quero dizer isso. A dedicação da mãe é mais. A diferença que tem é que eu estou recebendo dinheiro. Mas eu não posso manear o meu trabalho como eu dona de casa. Se eu sou dona de casa, no dia que eu quero deixar de fazer eu deixo, se eu quero fazer, vou fazer. E a doméstica está sendo paga para fazer.

E quando seus próprios maridos não valoriza o trabalho da sua própria esposa, ele não valoriza também o da doméstica. Ainda mais que ele paga. Quando ele desvaloriza a esposa dele como doméstica, o que ele não vai desvalorizar a doméstica que ele paga? Então eu acho que ainda precisa ter muita coisa a mudar.

Mesmo no mundo dos trabalhadores isso acontece. Eu sei que no sul tem metalúrgico que tem empregada doméstica. E o trabalhador também desvaloriza o trabalho doméstico. Ele não tem culpa disso; eu reconheço que ele não tem culpa porque quem está tendo mentalidade burguesa não é só a doméstica não; é todo mundo... Só que a doméstica tem mais porque a doméstica está diretamente recebendo essa mentalidade, toda hora, dentro de uma casa. Mas eu acho que outras pessoas também estão tendo. E na medida que eles têm uma doméstica dentro de casa, então dá isso.

IV. A DOMÉSTICA E OS OUTROS TRABALHADORES: UM MUNDO SÓ

A doméstica vive a luta de classe

Dizer que a doméstica prega a luta de classe é mentira. Mas que a doméstica vive a luta de classe, vive! Toda hora, todo dia! Agora

se você chegar com essa palavra "luta de classe", a doméstica vai dizer que não conhece luta de classe. Mas no dia-a-dia você está vivendo a luta de classe. Isso é direto na carne. Só que ela não conhece essa palavra, como eu também não conhecia. Antigamente, quem me dissesse luta de classe eu dizia: "sei lá de diabo o que é luta de classe?"

É a mesma coisa que você estar com uma doença, o médico vem e diz que você está com câncer. Você não sabia; e pelas reações que você sofre é que ele vai dizer. E pelas reações que eu sofro e que eu vejo as minhas companheiras sofrer é que eu digo que existe a luta de classe dentro da doméstica. Que existe isso existe.

O que acontece é que a doméstica, como talvez o que ela faz ainda está muito escondido ela não é vista. Eu acho que os outros trabalhadores, os sindicatos, todos os movimentos, têm que descobrir a doméstica dentro de uma luta. E vice-versa. Já existe isso, mas ainda existe gente que não vê.

Eu acho que essa luta é de todos, tanto da doméstica como dos outros trabalhadores. E nós domésticas também temos que nos levantar, temos que nos mostrar, porque a gente também tem valor, tem capacidade.

Patrão só muda se for por uma pressão da gente

Agora, eu não acredito, não acredito mesmo, que os patrões mudem se não for por uma pressão da gente.

Já acreditei, a partir do que a igreja pregava. A igreja pregava e prega ainda em certos setores que os patrões mudavam por uma conversão.

Não é que eu não acredito nessa conversão. Eu acho que tudo só muda quando eu mudo por dentro. Tem de haver uma mudança por dentro da pessoa. Isso eu acredito.

Agora o que eu não acredito é que os patrões mudem se não for por uma pressão da gente oprimida. Isso eu não acredito de jeito nenhum! Deus que me perdoe, a igreja que me esclareça um pouco melhor, mas eu não acredito porque é fato concreto, é um problema mesmo humano. A patroa não está sentindo de fato aquela opressão, então ela não vai mudar. Então eu que estou com toda uma carga em cima de mim, se eu não procuro tirar um pouco da carga, não é a patroa que vai tirar.

É isso que a gente tenta pregar para as meninas na Associação: "Menina, você não tem que esperar que a patroa te dê as tuas férias. Já que tu tem carteira assinada, tu tem que falar para ela. Porque fez um ano que tu está na casa, tu tem que falar: dona fulana, quando é que vai ser minhas férias?" A lei diz que eu não posso escolher o mês

que eu vou ter férias. Então tem que entrar na conversa com a patroa e perguntar qual é o mês melhor para ela; e tem que dizer qual é o melhor para mim. Não pode ficar esperando...

Eu gostaria muito que a gente doméstica chegasse a dar uma resposta concreta, mais de conjunto. Porque discutir com a patroa quase não leva a nada. De certo modo ela está ganhando porque se eu não aceito uma coisa, a outra vem e aceita.

Quer dizer, eu vou trabalhar, de certo modo eu exijo certas coisas. Eu não vou me comportar como a menina que eu era quando comecei a trabalhar. Tenho que exigir certas coisas que eu descobri. Mas tem muitas coisas que eu não posso exigir ainda dentro de uma situação de doméstica. Porque eu exigir certas coisas hoje é tão um caso particular, que não dá porque a patroa não aceita; e vem milhares de domésticas atrás e aceita o que a patroa quer.

Agora, tem certas coisas que a gente não pode aceitar. Então, para mim a resposta tem que ser mais organizada. Porque na medida que a gente se organizar e não aceitar mais certas coisas, para mim é quando a gente vai responder. Não só a gente doméstica mas todo esse mundo de trabalhadores. Todos...

Por isso é que eu acho que a Associação, no caso da gente, é uma maneira da gente se organizar para poder responder. A gente não tem sindicato, a gente não pode ter sindicato. Uma das esperanças que as Associações lutam é para que a gente seja reconhecida como profissional para chegar a sindicato. E eu acho que é uma boa.

Não sair da classe

Muito embora... eu vou dizer uma coisa que não é coisa das domésticas, é coisa minha. Eu acho que a gente podia se organizar muito como Associação. O sindicato não dá resposta se a classe não está organizada. E para mim hoje, a gente não está organizada para dar resposta em nada. Se vem o sindicato hoje, se a classe da doméstica passa a ser reconhecida, para mim ela ainda fica na mesma coisa. Porque se a gente não está organizada, não está consciente das coisas, a coisa não muda. Para mim a gente ainda está fazendo as coisas muito de pequeno grupo, e ainda são poucas domésticas fazendo, eu reconheço. E eu acho que não é só doméstica não. É todas coisas que existe aqui no Recife; é a minoria lutando pela maioria.

Então dentro do mundo das domésticas, eu reconheço que a gente que tenta fazer alguma coisa ainda é uma pequena minoria. Só que a gente está vivendo os mesmos problemas, então a gente tem que partir e ver se as outras descobrem. Porque quando for todo mundo... aí a coisa está muito boa!

Então para mim, o sindicato agora não traria resposta.

E acho também uma coisa que é a seguinte: a Associação, pelos estatutos, a diretoria não ganha dinheiro. Ninguém da diretoria ganha dinheiro e nem está pretendendo ganhar dinheiro. Não tem dinheiro de Ministério, não tem dinheiro de nada. E eu acho isso positivo porque a Associação não fica dominada por eles, fica mais livre. A gente não tem dinheiro para fazer as coisas, mas também não tem dinheiro controlado. Na Associação a gente que é da diretoria não sai do nosso trabalho. A gente se sustenta pelo salário que recebe como doméstica.

Pode chegar a ter um sindicato que o cara não tenha que sair da fábrica para ser presidente de sindicato. Ele fica lá na fábrica. Pode chegar a isso. Eu acho que tem que chegar a isso porque quando a gente está no mesmo trabalho, os mesmos xingamentos, vivendo a mesma realidade, os mesmos pouco dinheiro, a mesma coisa, então isso leva a gente a não sair da classe. Os presidentes de sindicato que me perdoa, eu não quero dizer que eles saíram da classe, mas não deixa sempre de ser uma tentação, sabe?

E eu digo isso porque também, quando eu era permanente de JOC, tinha assim uns questionários para a gente levar na base. E eu achava que aquilo era um pouco forçado! Eu ia dizer coisas que era da realidade da gente, mas eu achava tão difícil dizer aquelas coisas... Porque se eu também estivesse lá trabalhando e alguém chegasse com aqueles questionários, eu ia achar uma coisa meio furada.

E como permanente de JOC, eu vivi um tempo fora da classe. E eu vi que de um certo modo foi privilégio. Pelas coisas que eu aprendi, foi privilégio. É por isso que eu digo: quem está fora da classe, é privilégio mesmo. Eu acredito que ele tem outras coisas, outras dificuldades. Por exemplo, tem outras coisas de perseguição, quem foi perseguido, quem foi preso... isso foi duro demais para certas pessoas. Mas também é muito duro o dia-a-dia de doméstica dentro de uma casa de família, o dia-a-dia de uma fábrica, sem você ter assim meios de sair, de deixar aquele trabalho.

Então, de um certo modo, aqueles tempos que as pessoas passa fora da classe, e mesmo os que trabalha muito assim com a cabeça, é uma vida que eu acho que é privilegiada.

Então, isso que eu digo é mais coisa minha, mas se um dia a gente chega a sindicato, que o sindicato tenha mudado também. Um presidente de sindicato, ou um sindicalista me ouvindo, pode até dizer que eu não tenho condições, não tenho gabarito para falar nisso. Mas eu tenho. Eu não vivi mas eu conheço, eu convivo. E tenho visto muitas coisas que quase eu me decepçiono! Então, quando eu digo isso, é uma coisa concreta, não é coisa que eu esteja inventando.

Hoje tem que ser assim. Hoje é assim. Agora, que se lute para que isso mude. Eu acho que não é para ficar nisso. Eu me entro muito mais na luta dos que querem que isso mude.

Na campanha dos metalúrgicos

Na campanha dos metalúrgicos que teve aqui, a gente atuou. Atuou assim: as meninas passou bônus e botou uma barraca de vender comida.

A barraca é uma coisa que podem dizer que não tem valor. Mas aquilo a doméstica foi capaz de entender.

E não só a doméstica. Lá no meu bairro, por exemplo, muita gente não sabia nem o que era metalúrgico. Veja só, tem um padre que hoje ele é casado e é metalúrgico. E ele vai muito lá em casa. Então, essa senhora vê aquele homem que é assim diferente, é galego; e vê a gente dizer que ele é metalúrgico. Então outro dia apareceu um homem barbudo lá no meu bairro e ela disse: "Apareceu uns rapazes aqui, eu acho que era metalúrgico". Aí eu disse: "Dona Maria, metalúrgico não é homem barbudo não. Metalúrgico é as pessoas que trabalham nisso assim, assim, assim". Mas foi essa mulher que vendeu não sei quantos panos de prato, não sei quantas camisas, não sei quantos bilhetes do bingo dos metalúrgicos. Sem saber ler. E lá no meu bairro muitos fizeram isso para a campanha dos metalúrgicos. Mas foi coisa concreta. Ela talvez não entendesse muito o que era sindicato, mas ela sabia que era uma coisa para ajudar. E não partiu de palestra; partiu de pegar uma coisa concreta.

E a gente doméstica também foi isso: botar uma barraca para vender naquele dia onde todos os outros movimentos botaram. A barraca da gente, a gente vendia e depois dava uma parte aos metalúrgicos.

Então, botar uma barraca de comida é coisa que a doméstica sabe fazer. E você fazer um discurso dizendo o que é sindicato, o que quer dizer não sei o quê, a doméstica não ia entrar nessa. Tem que mostrar, mas tem que partir de uma coisa concreta.

Então na barraca da gente, a doméstica sabia que aquilo era muito dinheiro para ajudar na campanha dos metalúrgicos. Muito embora ela não soubesse o que é pelego, nem soubesse o que está por trás... Mas ela não é doida, a gente não é tão ignorante que não saiba que tem dois mundos lá: tem uns que querem o poder, outros que não querem. Tem quem está mais do lado do trabalhador e quem não está do lado. Mas temos que partir de coisas concretas. Se não fosse assim a gente não ajudaria na campanha dos nossos companheiros metalúrgicos.

As ações têm que ser diferentes

O que eu queria que tanto as domésticas quanto os outros trabalhadores entendessem, é que a gente é um mundo só, um mundo de injustiçados na mão dos opressores. Então, para mim, tanto faz doméstica, como camponês, como operário, é o mesmo mundo. Só que a gente está atuando em campos diferentes. Mas para mim, a gente somos os que estão aí oprimidos. Então não tem diferença. A diferença que tem é que as ações têm que ser diferentes. Com a companheira doméstica, eu tenho que ter meu trabalho; é diferente dos operários.

A gente aqui no Recife se junta com outros movimentos, mas infelizmente é mais eu e outra companheira, porque os encontros é dia de sábado, e não dá para a doméstica ir. Então, as coisas do mundo da gente são tão diferentes que fica difícil da gente se engajar junto com os outros. Eu vou porque eu não trabalho dia de sábado, porque eu trabalho como diarista. E como dia de sábado eu não trabalho, eu posso participar assim dessas coisas, eu e a outra companheira minha. Mas as meninas não podem. Dia de sábado? Meu Deus!

E tem também outras diferenças entre a gente e os outros trabalhadores. Por exemplo, duas meninas — a vice-presidente da Associação e outra menina — participaram de uma assembléia daqui da Diocese. Nessa assembléia estava também trabalhadores de outros movimentos. E uma dessas meninas falou na assembléia lá que foi uma coisa que aplaudiram muito.

Mas quando a gente perguntou a ela como tinha sido a Assembléia, ela disse: “Nos círculos, Lenira, eu voava. E quando me perguntavam: está entendendo? Eu não estava entendendo nada não! Falavam de educação, dos movimentos de base...”

Isso que discutiram nos círculos não é coisa estranha aos outros trabalhadores, aos outros movimentos. É coisa que está respondendo a eles. Mas como a doméstica está tão fora deste mundo daí, ela não entende. Eu entendo, mas não é porque eu saiba mais do que ela não. É porque eu tenho vivência dos dois lados, porque eu passei a morar num bairro pobre e atuo como os outros da mesma rua, vendo água, vendo casa, vendo lama, vendo tudo. E como também, por não trabalhar dia de sábado, eu tenho participado de outras coisas, então eu tenho mais condições de entender. E ela voou por causa disso. E para os outros aquilo era realidade, não era coisa que não era realidade não.

Quer dizer, eu acho que a luta da doméstica tem que ser específica da doméstica. Em certas coisas ela se junta com outros trabalhadores, em certas coisas ela tem que ser específica mesmo.

Porque só a gente que está sentindo é que pode ver que é diferente. A gente tem que atuar nas calçadas de noite, porque a gente não pode ir nas casas... É diferente do trabalhador; é toda diferente a maneira de fazer as coisas.

É diferente por causa do problema do horário, por exemplo. Tem coisa que a gente não pode fazer porque não pode sair da casa naquele horário. Uma ou outra só é que pode sair. Por exemplo, hoje eu estou aqui nessa conversa porque hoje eu não trabalho. Mas uma menina que trabalha todo dia, mesmo que trabalhe como diarista, ela teria que dizer alguma coisa para a patroa, porque a patroa não ia entender isso, né? E eu acho que isso é uma coisa particular da doméstica, é diferente dos outros trabalhadores.

Outra diferença também é que, no caso do operário, o patrão não está sabendo a vida particular dele depois que ele sai da fábrica. E a patroa está sabendo a vida particular da gente.

E infelizmente, por uma conscientização que a doméstica tem, e às vezes por uma necessidade, a doméstica às vezes acredita ainda nos maiores, acredita nos patrões. Porque com toda uma marca, quando ela não acreditou nela mesma, é muito difícil ela acreditar em outra doméstica. Porque se eu não acredito em mim como doméstica, eu não posso acreditar noutra doméstica. Então ela vai procurar pessoas que não são domésticas.

Às vezes ela vai perguntar certas coisas à patroa, coisas de escolher um vestido, de um namoro que não está mais dando certo... E aí ela também passa a consultar a patroa sobre coisas da Associação: se você dá um papel, ela vai mostrar para a patroa... E não tem nada que ela mostre para a patroa, a Associação é registrada, está toda aí na cara. Mas acontece é que a patroa, por achar que se ela se organizar vai ser um problema, passa a dizer que aquilo é errado, passa a botar medo na cabeça da menina. E quando a menina ainda não tem consciência da coisa, ela passa a acreditar mais na patroa de que na gente. Isso é um problema muito sério que impede o trabalho da gente.

Tem outra coisa que faz a luta da doméstica ser diferente dos outros trabalhadores. Veja só, eu não faço mais isso de ir no portão falar com a doméstica. Não vou. E quando eu vou telefonar para uma doméstica, é aquela que eu já sei que posso falar porque ela já disse que posso. Eu não vou mais numa casa de uma patroa falar com a menina.

E não vou por quê? Aí é que está a dificuldade: por lei, você não pode entrar no local de trabalho; você não pode invadir lá na seção do trabalho de uma fábrica para falar com seu companheiro ou a sua companheira. Ele tem que sair do setor de trabalho para falar com você. Agora a gente... o mesmo local de trabalho é onde a gente mora.

Então todo o trabalho da gente tem que ser na rua mesmo, nas calçadas, de noite. E aí as jovens têm mais facilidade, porque uma pessoa que já trabalhou muitos anos, chega no fim do dia, ela está muito cansada e não vai sair mais para a rua.

Agora, é difícil as jovens vir para a Associação. Não é fácil. A jovem vem mais para as festas.

A gente vê que a salvação está nas jovens, mas não é fácil a gente conquistar as jovens, porque elas estão nessa de sair de ser doméstica, de ter outras coisas que responde mais o interesse delas.

E também uma diferença que tem entre a gente e os outros trabalhadores é porque os problemas da gente são muito isolados. Apesar de ser os mesmos problemas, ele é isolado. Na fábrica, acontece uma coisa na seção, toda a seção toma conhecimento, toma uma posição ou não toma. Uns tomam posição, outros não tomam, mas todo mundo toma conhecimento.

A doméstica não. É você só, na casa. É você ali discutindo com a patroa. Você está só. Até você se encontrar com outra doméstica, até tomar uma posição... Aí não é fácil; tem que ser através de uma Associação, de alguma coisa.

Mas os problemas de todas as domésticas são os mesmos

Então tem muitas diferenças do trabalho da gente com os outros trabalhadores.

Mas os problemas de todas as domésticas são os mesmos. Isso a gente vê quando a gente discute. A doméstica chega às vezes num local, por exemplo, na Associação, e você não tem condições de levar uma reunião que estava combinada e que você estava ali para discutir. Porque o desabafo é tanto, é tanto, a menina fala, fala, fala... Quando tem um lugar para ela discutir, para ela desabafar, você às vezes não tem como coordenar uma reunião que estava programada. A reunião é aquela que está ali. Não adianta você levar outra coisa; você tem que partir daquilo, valorizar, discutir, ver o que é e o que não é.

Por isso que eu digo que quando a doméstica se encontra com um outro mundo, o mundo dos operários e outros trabalhadores que está vivendo outra situação, ela se fecha; porque não é a mesma coisa. Ela até tem vergonha de dizer: "Estou vivendo essa situação assim, assim...".

Para você ver, uma vez a gente chamou umas senhoras que a gente conhecia do Movimento Ação Mulher, para elas darem assim uma ajuda. A gente tinha vontade que as meninas soubessem mais coordenar um grupo. Porque às vezes uma menina fala muito; mas de amarrar, de coordenar uma reunião, ficava mais difícil. Aí a gente

queria ter um técnica, que às vezes a gente não tem, e pediu às mulheres para ensinar isso à gente.

E as mulheres foram. Foi um sábado de noite, e elas disseram: "Vamos partir de cada uma dizer o que acha do que faz". Aí, eu tinha que dizer o que eu acho do meu trabalho, o que eu gosto e o que eu não gosto. Cada uma tinha que dizer. E a patroa também dizia porque todas as patroas que estavam lá também trabalhavam fora de casa.

Tinha pouca menina. Mas, olhe, ninguém falou. Duas meninas falaram alguma coisa. Tinha uma menina que ela tremia, tremia e não falava. Aí as mulheres perceberam. Uma disse: "Vamos fazer uma brincadeira". Aí foi fazer uma brincadeira assim de relaxar. E essa menina de fato foi relaxando, e depois ela entrou e falou um pouco. Mas teve que criar uma situação para ela entrar. E nunca tinha acontecido aquilo quando ela estava só com a gente. Porque, no fundo, aquelas mulheres estavam para ajudar, mas eram patroas!

Quando elas chegaram, antes da gente começar a conversa, eu disse assim: "Olha, essas fulanas estão aqui. Elas são patroas. Eu não sei o tratamento delas com as domésticas — umas eu sabia, outras eu não sabia — eu não sei como é o tratamento delas com as domésticas. Só que elas são as pessoas fora do mundo da gente que a gente trouxe para ensinar alguma coisa. Mas elas são patroas, ou nossas ou de outras domésticas". Aí as patroas não gostaram; elas disseram: "A gente não gosta de ser apresentada assim. A gente aqui não está como patroa; a gente está como mulheres e vê vocês como mulheres...". Mas a menina naquela hora não via isso, é uma marca que está na gente.

"Poucas não vão gritar com muita garra"

Mesmo assim eu acho que a gente doméstica e todos os trabalhadores cresceu muito e descobriu muita coisa. E eu acho que aquilo que a gente descobriu mesmo, não morreu. Isso vai crescendo e...

Não sei, isso talvez não está escrito, mas eu acho que o medo mesmo que as patroas têm, por exemplo, no caso da doméstica, é que a gente se organize. Porque na medida em que a gente se organiza, aí eles têm medo, né? Você vê, por que que até quando a gente vai fazer uma coisa que está favorecendo eles, às vezes tem patroa que reage? É só pelo medo da organização da gente.

Agora, o que falta a gente descobrir junto com as meninas é a força desta organização. A força mesmo. Porque aí a gente se organizava mais.

Na semana passada uma menina, a Fátima, me disse assim: — No dia que eu vi o padre falar na missa que ia ter uma reunião

de doméstica, aquilo me deu uma vontade de eu ir, porque eu nunca tinha ouvido falar naquilo. Então eu fui. Uma menina da Associação é que foi fazer aquela reunião. Mas eu não entendi nada! Eu não entendi, mas fui de novo. E agora eu vejo como a gente aprende coisa, como a gente descobre muita coisa. Por exemplo, eu tinha carteira assinada mas eu não estava sabendo como eram as coisas. Ah! se toda doméstica viesse...

Eu disse:

— Ah! Fátima, se todas domésticas viessem...

Mas na mesma hora ela usou uma palavra que agora não me lembro, mas ela quis dizer isso: que as meninas são como ela que estava lá dentro da cozinha, que nunca ouviu falar de reunião nem de Associação, e que logo da primeira vez não desperta. Ela não disse essas palavras, mas foi isso que ela quis dizer.

E eu acho que é isso mesmo. Numa pesquisa que as meninas fizeram, perguntavam: "Você conhece a Associação?" As respostas foram as mais diversas: umas nunca ouviram falar, outras ouviram falar mas é muito longe, umas diziam que acreditavam outras que não acreditavam. Uma chegou a dizer assim: "Eu quero é que elas (da Associação) gritem com muita garra, mas muita garra mesmo, porque a gente está precisando muito".

A gente até aproveitou essa palavra no programa de rádio, quando a gente falou naquela carta contra o "pacote": "De fato a gente precisa de muita garra, a gente precisa de muita garra para gritar. Só que a gente precisa de você e de outras, porque poucas não vai gritar com muita garra".

Quer dizer, no fundo a menina quer que a Associação faça, mas não descobriu que a Associação é ela, tem que ser a gente junta. Então para mim, o mais difícil é a doméstica acreditar nisso. E ela só vai acreditar quando ela acreditar nela mesma, que ela como doméstica tem capacidade para muitas outras coisas além de criar menino, de cuidar da casa, de fazer comida. Ela precisa acreditar que ela tem um valor e que ela tem uma responsabilidade dentro da sociedade.

Então para mim, na medida que ela descobre isso, ela vê mais o valor da sua organização e ela vai partir para essa organização ou para outra organização. Mesmo que ela deixe de ser doméstica, aonde ela estiver ela vai lutar.

Mas eu acho que isso é um problema que não é só da gente doméstica, é de muitos trabalhadores. Porque se todo mundo já tivesse descoberto, a coisa já teria mudado, né?

Eu tenho esperança que a gente vai mudar e que a gente vai mudar junto com todos os outros trabalhadores. Por exemplo, na luta da gente ser reconhecida como categoria, eu acho que os outros operários também pode ajudar nisso.

A gente tem que descobrir nosso valor e os outros operários também descobrir o valor que a gente tem, reconhecer que a gente é pessoa. A gente que é trabalhador está numa luta diferente só na maneira de atuar nos problemas específicos. Mas a luta eu acho que é uma só. Todos são oprimidos e há opressores para todos. E por isso eu confio em todos os trabalhadores.

Existe pessoas que se aproveita do trabalhador

Agora, existe pessoas que se aproveitam da gente. Quando eu digo da gente, não é só da gente doméstica não. É também dos operários, de tudo que existe de trabalhador.

Eu acho que por tudo que a gente é, as pessoas aprendem muito com a gente. Aprende e às vezes fala por si própria. E às vezes diz burragem, não usa o que a gente falou. Elas aproveitam do que a gente é, do que a gente diz, e depois querem botar o que eles são, o que eles pensam. E isso confunde as coisas e não traduz mais o que a gente diz e o que a gente é.

Isso eu acho um desrespeito e eu não aceito. E por isso, sem quase eu querer, eu não aceito muitas coisas de intelectual. Essa mudança que eles fazem das coisas, eu não aceito. Eu acho um desrespeito.

Tem gente que passaram o tempo todo pesquisando e tudo, até que se promoveram. Isso aconteceu no sul, umas assistentes social quiseram se meter na Associação, disse que tinha umas teses para defender, foram até para o exterior. Está certo que aprendam com a gente, porque tudo está no mundo quando eu aprendo com as outras pessoas. Mas que valorize e não vá desrespeitar aquilo que a gente diz e fazer do jeito que eles querem, do jeito que eles pensam. Isso existe muito.

Eu acho que eu sou radical demais. Mas tem muito intelectual que rouba a palavra da gente. É um roubo e um desrespeito. E aí eu brigo.

Uma coisa que eu brigo e sou capaz de tudo no mundo, é se mudarem o sentido do que eu digo. Eu aceito que todas as pessoas venham na Associação e ajude. Mas mudar o que a gente disse... ah! não muda não! Só quando eu não tomar conhecimento. Porque tem palavra que de fato tem que ser aquela palavra.

Tem coisas que a gente não entende, como essas coisas jurídicas por exemplo. Então a pessoa que vem ajudar a gente pode botar numa palavra mais clara. Mas não pode mudar o sentido do que a gente diz. E às vezes a doméstica ou outro trabalhador aceita porque não soube ver que aquilo mudou o sentido. E é por isso que eles aproveita. Eles aproveita porque a gente não teve condições de ver que eles mudaram. E isso é que me dá ódio. É quando eles aproveita da inocência da gente.

E daí você vê também uma outra coisa do intelectual — o intelectual, seja lá quem for, às vezes é até gente que é do povo mas que deixou... O intelectual chega e a vontade dele é tão grande que eu mude, que ele se apressa demais. E ele não espera e não respeita que a gente mude com o tempo. Então logo tudo tem que ser aquilo que ele tem na cabeça. E às vezes as pessoas do povo aceitam; e com isso os intelectuais saem alegres e diz: "O que eu fiz foi bom!" Foi bom porque aquelas pessoas não tiveram condições de comparar, de criticar, não teve condições de ter vontade de fazer as coisas por elas mesmas, mesmo errado.

Eu não digo nem que o intelectual faz isso por ruindade. Ele faz porque ele tem uma vontade tão grande de responder todas as idéias que ele tem na cabeça. Então eles vão e logo agem. Mas isso é errado.

Teve gente que eu já briguei... já briguei mesmo. Tem duas pessoas que eu não sei como é que essas pessoas ainda me olham; eu fui de dizer desaforo assim... dizer tanta coisa, tanta coisa. Hoje eu aceito porque elas mudaram.

E eu quero que eu tenha condições de dizer e que os intelectuais me digam também. Agora o fato é que às vezes eu tenho mais o que dizer para eles do que eles dizer para mim. Porque eu não tenho condições de penetrar no mundo deles, eu não participo de reunião de ninguém deles para dizer coisas lá. É eles que tem mais condições de participar no movimento da gente; ou são agentes ou são não sei lá quê. E como é que eu vou participar de reunião de advogado? Não vou. Quando vou não tenho nem condições de falar. E eles tem condição de falar na reunião da gente. Então não tem essa troca, não passa, eu vejo que é outra discussão mesmo, sabe?

E também uma coisa que eu não aceitava era os intelectuais que chegavam para fazer as coisas com o povo e que depois deixava tudo e voltava à sua vida. Olha, mas eu odiava essa gente!

Mas foi um tempo que foi uma ilusão minha. Eu acreditei muito nessa gente; e por eu acreditar e depois eles deixarem, eu não aceitava. E hoje eu aceito. Eu não quero dizer que eu aceito que ele venha mandar. Isso não. Mas eu aceito que uma pessoa, num tempo, se dê para fazer um trabalho com o povo e depois ela vai fazer a sua vida mesmo. Porque a gente vê muito isso nos meios estudantis. Está estudando, se dá toda; depois quando se forma, muda.

E antes eu não aceitava; isso para mim era excomungado. Depois é que passei a ver que aquelas pessoas, naquele tempo, elas foram assim; depois não foram mais; tudo bem.

Agora, eu amadureci também para não acreditar mais, para eu ver que é um tempo e depois esse tempo passa. Eu é que, na minha ignorância, acreditava que o cara estava para toda a vida. Ele não tem culpa; a culpa foi minha, foi burrice minha.

Hoje eu aceito, também eu não acredito mais. Foi coisas que eu passei e que hoje eu não passo mais, não vou mais passar de jeito nenhum.

V. MAIS UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA

Eu fui para a JOC

A minha patroa foi quem me levou para a JOC. Depois ela se arrependeu até do dia que nasceu. Mas ela chegou lá na reunião da JOC, disse assim: "Está aqui uma revoltada". Que de fato, eu tinha muita revolta. Eu explodia assim e dizia as coisas.

E quando eu cheguei naquela reunião, tinha uma equipe de domésticas. Antes a JOC era toda uma só. Depois ela passou a descobrir que quando juntava as domésticas com os outros operários, todo mundo discutia e a gente ficava atrás. Então o assistente, quando era para discutir os problemas, botava as doméstica separado, porque aí elas falavam.

E nesse dia estava uma moça falando; ela era uma costureira que estava na equipe de doméstica. E eu estava acostumada a que toda reunião da Igreja que eu participava, a gente começava rezando. E naquela hora eu não vi nada de Igreja ali. Quando não se rezou, não falou em nome de Deus só partiu para ver a minha vida e das minhas companheiras, naquela hora eu voltei para casa e eu não parava mais de falar nisso. E as outras domésticas me diziam: "Tu estás ficando maluca, Lenira". E podia ter sido aquilo o que fosse, eu queria ter entrado. Podia ter sido de comunista, podia ter sido o que fosse, eu entraria. Eu não quero dizer que eu deixava de ser cristã, mas que eu tinha entrado, eu tinha.

E logo daí eu passei para vir para a JOC, a participar de reunião e tudo. Participei logo.

Aí eu fui chamada para ser permanente de JOC. E nessa hora, a minha patroa disse para mim:

— Eu acho que você não devia ir, porque você devia ir estudar. Aí eu disse:

— Nem que eu não soubesse um A, eu ia.

Eu disse na cara dela. Embora que eu não soubesse para que eu ia, sabe? Não sabia e talvez eu não tivesse capacidade para assumir uma coisa daquelas. Mas era quase que assim uma tapa, um desafo, a dizer: "Vocês não quiseram que eu saísse da casa de vocês, vocês não quiseram que eu me casasse nem nada, mas agora eu saio".

E fui. E aí foi quando eu aprendi muita coisa.

E voltei para ser doméstica

Eu fui para ser permanente da JOC, passei dois anos e seis meses, foi no tempo de 1964. E depois eu voltei para ser doméstica.

Mas eu não voltei para ser doméstica mais naquela casa que eu trabalhei 16 anos. Porque eu descobri que com aquele relacionamento afetivo que eu tinha com as crianças e com todo aquele povo, era difícil eu dizer "não" a certas coisas, sabe? Não dava mais. Eu acho que eu tive que agir mais conscientemente pela cabeça do que pelo coração mesmo. Já tinha passado dois anos e então aquela afetividade... eu não chorava mais. E eu fui comparar que eu deixei minha mãe, chorei e depois passou; então por que que eu tinha que voltar para viver naquela mesma coisa?

Mas eu saí de ser permanente para voltar para ser doméstica. Fora desse trabalho na JOC, eu sempre fui doméstica. Até hoje eu sou doméstica.

Naquele tempo a JOC fez eu descobrir muita coisa, e de um certo modo ela me deu um compromisso. Mas eu vivi um tempo de confusão porque diante de tudo que eu despertei quando eu era permanente da JOC, diante das oportunidades que eu tive, não foi fácil decidir se eu voltava ou não voltava a ser doméstica.

Foi difícil de voltar por aquilo tudo que eu tinha de raiva de ser doméstica. Eu dizia que no dia que eu tivesse uma condição, deixava de ser doméstica. Então não foi fácil. Mas, eu não sei... eu achava que eu devia voltar para o meu meio para que as minhas companheiras descobrissem aquilo que eu descobri.

Quer dizer, eu voltei para ser doméstica por causa de uma luta. Eu não voltei para ser doméstica porque ser doméstica era uma coisa boa. Não! O trabalho como doméstica é muito ruim. Não vou dizer que é bom não. Minhas companheiras têm razão. Agora, eu voltei por causa de uma luta e porque acredito nas minhas companheiras e acho que tudo tem que mudar.

Agora, as domésticas me ajudaram muito e me ajudam muito. Mas naquela hora que eu tive que decidir se voltava para ser doméstica, as domésticas não me ajudaram. Nesse tempo tinha uma equipe de domésticas na JOC, e elas me escreveram uma carta para que eu não voltasse a ser doméstica. As próprias domésticas me pediram, por tudo, que eu não voltasse a ser doméstica; que eu continuasse a ajudar, mas não como doméstica. E eu entendo porque elas diziam aquilo; porque era duro demais ser doméstica, era duro. E eu também estava no conflito.

Então, pelas próprias domésticas, eu não teria voltado. Eu só voltei porque outras pessoas que entraram na minha vida me ajudaram a voltar. Inclusive um padre que depois casou me ajudou muito, muito, muito. Foi ele que me deu aquela casa de tábuas, que meu dinheiro nunca pôde.

Essa casa, por muito tempo foi também a casa das domésticas. Nesta época não tínhamos sede; as festas, os aniversários, os dias de estudo eram nessa casa. E as meninas que tinha folga nos domingos e não tinham para onde ir, iam para lá.

Foi nesta casa que eu descobri o que era comunidade; eu, minha mãe, o padre e os amigos que chegavam eram em tudo uma família.

Tudo era muito bom, mas o padre ia casar. E daí? Parecia que tudo ia acabar para mim e mãe; outra vez a insegurança e o medo. Podia-se perguntar: medo de quê? É que eu nunca tinha assumido uma casa porque o que eu ganhava não dava, mesmo não pagando aluguel. Mãe era diabética, tinha uma grande dieta, tinha os remédios para comprar, e eu não sabia o que fazer. Mesmo o padre dizendo que ajudaria porque mãe era como se fosse sua mãe, não era fácil.

Como se diz, quando Deus fecha uma porta abre uma janela.

As meninas da equipe de domésticas que eu fazia parte comprometeram-se para ajudar nas despesas da casa porque elas também serviam-se dessa casa. Achei bom porque era uma maneira das meninas, assumirem, mas elas ganhavam tão pouco e já tinham responsabilidades com suas famílias...

Aí uma francesa que era enfermeira e que eu conhecia, morava com uma moça mas não estava dando certo. Então ela veio morar com eu e mãe. Depois Nila, uma doméstica, veio também morar com a gente.

Aí minha mãe adoeceu e ficou numa situação de não poder fazer mais nada sozinha, tinha que ter sempre uma pessoa com ela. Então Nila, para me ajudar, passou a trabalhar só de tarde; de manhã ela ficava com minha mãe, para eu poder trabalhar. Se Nila trabalhasse o dia todo, ela ia ganhar muito mais; mas para me ajudar, ela só trabalhava de tarde. E foi graças a ela que eu pude continuar sendo doméstica; eu trabalhava só de manhã.

Quer dizer, se essas pessoas não tivessem me ajudado a voltar para ser doméstica, eu não sei se teria agüentado, porque a barra foi muito dura.

E muitas outras pessoas, muitos rapazes da JOC também me ajudaram. Até hoje.

Então, por isso que eu digo que todo o movimento operário, todo mundo, tem que ser uma luta só, porque isso me ajudou.

Agora, hoje, em qualquer coisa que eu me engaje, a minha força é a doméstica, porque é a minha base. O que estou falando aqui eu posso falar por elas porque eu vivo, eu como doméstica. E é por isso que eu fico assim na dúvida quando eu vejo as pessoas saírem do seu meio para ser assim permanente. Eu não quero dizer que sou contra, cada um tem que ver o que é melhor para si. Mas eu achava uma coisa artificial...

Sentar na mesa junto com os patrões?

Uma pessoa uma vez, uma menina da JOC, me disse assim: "Eu não sei como é que você agüenta viver numa casa de rico". Naquela hora, eu não tive resposta. Depois eu vim ver como era fácil viver numa casa de rico. Ela não vivia, porque se ela fosse viver numa casa de rico, ela ia viver com relacionamento direto com o rico, de pessoa para pessoa. E aí de fato era difícil. Mas eu estava na casa de rico como doméstica.

E eu senti isso muito forte quando eu passei a permanente de JOC. Como foi difícil no dia de eu sentar na mesa com um bispo!... Como eu sentia... E o padre que era assistente, ele fazia tudo para eu não ficar naquela timidez. Todo mundo me apoiava para que eu conversasse, mas eu me aterrava.

Porque nessa casa que eu passei 16 anos, eu nunca comia na mesa. Vinha muitos padres lá; mas eu ia servir aquele padre. E não eu junto com ele na mesa. Então é diferente. E você só pode ver isso quando você compara. Por mais que você diga, você... só vivendo. Tem coisa que só vivendo. E eu vivi as duas realidades; então eu digo com convicção certa porque eu vivi.

Hoje eu já me sento na mesa com pessoas que não são assim igual à gente, mas eu ainda sou muito tímida, precisa antes eu conhecer a pessoa.

E a minha timidez de ter um relacionamento mais direto com essas pessoas é mais porque eu não acredito... Para mim não está havendo muita franqueza. Por exemplo, depois que eu saí da JOC, eu fui trabalhar como doméstica na casa de uma pessoa que tinha sido da JUC (Juventude Universitária Católica). E nessa casa eu fui comer na mesa. Mas depois eu vi que não dava para eu comer na mesa porque eu acho que para sentar na mesa, você tem que ter um relacionamento fora da mesa que seja muito mais... Que só sentar na mesa, eu não aceito.

Então, as pessoas podem dizer que eu sou radical. Não é radical. É o sentimento meu, de nascença. Eu tenho isso, não foi ninguém que me botou. Fui eu. Eu que tenho e eu comparo. Então, toda aquela mesa pobre que eu tive com a minha família e a gente comer só farinha, mas era uma coisa tão natural, tão simples, que eu não aceito certas coisas.

Então eu posso viver numa casa de uma família, e se ela mandar sentar na mesa, eu vou experimentar para ver se eu posso comer com eles na mesa ou se não posso.

Quando as minhas companheiras não reagem...

Eu acho que a riqueza está em todo mundo; eu acho que as minhas companheiras domésticas têm uma riqueza, uma cultura muito grande. Como eu também tenho e como vou descobrir ainda.

Agora... eu tenho um defeito. O meu defeito é que eu tenho dificuldade de aceitar quando as minhas companheiras não reagem. Eu tenho dificuldade, por exemplo, de ver menina que aceita de não ter carteira assinada quando já existe lei; de ver menina que está aceitando de ganhar 4 mil cruzeiros. Tem hora que eu quase perco assim o controle, eu quase reajo contra a menina.

É um defeito porque nem todas as pessoas são as mesmas pessoas. Cada pessoa é de um jeito, né? Mesmo vivendo os mesmos problemas, cada pessoa é atingida de uma maneira diferente.

O puxa-saco, o cagüete

A minha mãe não tinha psicologia, nunca estudou nada, e nem conhecia dinheiro. Mas eu nunca peguei minha mãe numa mentira.

E isso me marcou tanto que é difícil eu aceitar pessoas que mentem. Por exemplo o problema do puxa-saco, do cagüete, é normal. Mas fica difícil de eu aceitar.

Às vezes a companheira doméstica fala da outra companheira à patroa, e a gente sabe que é uma maneira de criar amizade, de ser bem vista. Não é uma maldade, não é de coração que ela faz isso. Agora, se na hora eu ver aquilo, eu vou reagir muito contra ela. Eu vou ter uma maneira talvez indelicada de falar. Depois eu posso até pedir desculpas.

Eu não faço coisas só para satisfazer você

Nunca eu vou te dizer que estou gostando de uma coisa ou vou mudar o meu comportamento porque todo mundo que está ali é daquele jeito. Nunca eu vou dizer umas coisas só porque você disse. Eu tenho que aprender, ter convicção naquilo que você me disse. E só passo a dizer na medida que eu estou aceitando mesmo, estou vendo que é aquilo.

Muito embora talvez o que eu diga hoje eu não vou aceitar mais amanhã, porque eu acho que também eu tenho que mudar com tudo que muda. Por exemplo, quando eu estava no colégio, quando eu era filha de Maria, eu só usava vestido de manga. Eu não usava vestido sem manga, decotado; falavam para mim que isso era feio. Eu não usava calça comprida. Eu tive que passar todo um tempo para eu aceitar.

Quando eu vi que usar vestido sem manga e decote não me causava nada, então eu comecei a usar. A mesma coisa com a calça comprida. Mas se eu botasse só porque todo mundo usava, aí eu botava e me sentia mal. Eu tentei, mas me sentia mal. Então por isso que eu digo que não faço as coisas só para satisfazer a você.

Agora, tem umas coisas que eu aceito. Por exemplo, eu não sou mãe solteira. Mas eu aceito a mãe solteira. Não é nem só a mãe solteira; é a menina que vive aí com um e com outro. Eu aceito.

Agora, uma coisa que eu reajo é quando você apanha muitas vezes de um homem só... Apanhar que eu digo não é apanhar pancada não; é quando você teve um filho daquele homem, aquele homem não assumiu nada, e você continua tendo filhos dele. Então isso aí eu acho que eu não faria.

E talvez eu tenha tido o exemplo da minha mãe: a minha mãe teve 6 filhos e foram 6 pais. Quer dizer, eu sou irmã dos meus irmãos por parte de mãe. E hoje eu não tenho nenhum problema de dizer isso. Talvez minha mãe tenha tido razão, e talvez eu tenha puxado a ela... Eu preferia ter um filho de cada, do que ter vários de um só se ele não assume nenhum. Pelo menos eu estava fazendo tentativa para ver se aquele assumia; se aquele não assumia, eu pulava para outro. Mas ter muitos filhos de um só sem o cara assumir? Eu sei que é também um problema afetivo, uma amizade, e fica mais difícil...

Eu admiro demais a mãe solteira, a coragem! A doméstica que tem um filho, com toda aquela luta, eu acho que é uma luta que talvez eu não tenha por covardia, sabe? Eu talvez seja covarde nesse ponto, talvez eu não tenha tido coragem de ter um filho.

E também eu vivi muito tempo assim sem saber quem era meu pai. Minha mãe nunca disse assim: "Seu pai é esse". Depois, pelos fatos, foi se concretizando que meu pai era um camponês; desde que ele também sabia e apareceu minha avó que era mãe dele, então eu fui sabendo que aquele homem era meu pai. Mas ele para mim, era ele e qualquer um estranho. Eu me escondia para não tomar a bênção, porque aquele homem para mim não era nada. Nunca assumiu nada comigo, nunca viveu comigo. Por isso que a gente precisa viver às vezes para entender. Então o meu irmão mais velho passou a ser meu pai, eu a obedecer meu irmão. Se meu irmão dissesse não, eu obedecia cegamente.

E tem coisas que eu fiz, que eu usei meu irmão como meu pai. Os meus documentos está com o nome do meu irmão, e não está com o nome do meu pai. Depois de eu ter vindo aqui para o Recife, foram tirar meus documentos nesse colégio das freiras que eu estudava lá. O interesse de tirarem meus documentos era para que eu votasse. Daí mandaram ver meu batistério, tirar meu registro, tudo. E quando foi na hora, eu dei o nome do meu irmão como sendo meu

pai, muito embora eu soubesse o nome do meu pai. Então pode até as pessoas dizer que foi usar meu irmão; mas não foi. Foi porque naquela hora, o meu pai, o pai que eu queria, era meu irmão. Talvez seja estranho, eu sabia que ele não era meu pai, mas ele era uma segurança, não sei.

E talvez essa marca, essa vontade de eu ter pai e não ter tido, me pôs o medo de eu não ser mãe solteira. Não quero dizer que foi ruim que eu não seja mãe solteira. Mas eu nunca teria coragem de botar um filho no mundo para ele não ter pai como eu não tive. Porque a vontade de ter um pai foi tão grande, me deu uma falta tão grande, que isso me fez um problema.

E também a religião, aquele negócio de pecado; fica aquelas freiras dizendo: "Ter uma relação sexual só através do casamento..." Para mim hoje, não é o problema da virgindade em si, para mim isso não tem valor, não tem mesmo. O problema para mim é da moral, sabe? É da moral, e eu tenho que ter moral para tudo. Quando eu tenho moral para aceitar isso, eu tenho que ter moral para aceitar tudo que vier. E para eu aceitar de cabeça erguida, se eu não tenho ainda essas condições, eu não tenho coragem de arriscar.

Agora, tem também uma outra coisa. No meu caso, eu ser mãe solteira ainda ia ter muito falatório. Teria doméstica que aceitava. E teria doméstica que não aceitava, por toda uma maneira de eu ser.

Por isso que eu digo, muitas pessoas do mundo intelectual diz que o povo não é puritano. Mas é; é sim, muito! Eu moro num bairro que é um negócio... de dizer palavrada, coisa assim que eu nunca ouvi dizer na minha vida e que tem que perguntar para saber o significado; tem meninas sendo mulher antes de chegar a menstruação; tem tudo. Mas eu vi, lá no bairro, como aquelas mães tinham vontade que as filhas casassem.

Quando uma filha casava lá, como eu vi certos casamentos, que coisa meu Deus! A menina dizia: "Casar é nada! a gente quer é flertar". Ela dizia isso mas no fundo não é isso. Então o casamento que houve lá no meu bairro foi uma coisa! E diziam mesmo assim: "Casar aqui nesse bairro é muito difícil. Fulana casou..."

O que me faz crescer é a vida com meus companheiros

Uma coisa que eu acredito é aquela palavra que diz: "Você vê mas você não enxerga". Isso é muito concreto. Porque eu passei 16 anos como doméstica e não via. Não via toda uma vida que estava junto de mim. Eu só fazia me revoltar. E depois, quando eu descobri, eu comecei a enxergar. E eu não vivi toda vida lá? Quer dizer, de fato eu via mas não enxergava.

Agora, às vezes eu caio em contradição por isso: é que quem me fez eu enxergar não foi doméstica. Foi trabalhador de outras cate-

gorias e foi intelectual também. Quer dizer, foi um movimento que tinha padre e tinha leigo trabalhador.

Aí por isso que eu digo: tem umas coisas que eu aceito daqueles intelectuais que me deram essa prova, esse meio de eu crescer. Que foram capaz de me aceitar eu como sou e de ver também que eu podia estar dizendo uma besteira, mas era aquilo na hora que eu estava para dizer... E que às vezes não era besteira não, era verdade, porque de fato a gente também sabia das coisas.

Agora, a riqueza mesmo, o que me faz crescer mesmo, é aquela vida que eu vivo com meus companheiros, é aquele companheirismo com as domésticas e com todos os trabalhadores. Porque para mim a riqueza é igual, para mim todos têm sabedoria. Porque eu não aceito que eu, por ser pobre, não tenho inteligência e não entendo as coisas. Porque para mim isso é negar que eu também sou filha de Deus.

Eu quero dizer uma coisa: se eu tive coragem de fazer certas coisas, foi porque também eu encontrei segurança, não sabe? Por exemplo, eu tive coragem de dizer que não ia dormir mais na casa da patroa porque eu tive uma pessoa que me acolheu na casa dela. Então eu tenho que entender porque é que as minhas companheiras não tomam ainda essa decisão. Porque a gente tem que ter ainda a segurança em outras pessoas. Ou nas companheiras domésticas ou em outras pessoas, noutros companheiros que lutam com a gente e que ajudam na luta.

Então, eu acho que isso é que vai fazer a gente tomar posições, decisões. E por isso eu termino agradecendo e talvez pedindo desculpas por alguma coisa que não sou muito entendida.

O QUE É A SECA

INTRODUÇÃO

Este livrinho é uma análise da realidade que vivemos. Não foi preciso pesquisa. Somente com a prática da vida que a gente vive, como camponês que sou, já é tudo para fazer uma análise desta. É uma análise totalmente minha.

Sei que não é perfeição mas é onesta com meus pensamentos.

Esta perfeição vem por conta dos que forem lendo e analisando. Completando o que falta aqui, e vetando o que sobra. De acordo com seus pontos de vista.

Com licença dos que vão ler esta minha análise, como agricultor que sou, e estou talvez no fundo desta classe pobre, quero dizer também com alguns companheiros da minha classe que pensam diferente de mim, mas respeito.

A iniciativa desta minha análise partiu de um longo momento de estiagem que estamos vivendo. Momento este que deu muita margem para os donos de mundo aproveitarem mais ainda das consequências, necessidades e mentalidades menos esclarecidas por parte do povo atingido, para enriquecerem mais e terem mais poder.

E nós, povo atingido como só somos aproveitados, eu quis aproveitar esta oportunidade para escrever minhas descobertas.

O QUE É A SECA: (O TÍTULO DESTES LIVRINHOS)

A Seca é conhecida como falta de chuva no tempo determinado. Que é o maior desastre e quase que fatalidade para nós agricultor.

É por isto, para apresentar esta calamidade que os donos de tudo planejam vários projetos no propósito de enriquecer mais, dizendo que é para ajudar o povo escapar na seca. E ficam jogando com esta situação, aproveitando a mão-de-obra barata por causa da necessidade na seca. Quer dizer: jeitos de aproveitar o povo eles têm sempre com seca ou sem seca.

Mas neste caso: Os trabalhos que botam para sustentar os agricultores na seca, como dizem, não tem como objetivo ajudar nem sustentar ninguém. Como dizem também.

Estes trabalhos são planejados com outros objetivos. Que é gerar mais riquezas, e defender essas riquezas nas mãos dos seus donos. Porque sem ter trabalho para o povo ganhar alguma coisa, essas riquezas são muito ameaçadas de saques e invasões, ou distúrbios maiores.

E para evitar tudo isto, ficam criando jeitos e planos para acomodar o povo. Botando serviço e enganando-os com salário de miséria. Para causar mais miséria dizendo que é pra não existir miséria, e vamos na onda. E com isto ainda conquistam todo o povo para se elegerem.

E fazendo assim ganham a simpatia do povo para serem mais ricos, através da mão-de-obra barata e para ficarem permanentemente nos autos cómodos dos poderes. E puderem dominar o mundo. Um fato que aconteceu neste município, me despertou profundamente e me fez clarear mais as coisas. E por notícias parece que aconteceu em toda região seca. Já no terceiro ano de seca os agricultores resolveram se juntarem nas cidades para provarem as autoridades públicas, que estavam mesmo com fome, e não dava mais pra aguentar. E precisava essas autoridades tomarem algumas providências com esta situação.

Por vários dias esta cidade teve cheia de gente, que eles chamam de flagelados, mais que são mesmo são os agricultores que perderam suas roças por falta de chuva.

Até tres mil pessoas se juntavam por dia dando prova do que estavam sofrendo, ameaçando com muita cautela, os comércios, porque a polícia estava sempre controlando, defendendo os armazéns e as riquezas. Ainda ouve varias prisões e pessoas espancadas pela a policia. Pessoas que iam em busca de arranjos para a familia, topavam com a policia e iam presos. Mesmo assim por muitos dias fechou todo o comercio grande e do centro da cidade.

Só reabriu porque veio uma chuva de policfamento da capital. Dai ficou 3 ou 4 policiais nas portas de cada armazém e grande comércio.

São estes fatos que desperta a gente a refletir a vida que vivemos depois de 3 anos de seca, o povo morrendo de fome, ninguém olha para tomar uma providência. Depois que este povo começa amiaçar as riquezas, logo aparece policiamento para defender. Ou seja: as providências são logo tomadas.

Alguns comerciantes resolveram adiantar algumas sacas de genero para a prefeitura distribuir com o povo. E esta mercadoria foi entregue a policia que levou para o quartel que fica bem fora da cidade. Isto para tirar o povo do centro da cidade, e lá no quartel ficaram presos até a tardinha quando iam resolver distribuir a mercadoria.

Isto para não tomutuarem a cidade, e o comercio funcionar normalmente. Já de noite iam distribuir um litrinho de feijão para aqueles pobres que moravam até 4 léguas distantes. Depois de ficarem presos o dia todo. Muitos não davam tempo voltar no outro dia.

O quartel era o ponto estrategico para distribuir o genero, para amedrontar o povo porque é o local da policia.

Depois apareceram os primeiros alistamentos, para o povo trabalhar. Sem ninguém saber o dia de começar a trabalhar, se juntava muita gente, não mais para pedir nem ameaçar nada, mas para se alistar para trabalhar. Quando aliviou toda esta onda, veio a policia Federal examinar os casos de subversão. Quem estava agitando o povo para tal situação, porque diz eles que isto não era cabeça do povo. Foi alguém que motivou, porque isto não é fome.

Quando o secretário de segurança foi na televisão disse a mesma coisa. Que havia muitas iniciativas de subversivos nisso. O povo só não faz isso. Não existe fome.

Depois apareceu os primeiros trabalhos. Vindo direto para as mãos dos patrões e proprietários de terra. Dai ouve vários protestos porque os patrões eram injustos, e não dava o dinheiro os trabalhadores. etc.

Daí fiseram uma mudança. Só nas propagandas. Os trabalhos tem como finalidades bens comunitários e publicos. E os trabalhadores recebem o cheque e trocam no Banco.

Sem interferencia de politicos partidários, e nem dos patrões. Isto é o que diz o Estatuto. E para se encarregar de toda organização foi criado um novo órgão, com estatutos e tudo que diz todas essas coisas.

Esse órgão é o GESCAP (grupos especiais de socorro as vitimas de calamidades públicas) para os trabalhos da emergencia na seca. Agora vejamos: os trabalhos são públicos mas o povo, os trabalhadores não tem terra. E os trabalhos são barragens, cacimbas, estradas e outros trabalhos particulares. E esses trabalhos tem que ser nas propriedades, nas terras. E só quem tem terras. E só quem tem terra

são os ricos, ou quase ricos. Então é lógico que esses trabalhos nunca podem ser publico. Como pode ter uma obra pública numa propriedade privada?

Assim caiu sempre todos os trabalhadores nas mãos dos patrões. E tudo está sob domínio dos patrões. É evidente, porque tudo vem para suas terras. A única diferença de antes é porque o trabalhador recebe o cheque no GESCAP, tem direito de trocar no Banco. Mas nem troca, só faz entregar logo ao patrão porque já forneceu durante o mês. Já está devendo tudo. As vezes ele corta o fornecimento quando completa o valor do cheque. Muitos antes, ou muito longe de receber o cheque. Dai fica sem comer até entregar o cheque novamente.

E os fornecimentos vende tudo mais caro. 1 k de arroz custa Cr\$ 80,00. Tem fornecimento que forneceu aos trabalhadores a Cr\$ 110,00.

Dai se tira a conclusão que estes trabalhos é mais para enriquecer quem já é rico, do que para ajudar o povo necessitado, porque além do lucro nos fornecimentos, os ricos tem a mão-de-obra de graça para fazer o que quiser nas suas terras. Pode fazer o que quiser com o povo empregado na emergencia. E ainda tem a grande vantagem na política. Porque estes trabalhos, essa emergencia é uma verdadeira campanha política.

Para não variar o jeito de funcionameno das leis, o GESCAP não podia ser diferente. As vagas para emprego no GESCAP vem para as mãos dos politicos e os trabalhadores para conseguir emprego tem que ser por intermédio de um patrão, que muitas vezes é o mesmo político porque os trabalhos são nas suas terras.

Daí são mesmo os patrões quem se interessam por trabalhos nas suas terras. Em vez de ser os trabalhadores quem vão atrás de empregos, são os patrões quem fornecem as terras, vão aos políticos, pegam as vagas, fazem o projeto, o que querem fazer na sua terra, vai no GESCAP para inscrever aquelas pessoas. Dai bota para fazer o que ele quiser na sua terra.

Geralmente o patrão bota um feitor para mandar a turma. Esse feitor é trabalhador também. Mas esse feitor só faz obedecer as ordens do patrão, manda os companheiros fazer o que o patrão manda e quer. E assim os donos de terras fazem todo tipo de propriedade nas suas terras sem gastarem nada.

É por isso que o trabalho da emergência está entregue aos patrões e políticos. São quem controlam todo funcionamento dos trabalhos.

Se alguém que não é patrão vai ao GESCAP atrás de vagas para trabalhar, os técnicos mandam logo ir falar com os políticos, e simplesmente não atende. Tudo é por intermedio dos políticos e patrões. E o povo recebe como um grande favor que esses estão fazendo.

E tudo isto não passa de uma verdadeira campanha politica. Tudo é de proposito, pois estamos nas vespuras de eleições de 82.

As fiscalizações que existem é para fiscalizar se o pobre está trabalhando e obedecendo as ordens. No dia que falta a ordem é botar falta. Mas não tem fiscalização nas irregularidades por parte dos patrões, nem no regimento dos Estatutos. O povo nem sabe o que diz os Estatutos. Os técnicos dizem aos trabalhadores se no dia de receber o cheque quem faltar perde o mes de serviço, como já aconteceu com a gente aqui. Embora seja por doença, se não tiver atestado médico e a procuração para uma pessoa da família receber, perde tudo.

Quando sabemos verdadeiramente que existem patrões que recebem cheque da turma todinha, sem se saber nem se existe tal turma. Tudo isto é contra as leis, mas quem punir? Se são eles mesmos os donos que fazem essas leis? Ai se ver que tudo gira em torno da campanha politica. Os chefes politicos nacionais sabem que o povo está encerrado por lidere politicos em cada lugarzinho das regiões. O povo não está solto. Está todo mundo liderado por lideres. O cuidado é para não deixar o povo solto politicamente. Daí, botando tudo nas mãos desses lideres, que são tais patrões e políticos, o resto está feito, porque o povo está todo nas mãos, sendo controlado por esses politicos e patrões. Então o povo precisa é mesmo de ajuda para escapar, e eles estão dando estas ajudas. E muitos, cuidadosamente o povo, não precisa de voto, então vota em quem está lhe ajudando. O povo quer mesmo é trabalhar, está ai os trabalhos que eles estão botando.

Precisa mais de alguma coisa? Não. Está ai a riqueza e o poder na classe rica, tudo tirado da classe pobre. E mais uma prova para quem pensa, ver que não é casualmente que existe pobreza e miséria na classe pobre. Como a riqueza e o poder que existe na classe rica não é casual. Tudo é planejado. E tão bem planejado que o próprio povo que sustenta é difício perceber.

E se percebe, mais não ver saída. Porque o sistema que rege tudo isto não deixa mesmo saída. Mas saída existe, só que não está nesse sistema, nem vem de lá para cá. A saída está daqui para lá. A saída está aqui mesmo. Não podemos confiar em nada que vem delá pra cá. Porque tudo que vem para ajudar o povo, seus objetivos são traiçoeiros.

Dizem que estão ajudando o povo. E o povo é cada vez ficando mais pobre e o rico ficando mais rico. O povo é cada vez trabalhando mais para ficar mais pobre. Aí tem um mistério: Como é que é, só o pobre que trabalha, que faz tudo, constroi tudo, e para viver precisa de ajuda? E ajuda de quem não faz nada? Se é o povo quem trabalha devia não precisar de ajuda de ninguém. E este povo só vive trabalhando e ainda sendo ajudado e cada vez ficando mais pobre? TEM UM MISTÉRIO.

O GESCAP é o órgão que se encarrega por todo trabalho da emergência. É composto por equipes de técnicos. Mas que funciona irrisoriamente. É apenas para dar empregos alguns da classe média desempregados. Como são formados dentro do sistema da classe rica, não podem ficarem desempregados. É um cuidado do próprio sistema.

O GESCAP é o fruto de uma rede política e econômica, rede essa que liga todos os lugares, as regiões e a nação: E nesta época de falta de chuva criaram o GESCAP como órgão proposital para aproveitar a fome e a miséria do povo para transformar em riquezas pra quem já tem. Por causa da necessidade que o povo está sofrendo para viver. Quem não tem nada se sujeita a ganhar seja o que for. Daí eles constroem as riquezas com mão-de-obra quase de graça. Por outro lado o GESCAP serve também como arrecadador de votos para os poderes políticos.

É assim é sempre o poder político-Econômico que se aproveita da seca para crescer mais, porque em cima da seca eles formam seus projetos de aproveitar da miséria do povo. Como já existe os planos de aproveitar o povo, permanentemente. Econômica e politicamente. Como são esses poderes quem dominam tudo e mandam tudo, são eles mesmos quem se aproveitam como solução aos problemas da fome que o povo sofre. Solução de tudo que o povo está sofrendo.

É através de seus representantes que estão no meio do povo em cada lugar, que são os cabos eleitorais, as lideranças políticas, os patrões que controlam todo o povo. Eles conquistam todo mundo. É por isto que tudo que vem para o povo, vem para as mãos dessa gente. Porque já criado de propósito como campanha política. E os benefícios verdadeiro quem recebem são mesmo esses patrões e políticos. Eles sozinho não elegem ninguém, mas o povo é deles. Basta eles apontarem em quem o povo vai votar. É por isto que eles recebem todo tipo de apoio do governo. Para beneficiar suas propriedades, educar seus filhos, tipos de financiamentos, incrementos agrícolas, o Governo dá máquinas para faserem açudes nas suas propriedades, eletrificação rural, e agora esses trabalhos da emergência para eles fazerem o que quiserem nas suas terras, sem gastarem nada etc.

Essas pessoas são o pescoço do sistema político-econômico. Porque eles são os intermediários que estão junto do povo. Trazendo as chupetas ao povo, e levando do povo mão-de-obra e o voto. Que sem estas duas coisas não existia sistema capitalista. Nem político nem economia nenhum.

É por isso que os principais donos do sistema político-econômico, dão todo apoio esses intermediários onde eles estiverem. Porque sem eles o povo fica solto. Sem chefe, sem líder.

Daí a seca do Nordeste faz parte de um plano estratégico (para o povo não perceber) para aumentar mais as riquezas e crescer mais

o poder, ou seja, para engrossar o sistema político-econômico do país. É por isto que isso funciona como uma rede de ligações no país.

Rede pelo seguinte: No comando geral do país é bolado e planejado o projeto para a seca no nordeste. Isto por político de todos os estados do Brasil, que fazem parte do geral do país. Inclusive dos estados secos. Esse comando geral precisa muito do voto deste povo e é pelo voto do povo que ele está lá. E nunca querem sair de lá. Que são senadores, Deputados Federais, Presidente da República e ministros que são botados por essa mesma gente.

Então cada político que está lá se interesse pelos votos do seu estado. Depois de bolado o projeto da seca do Nordeste entregam a SUDENE. (superintendência de desenvolvimento do nordeste). O nome já diz quem se encarrega dos problemas do nordeste. Só que como tudo que existe, a SUDENE é o órgão instrumento dos latifundiários. Patrões e Políticos.

Depois o projeto é enviado aos estados secos, e entregue a Sudene pelos fortes políticos daquele estado. Que é quem controla tudo no estado, junto com os governadores de cada estado.

O governador com os fortes políticos dos municípios que fazem parte do comando do estado, envia o projeto aos municípios, tendo como frente aquele forte político daquele município que está no comando do estado, que são deputados estaduais e etc.

Daí chega aos prefeitos. Que com os fortes políticos dos distritos e lugares que comandam com ele a prefeitura, que são os vereadores, e cabos eleitorais, bolam o funcionamento dos trabalhos e o jeito de atendimento a seu povo em cada lugar. Por intermédio dos vereadores e cabos eleitorais e patrões, que sempre são os mesmos, nos seus lugares.

Tudo tendo como base os objetivos dessa rede política. Que é do seu interesse. E o povo é os seus comandados, os seus liderados. Para o governo esses líderes estando satisfeito o resto está feito.

Porque eles levam o povo para onde querem. E o GESCAP é o instrumento destes patrões e políticos para alistar o povo, fiscalizar os trabalhadores e pagar, passar decepções nos trabalhadores nos dias de pagamentos e nos serviços e ameaçar polícias para os trabalhadores e até prender. Como já tem acontecido.

O GESCAP é para se encarregar dessas coisas para limpar a cara dos patrões diante dos trabalhadores. Pois estamos em vésperas de eleições, e o patrão não pode brigar com o povo nesta época. Então o GESCAP se encarrega de tudo isto. Foi para isto que foi criado o GESCAP. Antes quando era o patrão que se encarregava pelo serviço, os trabalhadores viviam reclamando direito. Daí os principais dirigentes do estado e do país sentiu que estava havendo atritos entre líderes e liderados. Ou seja, entre patrões e trabalhadores. E isto podia resultar numa perda de votos. E como estes trabalhos da emer-

gencia é para conseguir votos, resolveram tirar das mãos dos patrões e criar o GESCAP para assumir os trabalhos e os casos.

O patrão precisa é conquistar o povo. É por isso que é ele que arranja o serviço para o povo. Tudo vem para as mão deles. Mas as brigas do povo é lá no GESCAP. Se precisar prender alguém é o GESCAP quem chama a polícia. Se alguém precisar de esparro é o GESCAP quem dar esparro no povo.

Como são sempre esses patrões e políticos que estão ai resolvendo as coisas, ou assumindo as necessidades do povo para ajudar, o povo se sujeita mesmo, e vive encabrestado por eles. A terra que trabalham é deles. As necessidades que sentimos de todos os tipos são sempre eles que aparecem para resolver. Qualquer necessidade que se tem só se sabe logo procurar eles. Corre logo atrás deles. E é isto o que eles querem. Porque eles só se aproveitam das nossas necessidades. Quanto mais fome, miséria do povo, mais riquezas para eles. Mais trabalhos e mais beneficios que o povo tem que receber.

São eles quem falam em nome do povo. O povo não sabe falar. Fala mas ninguém escuta. Eles não escutam. Só escutam outros políticos falando em nome do povo. Mas não escutam o povo falar. Não deixam o povo falar, a fim de ter alguém que fale pelo povo. E eles subirem nas costas do povo. Dizendo que estão falando pelo povo.

Qualquer pessoa que tem qualquer tipo de liderança junto ao povo, através de sindicatos, comunidades etc., é muito fácil contar com o apoio desses políticos e crescer a custa do povo.

Só tem qualquer tipo de benefício para qualquer lugar através de uma liderança seja de que tipo for. Até os feitores que existe nas turmas de trabalho, é trabalhador, mas é escolhido pelo seu grau de liderança. É muito fácil qualquer tipo de líder subir no povo, porque ele tem todo apoio dos poderes. A salvação é se o povo descobrir, mas quando o povo não percebe aceita ser liderado, e o lider tem o apoio dos poderes e apresenta o povo esse apoio, é o fim. Ele se torna o mesmo intermediário de tirar a força do povo, e levar para os poderosos.

Com toda esta minha análise, que penetra em vários ângulos da vida da gente, eu tenho visto muita gente dizer: "pior se não tivesse vindo este ganho mesmo pouco". Eu não estou dizendo com tudo isto que era melhor não. Eu só quero dizer que sou trabalhador camponês, mas sou gente, e gente merece ser tratado melhor. Ou seja; gente tem direito de ser tratado como gente. Um pai de família ganha por dia Cr\$ 136,00 trabalhando, dando duro para sustentar sua família com este dinheiro por dia de serviço. Família de 8, 10 pessoas, para se alimentar e comprar tudo que precisa numa casa. Será que existe um lugar desde a terra ao univercio que uma família possa escapar com este dinheiro por dia? principalmente aqui que

um litro de feijão é Cr\$ 120,00. 1 k de arroz é 70/80,00. Cento e vinte o feijão. Oitenta o arroz.

Quando um prato de comida numa banca na feira, das piores comidas custa mais deste dinheiro que um pai de família recebe por dia de serviço para sustentar sua família. Quando se sabe que só uma carteira de cigarro que esses que governam o pais ou estados e municipios ou qualquer classe média fuma, custa mais deste dinheiro que eles pagam os pais de familia para sustentar sua familia. E um pai de familia sujeito a sustentar sua familia por dia com o dinheiro duma carteira de cigarros. Ou seja Cr\$ 136,00 (cento e trinta e seis). Eu acho o maior desrespeito deste munto para gente. Eles pensam que nós somos o que? Gente não é. E bicho muito pior, porque todo bicho come. Será que gente pobre não tem direito de comer? Como é que vive sem comer?

Este é o dinheiro que nós ganhamos neste trabalho da emergência, Cr\$ 4.080,00 por mês, e só recebemos com 25 dias de atrazo. 25 dias do outro mês. Eu não entendo nunca o que eles pençam quando estipulam um salário deste para um pai de familia sustentar a familia. Só pode ser uma espécie de zombaria. Caçoada do povo. De outro jeito eu não entendo. Só porque somos pobres, não somos gente? E o pior é que eles aproveitam da necessidade do povo para fazer deste povo instrumento de suas riquezas. Sujeitando do jeito que quer. A seca além de ser uma industria, uma fonte de gerar riquezas, ela é transformada também numa das maiores pescaria de votos, para quem cresce com voto do povo. Por que tudo que é feito por ocasião da seca para o povo, tem como objetivo não ajudar o povo, mas uma campanha politica. Porque os politicos estão no meio do povo mobilizando todo mundo levando os trabalhos da emergencia ao povo como ajuda, ou favores, ou beneficios dos governantes. E este povo precisa retribuir estes favores com o voto.

E os tecnicos da GESCAP são os gerentes desta industria da seca. Eles são os instrumentos dos politicos e patrões servindo de mediador.

Depois desta descoberta que me fez ver tudo isto, cheguei a conclusão que:

**A FOME NÃO É CASUAL.
NÃO É CASUALMENTE QUE EXISTE A CLASSE POBRE.**

A fome que sofremos, a miséria que existe na classe pobre, a nossa falta de condições de viver, é consequencia, é fruto do sistema econômico e político. Isto é criado de propósito para sustentar a classe rica.

É por isso que nosso trabalho não serve para nós. Porque se eles deixassem tudo que nós fazemos, construímos e produzimos ser nos-

so, como era para ser, os ricos éramos nós que fazemos as riquezas. Eles que não trabalhavam eram os pobres, os miseráveis. E se não quizessem morrerem de fome, teriam que trabalhar também.

É por isto que tudo que é feito é pela classe pobre. A classe trabalhadora. E esta classe nunca pode ter nada. Porque quanto mais trabalha mais terá que trabalhar. Porque seu trabalho é quem gera todas as riquezas que existe. E quanto mais trabalho mais riquezas.

E mais, quem trabalha precisa ficar mais pobre que é para ter mais necessidade de trabalhar. E se sujeitar com mais facilidade. Está aí o mistério da RIQUEZA E DA POBREZA. Se tudo que fazemos e produzimos fosse nosso, ficasse nas nossas mãos, nós não precisava trabalhar tão barato, nem se sujeitar a todo tipo de dominação.

Se tudo que é nosso ficasse nas nossas mãos não era preciso nós pedir nada, nem esperar que alguém tenha vontade de dar, aproveitando de nós para subir politicamente e economicamente porque nós vivia independente de qualquer poder que não fosse da nossa classe. Daí nós podia escapar em 1 ou 2 ou 3 anos de seca, sem precisar de ninguém.

Deste jeito que vivemos, nós só dependendo dos grandes, dá a impressão mesmo que é nós quem precisamos dos ricos. E nós somos educados a pensar mesmo assim. É por isso que muitas vezes nós achamos bom está se entrozando com os grandes. Mas na verdade são eles quem precisam dos pobres. Para eles puderem existir. Se não fosse a classe pobre não existia a classe rica.

Mas eles ensinaram os pobres o contrário. Que os pobres vivem graças aos ricos.

A FOME NÃO É CAUSADA PELA SECA

A fome, a pobreza, a calamidade pública, a miséria não é causada pela a falta de chuva. São 10 ou 15 anos de bom inverno e o pobre com inverno ou sem inverno é cada vez ficando mais pobre, e trabalhando mais. Não existe tempo bom para pobre, para possuir o que produz.

A seca não devia ser a maior miséria para o povo, como não é. É como é visto. Só vemos a seca como culpada de tudo. Também é uma educação, para puder a seca ser transformada numa indústria. Ser bem aproveitado pelos poderes economicos e politicos, sem os pobres perceberem. Se todos os camponeses, que trabalham pudessem segurar sua produção, a seca não significava uma calamidade pública para estes camponeses. A fome, a miséria a calamidade pública que existe na nossa classe, não é causada pela a seca, e nem é só tempo de seca que existe isto na classe pobre.

Todas estas coisas são causadas por estes patrões politicos, poderes que se chamam publicos, que são os grandes governantes, que

aparecem em todas estas horas de aflição, como a solução dos problemas. Nestas horas eles aparecem como o salvador dos pobres. Com projetos e planos de emergencia para o povo não morrer de fome. São eles presidente da república, governadores, prefeitos, politicos e patrões que tudo formam um só conjunto de poder e dominação.

Aqui não me interessa definir o que é poder politico, poder economico puder publico e classe rica, sistema capitalista, ou outros raios que o parta. Já se sabe que tudo isso formam um só conjunto.

O que eu estou tentando é expor o meu ponto de vista como nós classe pobre, somos usados e abusados por essa outra classe. Porque isto eu acho que me pertence. Porque como classe pobre, eu estou sendo usado e abusado tambem.

E dá até uma sensação, quando a gente descobre tantas coisas. Por exemplo: Eu descobri que são, eles que criam toda esta situação para se aproveitarem dela, para depois aparecerem como solução se aproveitando novamente no campo politico. Para se elegerem novamente e se manterem no poder, nos outros comandos do país. E é por isso que eles fazem tudo de proposito. Não existe nada casualmente porque não existe calamidade pública, nem fome para os ricos por causa da seca? Só os pobres é quem sofrem tanto? Os ricos ficam é mais ricos. As riquezas em vez de diminuirem fazem é aumentarem nem a propria falta dagua o rico não sofre. O pobre só falta morrer de sede esperando agua dos açudes vinda em pipas para beber e gastar. Agua poluida e contaminada, e mesmo assim botada por ração. Quando eles querem mandar. Tudo por politica-gem nos lugares onde os politicos influem mais, eles tem mais cuidado. Enquanto o rico tem sua agua encanada, e cuidadosamente para não faltar porque são eles quem mandam em tudo. E também nos empregados da agua. E nas suas fazendas existem açudes e mais açudes, e poços profundos e diversos tipos de irrigações para nunca faltar agua para seu gado e criações, nos anos de seca nesta epoca de falta dagua que o pobre alem de não ter alimentação, está totalmente sem agua, esperando migalhas dagua botada por politiqueiros que tenta com isto comprar o voto do povo, e só no estádio de futebol para manter vivo o gramado, está sendo gastos cinquenta carradas dágua por semana, e ainda a imprensa criticando porque o gramado está feio.

E o pobre que não é gramado, é gente, só porque é pobre, tem menos valor que o gramado do estádio.

A SECA NO NORDESTE NÃO É POR CAUSA DA FALTA DE CHUVA

A seca no Nordeste é muito bem aproveitada nos planos administrativos do país.

A seca é uma doença que pode ser curada facilmente, mas como existe muitos interesse por parte dos ricos e políticos pela seca, ela nunca será curada. Porque a fome e miséria do povo interessa muito para as riquezas dos donos do país. Já que é a classe pobre que sustenta as riquezas e o poder dessa gente através do trabalho e do voto, este povo que trabalha quanto mais pobre, mais necessitado melhor para se sujeitar trabalhar barato e ser conquistado ou dominado o seu voto. Quando falta o inverno no tempo marcado, os camponeses ficam totalmente perdidos. É uma aflição geral. Porque vivem a cavar a terra. E quando falta chuva este povo que não tem nada, precisa viver de qualquer maneira, se obriga a trabalhar seja em que for, ganhando seja quanto for, para sustentar sua família.

E é disto que os ricos aproveitam para dominarem, explorarem aproveitando o mais que puderem desta situação. Com a mão-de-obra quase dada, e o governo ainda pagando tudo. O proprietário é so para mandar mesmo.

Por outro lado a seca é vista como a causadora de toda miséria. Tirando toda possibilidade, visibilidade do povo ver o sistema econômico e político como verdadeiro culpado.

Mas se analisarem a situação da classe pobre vendo os ângulos, veremos bem claro que realmente os causadores de toda esta situação não é a seca, e sim esse tal poder. Porque nunca houve tempo bom para pobre, é sempre ele morrendo de trabalhar, e seca é só de dez ou quinze anos uma. E porque o pobre é cada vez ficando mais pobre? E trabalhando mais? Porque o pobre fez sua safra mas não pode guardar para se arremediar? Porque a produção do pobre perde tanto o valor nos anos abundantes, e ele tem que vender todinha, depois, precisar comprar novamente muito caro para comer? O pobre começa sujeitar a sua produção ainda no plantio, porque ele não tem mais o que comer, daí precisa se fornecer nos comerciantes, ou arranjar dinheiro emprestado para pagar com a produção que está plantando.

Quando entra um novo ano ele já está devendo toda sua produção porque toda produção perde o valor. Daí já vai ter seu valor quando está nas mãos dos ricos. Os pobres não têm mais e já está é comprando novamente. A seca não é culpada disto. Assim como eles planejam a industria da seca, planejam também a industria da produção do pobre.

Porque só perde o valor o que é do pobre? o que é dos ricos é cada vez mais subindo? É exatamente para o pobre vender tudo que faz para comprar o que vem deles, daí fica sem nada para continuar trabalhando para fazer mais riqueza para eles, e ficando mais pobre.

Além disso o lucro incalculável que dá a nossa produção ao comércio é deles também.

E assim a máquina de fazer riqueza, a indústria de gerar toda riqueza é a classe pobre.

Mas como a seca também é um instrumento que eles aproveitam para fazer o pobre mais pobre, eles nunca querem acabar com a seca.

Se eles quisessem, não podiam fazer chover na época para ser o inverno, seis meses completos, mais podiam irrigar as terras para produzir todo tipo de alimento sem ter problemas de falta de chuva.

Existe essas irrigações nas fazendas deles. Propriedades e latifundios no Ceará, que produzem forragens para gado e animais de inverno e verão, sem ter problemas de seca. Além de produzirem também milho e feijão, e outros alimentos.

Os latifundiários sozinhos ou em convênio com os órgãos do governo fazem sistemas e irrigações. Fazem os açudes, depois tiram água dos açudes, onde não tem açudes irrigam com grandes rios léguas e léguas fazem poços profundos etc. E assim suas terras são produtivas de seca e verde.

É uma prova que se eles quizessem fazia em toda região seca. No Ceará e no Nordeste.

Mais o interesse não é acabar a seca, é mais em aproveitar o fenômeno "SECA". Como criam todos os meios e instrumentos para subirem nas costas do povo, aproveitam todos os fenômenos que aparecem para usarem esta classe.

Porque a classe pobre é pobre porque é um sistema Montado. Não é casualmente, nem é por causa da seca.

Um exemplo é a região sul do país. Lá não existe seca mas existe a classe pobre do jeito daqui. Igualzinho aqui no Nordeste.

Esta mesma classe que se obriga trabalhar muito barato para poder escapar, e cada vez ficando mais pobre.

Esta classe existe onde tiver gente que é para trabalhar para sustentar a classe rica.

Lá no Sul os pobres não produzem para si. O trabalho da produção não é controlado pelos trabalhadores. Mesmo trabalhando nos campos são todos assalariados. Produzem para os donos de terras recebendo salários, e salários miseráveis. Para produzirem os produtos de grandes riquezas do país. Produtos de exportação. Das indústrias. Ou seja: café, cacau, soja etc. E os produtos alimentícios de primeira qualidade, que pobre não come: feijão mulatinho, feijão preto, arroz especializado, etc. As terras produtivas do sul são todas transformadas em latifundios para criação de gado, e esses produtos.

Como não tem seca, eles produzem direto. Não é só na época do inverno que nem aqui, e ainda arriscando a seca.

Os donos das terras recebem todo tipo de assistencialismo e financiamento por parte do governo. Todas as técnicas necessárias para uma produção sem deficiências.

Mas como lá existe classe pobre nos comércios tem os produtos de categorias inferiores, para os trabalhadores assalariados, que não ganham quase nada, puderem escapar com seu pequeno salário, comprando produtos mais baratos. Como a região lá só produz produtos de exportação, esses produtos inferiores que os pobres comem, vai de outros estados que só produzem aquele tipo de produto. Como o nordeste e os estados secos.

É por isto que estes produtos são desvalorizados que é para os pobres assalariados do sul e das indústrias poderem comer com seu pequeno salário. Então para as riquezas do país, os estados do nordeste tem uma participação direta no seu sustento. É a mesma coisa da classe pobre sustentar a classe rica.

Isso é muito bem planejado. Quando há muita safra no nordeste baixa toda a produção. E o pobre se obriga a dispor toda essa produção porque o que compra que vem de lá, é muito caro. Que é para essa produção chegar até os operários num preço proporcional ao seu salário. E o pobre que produz aqui é cada vez ficando mais pobre, e trabalhando mais.

É com essa desvalorização da nossa produção que eles pagam toda mão-de-obra das suas indústrias, pagam todos os operários das fábricas. E assim quem paga toda mão-de-obra dos operários das indústrias e fabricas são os trabalhadores do campo que estão produzindo aqui. E esta nossa produção ainda deixa grandes riquezas nos comércios. Quando a produção sai das nossas mãos até as mãos dos operários das fábricas que vão comer, deixa muita gente rica no meio. A custa do lucro.

Eu chego até a desconfiar que esta inflação tão violenta nestes 3 anos, tenha algumas influências por causa destes anos de escasez de chuva. Como não houve chuva no Nordeste que desse uma boa produção, os produtos alimentícios tiveram todo tempo caros. Porque não deu no Nordeste. Daí os donos das indústrias tiveram mesmo que pagar os salários dos seus operários proporcionalmente aproximado os preços dos produtos alimentícios. Daí teriam que tirarem esse aumento de algum lugar. E esse lugar só pode ser mesmo o povo que compra seus produtos industrializados. E para o povo pagar isso, teriam que subir muito os preços desses produtos.

Pensando certo ou errado, eu defino tudo da seguinte maneira: A classe pobre é a indústria. Como toda fábrica funciona por seção, tem a seção dos trabalhadores do campo, e a seção operários de indústria, e das fábricas, operários das cidades, seção política, seção seca, seção comércio e muitas outras, até que forma um conjunto de seções que se significa uma Indústria. Tendo na classe pobre tudo que for necessário para a engrenagem dessa Indústria.

Como tem que existir classe pobre, no nordeste e no sul, para sustentar a classe rica do país, por causa das regiões sul e nordeste

serem diferentes, lá no sul foi bolado um sistema de dominação que causa a mesma pobreza que nem aqui no Ceará e no Nordeste. Só é diferente o sistema por causa da região. Mas os pobres de lá também se obrigam se sujeitarem aos patrões, ricos e políticos por causa das necessidades. E assim, a vida da classe pobre é a mesma: aqui no Ceará, no nordeste e no sul. Ou em todo mundo.

Se fosse o caso de quererem acabar com a seca no Ceará e no Nordeste, se existisse um interesse mesmo por isso, para irrigar o Nordeste, talvez não gastassem nem tão muito mais do que o dinheiro que gastam com trabalhos para o povo no ano de seca. Só que o problema ficava resolvido de uma vez por todos. Se acabava o problema da seca. Daí também se acabava a indústria da seca.

Existe várias sugestões para irrigar os estados secos do nordeste, e resolver este problema da estiagem. Mas isso ajudava um pouquinho o povo. Pelo menos não eram necessariamente obrigados a qualquer tipo de dominação por causa de grandes necessidades. Por isso mesmo os donos do sistema se prejudicavam profundamente porque estavam consedendo algumas liberdades ao povo.

Então para irrigar o nordeste e essa mudança não dar nenhuma oportunidades ao povo de mudar um pouquinho sua vida para melhor, teriam que mecher em todo sistema econômico, e talvez político do país. Como acabava a Indústria da seca, teriam que criar uma nova Indústria da irrigação do nordeste.

Daí os produtores do Ceará que trabalham em terras rendadas, ou produzem em pequenas posses de terras, haveria uma mudança total, porque aí a produção do nordeste, antes produzida por estas pessoas, pagando rendas e sendo dono desta produção, pelo menos enquanto paga as dívidas, e fica com um pouquinho para se alimentar sem comprar, essa produção passaria a ser produzida diretamente sob domínio dos donos de terras. E estes pequenos produtores passariam a ser assalariados por donos de terras. Porque aí os donos de terras não soltariam mais as terras para rendeiros trabalharem para si, só pela renda. E como tinha sido investido muito dinheiro nessa irrigação, ela teria que render fontes de lucros para o país. Daí a produção precisava ser valorizada, para compensar os investimentos da irrigação. Daí o nordeste virava só latifúndios e muitas firmas iriam comprar terras para produzir no nordeste. Como acontece nas regiões praianas daqui, porque são terras produtivas.

Acontecendo isso acabava todo aquele processo da produção do campo pagar os operários das fábricas e indústrias, que vimos lá atrás. Daí todos os agricultores teriam que comer comprado caro nos comércios. Que nem lá no sul. E todos os salários teriam que ser muito altos. Autíssimos. Porque não tinha produto barato. Não tinha mais ninguém produzindo barato.

Vejamos: eles são o dono do poder e da riqueza. São dono de tudo. São eles que se reúnem e planejam tudo que acontece no país. São eles também que fazem as leis. E são eles também os donos das terras, das indústrias e fábricas. E são também os donos da mão-de-obra. Por isto controlam toda mão-de-obra do país para fazerem dela o que quiserem.

Então como é a mão-de-obra que gera toda riqueza, ela precisa ser desvalorizada porque está no povo. Por isto mesmo é que o povo precisa ser bem pobre para não puder dominar sua mão-de-obra.

PORQUE O NORDESTE É DIFERENTE DO RESTO DO PAÍS

Dentro do sistema ele é bolado para ser a região mais pobre do país. Por isso ele nunca será uma região de produção de auto nível de exportação. Porque é o nordeste que fornece quase todos os elementos necessários para existir esse tipo de produção na região rica do país. Como alimentação barata para os operários das indústrias, a própria mão-de-obra que tem no sul. Quase todos os trabalhos feitos no sul é com mão-de-obra de gente do nordeste. Toda população pobre, que fornece mão-de-obra lá no sul é só gente nordestina. O que sai de gente do nordeste para tentar a vida no sul é sem soma. Tudo isto só ajuda a região sulista ser mais rica. E o nordestino só vai porque o nordeste é pobre. Porque não vem ninguém do sul tentar a vida no Nordeste?

Este fator é muito importante. O nordeste é a maior força das riquezas do sul. Agora o fato dele ser uma região seca, serve para a sua acomodação. Daí achar que não tem mesmo possibilidade de ser igual aos outros estados.

O privilégio dos outros estados tem alegação de ser uma região fértil. Como o nordeste não é fértil, não pode ter o mesmo direito dos outros estados. Então, tem mesmo é que se acomodar.

E o resto é tudo aquilo que eu já falei em termos de classe pobre, seca, mão-de-obra etc. Eles não vão investir dinheiro numa região pobre que todo mundo é acostumado a ser pobre. Fazer isso seria mudar o próprio sistema de vida do povo nordestino.

As ajudas que vem para o nordeste é com objetivos políticos, ou seja, em troca de votos. São os investimentos que vem para os latifundiários e fazendeiros enriquecerem suas terras e propriedades. Máquinas para fazer açudes, empréstimos financeiros, e outros tipos de assistências por intermédio da SUDENE e outros projetos assistencialistas, mais só para quem já é rico. Para o pobre médio aparecem tipos de empréstimos agrícolas que é muito mais um sonho de quem está dormindo mesmo.

Agora toda esta situação que vive a classe pobre e o nordeste é o pilar que sustenta a monumental estátua do brilhante Brasil. E este

pilar em baixo do chão para não aparecer, tudo isto é planejado. Não é casual.

Isso foi planejado talvez desde que o Brasil era colônia portuguesa, quando descobriram que o nordeste era uma região seca. Ele pode ter muita importância como alicerce do prédio. Mas alicerce não pode aparecer. Então não precisa ser visto.

Agora quando falo do nordeste ser alicerce ou pilar, estou falando da classe pobre. De quem trabalha. A classe rica e poderosa, é sistema capitalista onde ela tiver. Só que o sistema foi feito com as costas viradas para o nordeste. Porque o poder, a força do país é concentrada no sul. Daí a classe rica do nordeste, como todo mecanismo do nordeste serve de intermediário para ajudar nessa concentração de poder e força no sul. Daí ficam criando fantasias, inventos para o nordeste se conformar de ser nordeste. Assim como o pobre foi educado para se conformar.

Como no tempo da estiagem, da seca, compram aviões para fazer chover. Só o preço de um avião desse, talvez desse para irrigar grande parte de um estado. Isso para o povo se enganar que eles estão mesmo preocupados com a situação do povo na seca. Mas a verdadeira solução eles escondem, porque não querem que aconteça. Isso não passa também de um jogo político, para conseguirem votos.

O mais revoltante de tudo é a gente saber que todo esse dinheiro que gastam com avião, com planos de emergência, GESCAP, técnicos enriquecendo com o dinheiro que vem para o povo, eles desviam para ficarem ricos, comprarem carros do ano, casas luxuosas etc., todo esse dinheiro foi tirado de nós. Nós estamos morrendo de fome e de trabalhar para acumular tanto dinheiro, tanta riqueza nas mãos desses poderes que se chamam poderes públicos. O dinheiro que eles gastam com campanhas políticas não tem soma. Quando nós ganhamos Cr\$ 136,00 por dia, Cr\$ 4.080,00 por mês, que o governo paga para nós neste trabalho da emergência para escapar, com o nosso mesmo dinheiro que tomam nosso, só para eleger um deputado é gasto por base geral sessenta milhões de cruzeiros a média por cada um. Esse mundo de dinheiro é adquirido por esses poderes públicos, tudo do povo, através de impostos, inflação e todo tipo de desaforo, para nessas épocas de eleição eles se elegerem de novo e se manterem no poder.

Só porque falaram em aumentar o nosso ganho de Cr\$ 4.080,00 para Cr\$ 5.730,00 em novembro, vamos receber no fim de Dezembro porque sempre só recebemos com 20, 25 dias de atraso, ou seja, do outro mês, já houve aumento dos preços da mercadoria e muito mais do que esses Cr\$ 835,00 que vai aumentar. Ou seja o que eu comprava com Cr\$ 4.080,00 não compro mais com 5.730,00. E outro detalhe: vamos receber com aumento no final do mês de dezembro. E no mês de novembro e dezembro já compramos com o aumento das merca-

dorias, sem o aumento do salário. Vai vem os fornecimentos mais caros, porque vendem fiado por um mês, o arroz de Cr\$ 70,00 o kilo vendem por Cr\$ 100,00 etc. E ainda os descontos, se a gente falta não apontam o dia. Portanto que quando recebemos o cheque não vamos nem no banco, se entrega logo aos patrões.

E assim esses projetos de emergência que dizem que é para ajudar o povo se torna tudo em riquezas para eles mesmos. Todo dinheiro volta pra lá o que fica são as benfeitorias nas propriedades dos patrões. De qualquer jeito só serve mesmo aos ricos.

Tomam descontando no pagamento, tomam nos fornecimentos; juros etc. O povo não pega nem no dinheiro. Depois os açudes, barragens, estradas, casas, arrancamento de tocos, cercados, cacimbas, limpezas de sítios e propriedades, e muitos outros tipos de trabalhos que são feitos nas fazendas e propriedades, por conta desta emergência. Os patrões não gastam nada. Tudo é o governo que paga.

E ainda tem a grande riqueza do voto do povo. E assim por estas e outras razões não precisa mais dizer que a seca é uma industria. Tudo gira em torno de voto e de trabalho. São as duas coisas que saem das nossas mãos e lá na outra classe se transformam em poder e riqueza. Duas coisas que caminham juntas e nunca podem se separarem.

Agora, ironia é esse tal de poder público. Se eu fosse destrinxar como eu vejo isso, daria outro livrinho deste. Porque aí entraria a análise sobre a participação do povo no poder, através do voto, que eles chamam de democracia. Mas o poder público que propositadamente já é poder econômico, e por isso é também poder político de qualquer jeito, porque se o povo não votasse eles eram sempre quem mandavam o Brasil e o mundo. O voto do povo no poder é só uma fantasia, porque de qualquer jeito eles são sempre poder, com voto ou sem voto. Mas o poder público, esses que o povo vota neles, se chamam os representantes do povo. É responsável, estão na frente para resolver os problemas do povo. Por isto têm obrigação de se preocuparem com os problemas do povo. Já que tomaram a frente disso. Mas se fazem alguma coisa, fazem com objetivos políticos, prevendo as próximas eleições. Fazem como campanha política e não como obrigação que assumiram pelo o povo. Quando fazem alguma coisa dizem que é cumprindo com a obrigação porque isso é uma forma de ganharem a confiança do povo. É uma forma de fazer suas campanhas.

A prova que tudo é feito como campanha política, é que tudo que aparece que dizem que é para o povo, vem para as mãos dos políticos, para fazerem sua politicagem. Quando o povo recebe já é com a obrigação de dar o voto em troca. É vendendo seu voto.

Eles fazem tudo que querem porque estão com todo o dinheiro do país e tem todos os instrumentos necessários, porque tudo que existe no país é deles. Daí podem criarem vários tipos de chupetas

para deixar todo mundo de boca calada. Até quem é desconfiado fica perdido em muitas coisas, achando que existe coisas que podemos confiar que é certo. Mas o objetivo de tudo que fazem é conquistar o povo para terem certo o voto deste povo.

E fica todo mundo cercado sem ter saída, sem ter outro caminho, porque o sistema não deixa nada que se possa pensar no mundo, que não teje dentro dos seus domínios. E poucos ou quase ninguém percebe que está cercado. Porque tudo é feito de forma adormecente. Exemplo: todo mundo é obrigado a votar mas ninguém percebe que o voto é obrigado. Como voto para o povo não vale nada, mas o povo pouco percebe que o voto serve muito para os poderosos, é quem dar todo poder dentro deste sistema "democrático" aos poderosos para mandar e governar tudo, e o povo pouco percebe isso, então qualquer coisa que alguém faça pelo povo já ganhou o voto desse povo.

E para votar não existe escolha. A escolha é mesmo eles. Existe outros partidos políticos mas não tem poder nem condição financeira de fazer nada pelo povo. Porque não estão no comando político do país, daí não tem o dinheiro do país. E as campanhas políticas são feitas com o dinheiro do país e tudo que fazem para o povo é feito com o dinheiro do país e com os objetivos de angariar voto do povo.

E como a educação eleitoral do povo é votar em quem está fazendo alguma coisa pelo povo, e votar pelo o que está recebendo, e vendo de quem recebe, é claro que a decisão na hora de votar é para quem já está governando. Os outros partidos não tem chance.

E o direito do povo é só votar. É só entregar esta valorosa mercadoria para dar poder ao sistema dos ricos. O sistema já foi feito para o voto do povo não servir para o próprio povo. Só servir ao sistema dos ricos.

Ainda mesmo que alguém do povo possa se candidatar e se eleger, mas só tem que obedecer ao sistema do poder econômico e político. Ele se elegendo não pode mudar este sistema. Daí ou se enquadra no quadro de dominação do sistema para ser poder também, saindo da sua própria classe, ou se ele quiser defender sua classe, ele é torrado pelo sistema. É espuço, é corrompido, é caçado, é enquadrado como traidor a constituição brasileira. Ou seja: na lei de segurança nacional. Que esse nome pode mudar qualquer momento para outro nome. Só o nome.

Se olharmos direito, veremos que tudo que vem de lá, é com o objetivo de comprar voto. Por prova tudo vem é para as mãos dos políticos. Um exemplo é as bolças de estudos. É entregue aos políticos do município, que entregam aos pais dos alunos ou aos alunos de acordo com seu nível de liderança política, ou se for seu eleitor certo. Assim são os órgãos assistenciais, LBA; que fornece vários ti-

pos de assistencialismo, é comandado por políticos e entregue só por intermédio de políticos para distribuírem ao povo.

Agora o GESCAP, o plano de emergência na seca, é a mesma coisa. Como já vimos antes. Ficam interferindo nos sindicatos de trabalhadores, querendo fornecer ajudas, ou mesmo fornecendo, dando vários tipos de ajudas para o povo por intermédio dos sindicatos, etc.

Até para se falar com o prefeito, é aconselhável pela a portaria que por intermédio de um vereador é mais fácil. Se vamos no GESCAP tratar de uma transferência de um trabalhador, de uma turma para outra, os técnicos mandam a gente trazer ordem de um político; como aconteceu comigo.

Se vai uma pessoa doente para o hospital só é atendido por intermédio de políticos. Para conseguir emprego, ou até documentos é com políticos na frente. Para qualquer problema na justiça, na delegacia da polícia, é com político. E os políticos estão aí de boca aberta para tudo que o povo precisar. Só esperando mesmo.

Agora o que resta é perguntar a nós mesmo.

— Qual é mesmo este nosso compromisso com a classe?

— Com a nossa classe? Comigo mesmo? Com minha família?

Muitos anos virão por aí. E ninguém quer morrer agora. E nem que queira, não pode antes da hora. E nesses muitos anos que virão, virão anos de seca novamente.

— Serar com estes 3 anos de seca seguidos, já não dar para nós pensar como se preparar para outros anos de seca que poderão vir?

— Já que nos 10 ou 15 anos de inverno é difícil pensar como se preparar para uma seca. Por isto a gente nunca soube se preparar para enfrentar uma seca. Agora ela chegou e nós estava despreparado. Não será bom nós pensar nas próximas secas? Ou serar que não vem mais?

— Ou isto não cabe a nós? Cabe mesmo é as autoridades públicas?

— Serar bom nós ficar mesmo do jeito que estamos?

— Aguentando tudo que querem fazer com nós, planos de emergência deste tipo, GESCAP, etc.?

— Assim como os governos e políticos sabem preparar a indústria da seca as nossas custas, serar que nós não sabemos se preparar como classe pobre para se defender destas indústrias e armadilhas dos governos, políticos, e ricos?

Sem precisar ser peças das máquinas das indústrias deles?

— A inteligência é deles, o trabalho é nosso. Será que nunca podemos mudar isto?

— Alguém diz: "Só os ricos tem dinheiro, é quem tem dinheiro que pode fazer tudo", mas precisamos lembrar que o dinheiro que eles tem, sai de nós. Eles tiram tudo de nós. Acho que isso deve ser o nosso primeiro passo da nossa reflexão como classe, para criar o nosso próprio mundo. Para conhecer a nossa força. O mundo deve

ser de quem constrói ele. Tudo que existe no mundo, todas as riquezas que existe, significa o nosso valor. Não tem um vintém a mais. E a nossa classe pobre somos os únicos que não goza de nada disso. Isso sem falar só de terras, mas de tudo que pertence a esse mundo.

— Serar que nós, caboclos pobres, analfabetos, não podemos pensar nisto? Devemos deixar só para os sabidos pensarem? Serar que só gente grande tem inteligência. É só quem sabe pensar?

Era muito bom que nós refletisse todas essas coisas sozinhos, depois com mais alguém, depois com mais outros de nossa classe. Eu fiz estas perguntas e esta história para nos mesmo da nossa classe. Não foi para as outras classe não. Cada classe que faça sua história, como eles já tem muitas. E o pior é que tudo que pensamos e fazemos, já aprendemos deles. Das histórias deles. Nós não pensamos nada da nossa própria história. Da nossa própria vida. E se nós descobrisse-mos a nossa história, a gente via como não dava. Era impossível a nossa classe pensar o que eles ensinam. Era terrivelmente proibido nós pensar do jeito deles. Não podia nem sonhar. Classe rica e classe pobre, são duas histórias totalmente opostas, diferentes. Se juntar as duas só interessa mesmo ao rico. Por isto seria muito bom que a classe rica nunca visse os pensamentos da classe pobre, para nunca saberem que a classe pobre sabe pensar. Porque eles fazem tudo para a nossa classe nunca se organizar. Por isso colocam em nossas cabeças os pensamentos deles. E nós como pensamos que não sabemos pensar, aceitamos tudo que eles ensinam. Só fazemos o que eles pensam e ensinam.

A nossa organização como classe pobre, para se defender dos poderes da classe rica, tem que ser independente da classe rica. Não esperar nem querer nada de poderosos. Nós mesmos temos que lutar para não deixar tomarem das nossas mãos o que é nosso. Nós que construímos tudo, toda riqueza, damos todo poder a classe rica, para que deixar eles tomarem, para depois nós ficar exigindo? Reclamando? Protestando?

Muitas lutas que existe na nossa classe pobre é com estes objetivos: protestos, exigências, reclamações, reivindicações aos poderosos. Porque a nossa luta não é com o objetivo de construir-mos o nosso próprio mundo?

A nossa luta seria mais certa se fosse para não deixar ninguém tomar a nossa força, nossos direitos, nossos produtos. Para tudo que fazemos ser nosso.

Fim

Novembro, 1981.

CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR 4

**Só a gente
que vive
é que sabe**

DEPOIMENTO DE
UMA DOMÉSTICA

O que é a seca

NARRATIVA DE
UM CAMPONÊS

CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR/4 — lançamento da Editora VOZES com o NOVA — contém os depoimentos de uma empregada doméstica e de um camponês nordestino.

Só a gente que vive é que sabe narra — sempre com muita emoção — a luta da doméstica contra a desvalorização a que é submetida. Partindo desta desvalorização, e extraindo dela suas seqüências, a autora pensa a união das domésticas entre si e com os demais trabalhadores.

O que é a seca mostra os mecanismos de dominação acionados a pretexto de combatê-la, principalmente a manipulação em torno da obtenção do voto na área rural. Dado o momento eleitoral que atravessamos esta reflexão torna-se ainda mais oportuna.

Acreditamos que a leitura destes depoimentos irá enriquecer os debates de outros trabalhadores, bem como de todos aqueles que atuam na área da educação popular.



ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

1676-4